

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

José Erivaldo Dantas

**A comunicação “(con)divergente” da problemática ecológica na
inteligibilidade discursiva do Papa Francisco**

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**São Paulo
2023**

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____



Data: 8 de novembro de 2023

e-mail: erivaldodantas@gmail.com

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

D192

Dantas, José Erivaldo
A comunicação "(con)divergente" da problemática ecológica na inteligibilidade discursiva do Papa Francisco / José Erivaldo Dantas. -- São Paulo: [s.n.], 2023.
120p ; cm.

Orientador: Rogério da Costa.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração.

1. Papa Francisco. 2. Ecologia. 3. Análise do discurso. 4. Polarização. I. Costa, Rogério da. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração. III. Título.

CDD

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

José Erivaldo Dantas

**A comunicação “(con)divergente” da problemática ecológica na
inteligibilidade discursiva do Papa Francisco**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Comunicação e Semiótica, na área de concentração, Signo e significação nos processos comunicacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério da Costa.

**São Paulo
2023**

José Erivaldo Dantas

**A comunicação “(con)divergente” da problemática ecológica na
inteligibilidade discursiva do Papa Francisco**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Comunicação e Semiótica, na área de concentração, Signo e significação nos processos comunicacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério da Costa.

Aprovado em: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério da Costa

Profª. Dra. Lucrécia D’Alessio Ferrara

Prof. Dr. João Décio Passos

Prof. Dr. Moisés Sbardelotto

Profª. Dra. Cilene Victor da Silva

À minha mãe (*in memoriam*),
que me ensinou o valor da vida
e me instruiu no caminho da Fé.

O presente trabalho foi realizado parcialmente com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais: Leninha (*in memoriam*) e Diel com quem aprendi a amar, respeitar, acolher, cuidar e rezar.

Aos meus irmãos – Helenilda, Heleneide, Maria de Lourdes, Lenicleide, Edna, Leoneide, Lenaldo, Erinaldo e Erivan – que mesmo distantes me incentivam na caminhada da vida e nas lutas de cada dia.

À Pia Sociedade de São Paulo, congregação religiosa que me acolheu e me permitiu chegar até aqui, desafiando-me na missão de evangelizar na cultura da comunicação.

Ao professor Rogério da Costa, pelas orientações, partilhas, desabafos e por todas as dicas de leituras, que muito enriqueceram a pesquisa.

Aos professores, amigos e colegas do COS.

À CAPES pelo incentivo e concessão de bolsa.

À Cida Bueno, pela atenção na secretaria do COS.

*“Aos gigantes da tecnologia,
que parem de explorar a fragilidade humana,
as vulnerabilidades das pessoas,
para obter lucros”.*

Papa Francisco

RESUMO

Esta tese tem como objetivo compreender porque a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco indicia a ausência de consenso ideológico no ambiente eclesial, provocando uma luta hermenêutica polarizada entre sentidos (con)divergentes. O Papa Francisco tem sido uma das principais vozes na atualidade a se posicionar na defesa do meio ambiente e da proteção do Planeta, chamado por ele de “casa comum”. Esse é um tema caro ao Papa Francisco, que busca estabelecer o diálogo com toda a humanidade, com o objetivo de comprometer a todos na defesa do meio ambiente. Entretanto, existe uma *doxa* cristã que diverge não só dos discursos do Papa Francisco, mas da própria autoridade discursiva do Pontífice, numa troca argumentativa entre proponente e oponentes. Nesse sentido, a presente pesquisa analisa os principais discursos do Papa Francisco sobre o tema da ecologia, relacionando-os com outros referenciais teóricos que ajudam na compreensão do processo de polarização dentro do ambiente eclesial. Para isso, buscar-se-á num primeiro momento, traçar o caminho feito pela Igreja sobre o tema da ecologia, e como esse assunto foi tratado ao longo do tempo, seguindo-se uma análise aprofundada dos discursos do Papa Francisco sobre a problemática ecológica, culminando com a busca pela compreensão da defesa ecológica do Papa Francisco em processos comunicacionais (con)divergentes.

Palavras-chave: Papa Francisco. Ecologia. Análise do discurso. Polarização.

ABSTRACT

This thesis aims to understand why the discursive intelligibility of Pope Francis suggests the absence of ideological consensus within the ecclesial environment, leading to a polarized hermeneutic struggle between (con)divergent interpretations. Pope Francis has been one of the prominent voices in contemporary times advocating for environmental protection and the safeguarding of the planet, which he refers to as the “common home”. This is a subject close to Pope Francis's heart, as he seeks to engage in dialogue with all of humanity with the goal of enlisting everyone in environmental defense. However, there exists a Christian *doxa* that not only diverges from Pope Francis's discourses but also challenges the discursive authority of the Pontiff in an argumentative exchange between proponents and opponents. In this context, this research examines the primary speeches of Pope Francis regarding ecological issues, connecting them with other theoretical frameworks that aid in understanding the process of polarization within the ecclesial environment. To achieve this, the initial step involves tracing the path taken by the Church on the topic of ecology and how it has been addressed over time. This is followed by an in-depth analysis of Pope Francis's discourses on ecological issues, ultimately seeking to comprehend his ecological advocacy in (con)divergent communicative processes.

Key-words: Pope Francis. Environment. Ecology. Discourse analysis. Polarization.

SIGLAS

AL - Apostolorum Limina

AO - Octogesima Adveniens

CA - Centesimus Annus

CFL - Christi Fideles Laici

CV - Caritas In Veritate

DSI - Doutrina Social da Igreja

EG - Evangelii Gaudium

LD – Laudate Deum

LS – Laudato Si’

PG - Pastores Gregis

RN - Rerum Novarum

RH - Redemptor Hominis

SRS - Sollicitudo Rei Socialis

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	9
ABSTRACT	10
SIGLAS	11
INTRODUÇÃO.....	14
1. CAPÍTULO - IGREJA CATÓLICA E ECOLOGIA	17
1. São Francisco de Assis – Século XIII	18
2. São Francisco de Assis, oito séculos depois.....	20
3. A ecologia nos discursos papais	22
3.1 Papa Paulo VI (1963-1978)	23
3.2 Papa João Paulo II (1978-2005)	26
3.3 Papa Bento XVI (2005-2013).....	30
3.4 A ecologia eclesiástica.....	31
4. A interlocução do discurso eclesiástico.....	32
5. A práxis <i>ad extra</i> e a politização <i>ad intra</i> na comunicabilidade eclesial	37
5.1 Práxis <i>ad extra</i>	39
5.2 Politização <i>ad intra</i>	42
6. Francisco, um Papa do “fim do mundo”	46
2. CAPÍTULO - A ECOLOGIA NOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO	49
1. Sobre o cuidado da casa comum.....	50
1.1 Atos de fala do Papa	51
1.2 O diálogo performativo	53
2. Comunicar para um novo estilo de vida	55
3. Semiotização para interlocução	60
3.1 A cultura do relativismo	61
3.2 Relação humanidade e meio ambiente	63
4. A complexidade ecológica	65
5. Para uma ecologia integral	70
6. Comunicação Sinodal	75
3. CAPÍTULO – A DEFESA ECOLÓGICA DE FRANCISCO EM PROCESSOS COMUNICACIONAIS (CON)DIVERGENTES.....	80
1. Comunicação convergente, divergente, (con)divergente	81
2. Papa Francisco e a problemática ecológica	85
2.1 A íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta.....	90
2.2 O olhar da economia e do progresso em defesa do Planeta.....	93

2.3 Contra o consumismo obsessivo, um novo estilo de vida	96
2.4 Crítica às novas formas de poder	98
3. Francisco, um Papa à “esquerda”	100
4. A polarização discursiva em torno do Papa Francisco	104
5. <i>Laudate Deum</i>	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	115

INTRODUÇÃO

A problemática ecológica é um tema que tem desafiado o mundo. Diante da crise climática que assola o Planeta, o Papa Francisco tem se destacado como uma voz que busca chamar a atenção da humanidade sobre a importância de se encontrar meios, modos de frear a degradação ambiental. Sobre esse tema, o Papa Francisco tem desafiado a Igreja a orientar o mundo a mudar o estilo de vida, uma proposta que visa a ajudar a salvar o Planeta, chamado por ele de “casa comum”. Entretanto, embora a iniciativa do Papa esteja respaldada por boas intenções e estudos científicos, seus discursos são muitas vezes submetidos a dúvidas e polarizações no âmbito social e eclesial.

Nesse sentido, a presente tese tem como objetivo aprofundar a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco a respeito da problemática ecológica, a fim de compreender por que os discursos do Pontífice são marcados por embates e afrontamentos ideológicos que minam sua autoridade epistêmica. Com isso se buscará responder os seguintes problemas: Por que a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco leva a uma interpretação (con)divergente da questão ecológica? Por que os discursos do Papa são marcados por polarizações e acusações de desrespeito à doutrina cristã católica?

Diante desses problemas, levantam-se as hipóteses de que a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco indicia a polarização do ambiente eclesial; a polarização ecológica decorrente do discurso do Papa é interpretada ideologicamente; os discursos do Papa levam a uma luta hermenêutica; a luta hermenêutica mina a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco e evidencia a politização do ambiente eclesial; a politização é paralela à dinâmica social no seu conjunto.

A pesquisa foi realizada em três etapas, que embora tenham sido realizadas separadamente, são complementares. Na primeira etapa foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, a fim de compreender a relação Igreja e ecologia. Na segunda, considerou-se o texto em seu contexto, condições de produção e de recepção dos discursos do

Papa Francisco. Já na terceira etapa foi realizado uma análise comparativa dos principais discursos do Papa Francisco sobre o meio ambiente, confrontando-os com outras bibliografias, a fim de confirmar as hipóteses e o objeto epistemológico da tese, de que a luta hermenêutica do sentido dos discursos do Papa Francisco indicia a polarização do ambiente eclesial e mina a inteligibilidade discursiva do Pontífice.

O documento base para o entendimento dos objetivos da presente pesquisa foi a Encíclica *Laudato Si'*: Louvado sejas, sobre o cuidado da casa comum. A partir da *Laudato Si'* foi possível acessar parte da inteligibilidade discursiva do Papa, que ressalta a urgência e o desafio de proteger o meio ambiente, o Planeta. Outro documento, que veio somar à pesquisa, foi lançado no dia 4 de outubro de 2023, a Exortação Apostólica *Laudate Deum*. Com esse documento, o Papa confirma sua preocupação com a crise climática global.

Além desses documentos referenciais, consideraram-se obras de outros autores que ajudaram na fundamentação metodológica e teórica da pesquisa, como Mikhail Bakhtin, que afirma que todo discurso é dialógico, ou seja, é orientado para outra pessoa, no entendimento de que falar é considerar necessariamente a existência do outro; Dominique Maingueneau, que compreende o discurso como processo de construção da realidade social e Eni Orlandi, que trabalha a análise do discurso a partir da busca pelo entendimento de como os objetos simbólicos produzem sentido na realidade.

Os discursos do Papa Francisco foram analisados especialmente a partir do confronto com textos de outros autores como Roger Scruton, filósofo e escritor conservador inglês, cuja obra **Filosofia Verde** apresenta uma visão de meio ambiente diferente da visão do Papa Francisco. Além dele, outro autor importante para a pesquisa foi Norberto Bobbio, que embora não fale de Igreja, sua obra **Direita e Esquerda: razões e significados de uma discussão política** ajudará no entendimento dos conceitos de direita e esquerda e como esses conceitos adentraram efusivamente o ambiente eclesial, provocando uma luta hermenêutica polarizada entre sentidos (con)divergentes.

A tese está dividida em três capítulos. No primeiro buscou-se traçar o caminho da “relação Igreja e Ecologia” através dos discursos pontifícios sobre o tema da ecologia. As primeiras evidências de discursos papais sobre o tema ecologia surgem com o Papa Paulo VI (1963-1978), que afirma que a deterioração do meio ambiente pode acabar numa verdadeira catástrofe ecológica. Depois também os Papas João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013) apresentaram discursos em defesa do meio ambiente. Contudo, é com o Papa Francisco, eleito papa no dia 8 de março de 2013, que o tema ganha força e notoriedade no contexto social e eclesial. Francisco tem se dedicado com afinco à discussão ecológica, a fim de encontrar

meios que ajudem a humanidade a perceber a necessidade de cuidar e proteger o Planeta. No segundo capítulo, buscou-se aprofundar “a ecologia nos discursos do Papa Francisco”, considerando o termo “diálogo” como um dos principais elementos discursivos do Papa Francisco, que tem como fio condutor a necessidade de reorganizar o meio ambiente a partir de um novo estilo de vida. Já no terceiro capítulo, buscou-se aprofundar a análise do discurso a partir da compreensão da “defesa ecológica de Francisco em processos comunicacionais (con)divergentes”, a fim de compreender possíveis motivos que o levam os discursos do Papa a indiciar a polarização no ambiente eclesial.

Acredita-se que o tema dessa tese - A comunicação “(con)divergente” da problemática ecológica na inteligibilidade discursiva do Papa Francisco - seja relevante para o debate acadêmico, não só pela temática em si, a ecologia e defesa do meio ambiente, mas pela própria análise do discurso do Papa Francisco, que se apresenta em um campo marcado por “amor e ódio”. Os discursos de Francisco carregam em si a marca da polarização, por adentrar em campos discursivos extremamente conflitantes. Enquanto o Papa propõe um discurso orientado, a fim de despertar na humanidade uma mudança de hábitos em relação ao Planeta, seu discurso sofre digressões durante o seu percurso de enunciação e recepção.

1. CAPÍTULO - IGREJA CATÓLICA E ECOLOGIA

“... as transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão”.

Cleudemar Alves Fernandes

O surgimento da modernidade foi marcado por grandes transformações. O desenvolvimento da técnica e da ciência deu ao homem o poder de interferir na natureza a fim de tirar dela o maior proveito. Sem pensar muito nas consequências da exploração e seus impactos na vida do Planeta, o homem se tornou refém das próprias ações. Com isso, surge a necessidade de se repensar o seu modo de ser e de agir no mundo, a fim de que a degradação do meio ambiente não venha comprometer ainda mais a vida no Planeta.

Com o desencadeamento da problemática ecológica, a Igreja, através dos discursos papais, em muitos momentos da história se posicionou a respeito do assunto. Entretanto, nenhum papa havia se posicionado tão veementemente em defesa do meio ambiente como o Papa Francisco, que através dos seus discursos busca chamar a atenção da humanidade para a necessidade da construção de uma consciência ecológica, da mudança dos estilos de vida e a percepção da ligação que existe entre todos os seres. Desde o pontificado do Papa Paulo VI o tema da ecologia integra os discursos papais, mas é com Francisco, um Papa do “fim do mundo”, que esse *campo discursivo* ganha expansão comunicacional dentro da Igreja.

Por abordar temas que estão para além de questões teológicas, doutrinárias ou dogmáticas, a produção discursiva do Papa Francisco é marcada por recepções (com)divergentes, interlocutores que convergem ou divergem aos/dos discursos do Papa, criando percepções polarizadas, talvez pelo fato de o Papa não se prender tanto não se ater somente a temas de interesse interno da Igreja, mas buscar através dos seus discursos não separar a vida de fé das questões que norteiam a vida em sociedade. O tema da ecologia faz parte de um grande corpus discursivo do Papa que será analisado no decorrer da presente pesquisa. Nesse primeiro capítulo se buscará entender a relação Igreja Católica e ecologia.

1. São Francisco de Assis – Século XIII

Quando se busca entender a relação Igreja Católica e Ecologia, uma das primeiras referências, sem dúvida, é São Francisco de Assis (1182-1226), um leigo italiano do final do século XII e início do século XIII, fundador da Ordem dos Franciscanos, que revolucionou a religião, a civilização e a sociedade do seu tempo. Francisco criou uma significativa relação de intimidade com a natureza. Ele via toda a criação através da ótica da fraternidade universal, a ponto de chamar todos os elementos da natureza de irmão e irmã. Para Francisco, “todos somos criaturas e todos somos irmãos” (DOUGLE, 1985, p. 56). Essa visão de irmandade universal entre todas as criaturas faz de Francisco uma representação imagética que, mesmo passados quase oitocentos anos de sua morte, ainda continua presente no imaginário coletivo, como referência de cuidado e zelo pela criação¹.

Um dos textos mais emblemáticos da relação de Francisco com a natureza é o *Canto do Irmão Sol ou Louvores das criaturas*, um canto simbólico, que evidencia como São Francisco se sentia interpelado pela natureza. Para ele, tudo que existe tem sua máxima importância na formação e manutenção da vida no Planeta. Francisco via todas as coisas a partir da ótica criacional, ou seja, a partir de um ser maior – Altíssimo, Onipotente – que na sua visão seria o “bom Senhor” criador e mantenedor de todas as coisas.

¹ Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção (cf. Ap 4,9.11).

² Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te.

³ Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas (cf. Tb 8,7), especialmente o senhor Irmão Sol, o qual é dia, e por ele nos iluminas.

⁴ E ele é belo e radiante com grande esplendor, de ti, Altíssimo, traz o significado.

⁵ Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas (cf. Sl 148,3), no céu as formaste claras e preciosas e belas.

⁶ Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo, pelo qual às tuas criaturas das sustentas.

⁷ Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água (cf. Sl 148,4.5), que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

⁸ Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo (cf. Dn 3,66), pelo qual iluminas a noite (cf. Sl 77,14), e ele é belo e agradável e robusto e forte.

⁹ Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra (cf. Dn 3,74), que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas (cf. Sl 103,13.14).

¹⁰ Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam (cf. Mt 6,12) pelo teu amor, e suportam enfermidade e tribulação.

¹ Embora existam outras teorias que discutam o surgimento do universo, a referência aqui apresentada será a teoria criacional, pelo contexto em que se estabelece a discussão da pesquisa. Não se pretende aqui fazer juízo de valor sobre o peso da teoria no ambiente acadêmico.

¹¹ Bem-aventurados aqueles que as suportarem em paz, porque por ti, Altíssimo, serão coroados.

¹² Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar.

¹³ Ai daqueles que morrerem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque *a morte segunda* (cf. Ap 2,11; 20,6) não lhes fará mal.

¹⁴ *Louvai e bendizei* ao meu *Senhor* (cf. Dn 3,85), e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade (TEIXEIRA, 2009, p. 46).

O *Canto do Irmão Sol ou Louvores das criaturas* é um dos textos de Francisco que, embora tenha sido escrito já no final de sua vida, expressa a vivacidade de um homem que deseja harmonizar o universo, porque música é harmonia, de modo que todas as criaturas possam ouvir e sentir umas às outras, como se tudo fizesse parte de um todo e que está interligado uns aos outros. Nesse sentido, Francisco transforma todas as criaturas numa família universal onde, segundo ele, deve prevalecer o amor, o respeito e a fraternidade. No Canto, Francisco

exprime, portanto, uma intimidade, uma familiaridade com as próprias coisas. É a linguagem de um homem que vivia junto às coisas que as sentia existirem com ele, ligadas e aparentemente misteriosamente com o seu destino e a quem as coisas inspiravam verdadeiros sentimentos fraternos (LECLERC, 1977, p. 22).

Não se pretende aqui fazer uma análise discursiva aprofundada do *Canto do Irmão Sol ou Louvores das criaturas*, para isso existem várias literaturas que se propõem a esse respeito, como por exemplo, **O cântico das criaturas ou os símbolos da união**, de Eloi Leclerc, ou a obra de Eric Dougle, **Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal**. O mais importante para a presente pesquisa é perceber como Francisco evoca e celebra várias realidades cósmicas, como o sol, a lua e as estrelas, o vento, a água, o fogo e a terra, a fim de justificar a íntima relação que ele estabelece com a criação. Segundo Dougle, (1985, p. 12), “as verdades e valores que ele [São Francisco] proclamou e segundo os quais viveu, nunca perderão sua atualidade, se é que se pode falar em atualidade. São valores simplesmente essenciais a uma humanidade autêntica, tão indispensáveis quanto o ar que respiramos”.

A partir dessa afirmação de Dougle, pode-se dizer que foram justamente essas verdades e valores que fizeram de São Francisco um santo referencial para as questões relacionadas à ecologia, tanto que em 29 de novembro de 1979, a pedido do Cardeal Sílvio Oddi, o Papa João Paulo II (1978-2005), no segundo ano do seu pontificado, nomeou-o Patrono da Ecologia². Do

² Cf. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1979/documents/hf_jp-ii_apl_19791129_inter-sanctos.html Acessado em: 13 de nov. de 2020.

mesmo modo, pode-se também dizer que quando o então Cardeal argentino Jorge Mário Bergoglio foi eleito Papa, em 13 de março de 2013, e assumiu o nome de Francisco, ele “resgatou” no século XXI a força e a vivacidade desse santo revolucionário da Idade Média, mostrando que as suas intuições e desejo de mudança social e eclesial continuam a fazer sentido no tempo presente. É o que veremos mais adiante.

São Francisco é na Igreja a primeira referência no que diz respeito a relação Igreja e Ecologia, entretanto, ele não deixou qualquer tratado sobre o assunto, mesmo porque no seu tempo ainda não se tinha a compreensão do que seria degradação/preservação do meio ambiente. Francisco é um homem da Idade Média, tempo em que a natureza era vista a partir dos quatro elementos, terra, água, fogo e ar, e a Terra era considerada o centro do universo. Ou seja, “dos mais instruídos aos mais ignorantes degrada-se uma mesma visão do universo” (LE GOFF, 2016, p. 123). Contudo, a visão de unidade de Francisco, segundo a qual todas as coisas estão interligadas umas às outras, é a forma como se percebe hoje o universo, de modo que as ações do homem num determinado lugar pode ter sérias consequências em todo o Planeta. Mas afinal, depois de São Francisco, início do século XIII, quando surgem na Igreja os primeiros discursos, os primeiros questionamentos e preocupações a respeito dos efeitos das ações humanas e suas consequências no meio ambiente? É o que pretende apontar esse primeiro capítulo da pesquisa, a fim de entender o papel do Papa Francisco hoje na defesa do meio ambiente.

2. São Francisco de Assis, oito séculos depois

Apenas no século XX, ou seja, aproximadamente oito séculos depois de São Francisco, surge na Igreja, com o Papa Paulo VI (1963-1978), as primeiras sinalizações do início de uma preocupação com a questão ecológica, motivadas principalmente pelas consequências do progresso industrial que começou no final do século XVIII, ou seja, foram preciso quase dois séculos para se perceber que o progresso industrial e a exploração descontrolada da natureza estavam trazendo sérias consequências ao meio ambiente e, conseqüentemente, a toda espécie de vida do Planeta. Mas se quisermos fixar uma data, pode-se dizer que a partir da década de 1970³ as discussões sobre a necessidade do cuidado com o meio ambiente começam a aparecer nos *discursos papais* de forma mais objetiva, a fim de chamar a atenção para as consequências

³ No final dos anos 60 e início dos anos 70, o movimento *hippie* manifesta-se a favor da natureza. Na década de 1970, a poluição e o alerta contra o esgotamento dos recursos naturais começam a trazer preocupações aos governantes (GUIMARÃES, 2015, p.9).

da degradação do meio ambiente. Antes desse período não há nenhum registro nos discursos papais sobre a temática. Discutir a degradação do meio ambiente ainda não era uma preocupação de grande relevância nem social, muito menos eclesial. A sociedade ainda estava inebriada com a expansão industrial e as possibilidades que isso poderia trazer, sem pensar muito nas consequências a curto ou a longo prazo.

É a partir dos discursos do Papa Paulo VI que a temática ecológica surge como uma preocupação eclesial. Com discursos orientados, o Papa busca chamar atenção para a necessidade de uma mudança comportamental, a fim de garantir a sobrevivência da humanidade e da vida no Planeta. Nesse sentido,

o discurso é ‘orientado’ não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor, mas também porque se desenvolve no tempo, de maneira linear. O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar (MAINGUENEAU, 2018, p.59).

Embora todo discurso seja orientado e se desenvolva de forma linear, Maingueneau (2018) afirma que o discurso também pode se desviar no seu curso e perder a sua linearidade, voltar a sua direção inicial ou até mesmo perder a sua direção, dependendo de como o enunciador sustenta e mantém o seu discurso, ou mesmo a partir da forma como o interlocutor interpreta o discurso recebido, porque “falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo” (MAINGUENEAU, 2018, p. 59-60). Nesse sentido, os discursos papais visam não apenas uma representação do mundo, mas uma forma de ação, não só sobre os fiéis católicos, mas também sobre o mundo, tendo em vista a própria definição do adjetivo católico, que significa universal. Posto isso, pode-se dizer que os discursos papais podem desenvolver a sua forma linear, ou seja, seguir o seu curso, ou perder a sua linearidade dependendo da composição interlocutiva. Porque “a interpretação se processará segundo os parâmetros que são próprios ao receptor, e que não foram necessariamente postulados pelo sujeito informador” (CHARAUDEAU, 2013, p. 42-43).

A consciência ecológica é relativamente jovem, um pouco mais de cinquenta anos de discussão, a participação da Igreja nesse *campo discursivo*⁴ é relativamente significativa, tendo em vista a *autoridade* epistêmica papal. Ou seja, a influência social e eclesial que tem o Papa pelo posto que ocupa como Bispo de Roma, e que, portanto, legitima o seu discurso. Mesmo porque “em argumentação, a aceitação de um ponto de vista ou de uma informação é fundada

⁴ “Termo introduzido por Maingueneau (1983: 15), juntamente com universo discursivo e espaço discursivo. Essa noção – que mantém relações com a teoria dos ‘campos’ desenvolvidas pelo sociólogo Bourdieu (1976) – é solidária do princípio do primado do interdiscurso sobre o discurso” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p.91).

na autoridade se é reconhecida não pelo exame da conformidade do enunciado com as próprias coisas, mas em função da fonte e do canal pelos quais a informação foi recebida” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p.86). Isso do ponto de vista da argumentação, porque, “um discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar o qual ele deve traçar seu caminho” (MAINGUENEAU, 2018, p.62).

3. A ecologia nos discursos papais

Todo discurso parte de um “texto”⁵, todo texto é contextualizado pelo contexto narrativo. Ou seja, “o discurso citado e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas. É impossível compreender qualquer forma de discurso citado sem levá-las em conta” (BAKHTIN, 2006, p. 151). Embora possa parecer óbvio, o contexto aqui diz respeito ao modo como o discurso é socialmente construído, no caso da presente pesquisa, como o discurso é eclesialmente construído. Ou seja, assim como a própria “análise do discurso” surge num determinado momento da história⁶, criado por um sujeito, assim são os discursos e seus respectivos elementos, que surgem em contextos diversos, por sujeitos vários, a partir dos elementos próprios do seu contexto. Não é questão de moldura, mas o modo como o contexto “dita” os elementos simbólicos dos discursos. Quando se trata do ambiente eclesial, os discursos tendem a assumir os elementos próprios do seu contexto, conforme a necessidade e o entendimento do Papa em seu vigente pontificado, assegurado de que tais elementos são necessários para compor o seu discurso, e de que esses elementos são importantes para dirigir o seu discurso e o seu pontificado à algum lugar.

Os discursos papais são marcados pela história, ou a história é marcada pelos discursos papais, a diferença consiste na interlocução ou na ação que o discurso papal estabelece sobre o outro.

Cada Papa, ao longo da história, deixou a sua marca. Cada marca é fruto do seu próprio tempo e contexto, religioso, político e social. A marca de Pedro, primeiro Papa, não é a mesma de Lino, que não é a mesma de Paulo VI, que não é a mesma de Francisco, 266º Papa da Igreja Católica, simultâneo a um Papa vivo, emérito. Por isso, para entender o papel de cada Papa ao longo da história, é necessário compreender o contexto religioso e social, as exigências do seu tempo, os conflitos internos e externos

⁵ A palavra “texto”, apesar da definição corrente – “todo discurso fixado pela escritura” (Ricoeur: 137) – não se remete prioritariamente à escrita (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p.466)

⁶ O termo “análise do discurso” foi introduzido pelo linguista distribucionalista Zellig S. Harris (1909-1992sic), em um artigo intitulado exatamente “Discourse Analysis” (Harria, 1952), no qual “discurso” designava uma unidade linguística construída de frases; de um texto, portanto (MAINGUENEAU, 2015, p.15-16).

da Igreja, que marcaram a sua tomada de posição e definiram o seu pontificado (DANTAS, 2019, p.13).

O foco da presente pesquisa, como o próprio título destaca, são os discursos do Papa Francisco, entretanto, antes de analisar os seus discursos, pretende-se desenvolver aqui, um “mapa” cronológico dos discursos papais a partir de 1970, a respeito do tema da ecologia. A justificativa da data tem que ver com as primeiras evidências da abordagem ecológica nos discursos papais sobre ecologia que são de 1970. De 1970 até 2013, ano da eleição do Papa Francisco, quatro papas o antecederam – Papa Paulo VI (1963-1978), Papa João Paulo I (1978), que ficou no pontificado por apenas 33 dias, Papa João Paulo II (1978-2005), um dos pontificados mais longos da história, quase 27 anos, e Papa Bento XVI (2005-2013), que antecipou a sucessão apostólica com a renúncia em 28 de fevereiro de 2013, dando lugar ao seu sucessor, Papa Francisco, nomeado em 13 de março de 2013.

3.1 Papa Paulo VI (1963-1978)

A primeira evidência do tema da ecologia nos discursos papais tem a data de 16 de novembro de 1970, quando o Papa Paulo VI, em visita à sede da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - FAO⁷, em seu discurso, reconhece o trabalho da instituição que, segundo ele, nasceu para agir motivada principalmente pela fraternidade universal, tendo em vista que “a miséria cresce cada vez mais e, enquanto um pequeno número de homens goza de recursos múltiplos e constantemente crescentes, uma parte cada vez mais considerável da humanidade continua a ter fome de pão, de educação, e sede de dignidade” (PAULO VI, Papa, 1970), por isso a importância de uma instituição capaz de olhar para essa grande parcela da população desprovida do necessário para viver.

A FAO é uma agência da ONU, cuja principal missão é o cuidado e o desenvolvimento agrícola, a fim de ajudar a humanidade no combate à fome e a pobreza. Reconhecendo a importância da instituição, o Papa Paulo VI motivou a FAO a seguir com seus propósitos, a fim de que “o progresso econômico seja acompanhado do desenvolvimento social” (PAULO VI, Papa, 1970). Na ocasião, o Papa motivou a FAO a expandir o seu trabalho pelo resto do mundo⁸.

⁷ Fundada em 16 de outubro de 1945, em Roma, Itália, a FAO (sigla do inglês que significa *Food and Agriculture Organization*), é uma das agências das Nações Unidas que trabalha no combate à fome e à pobreza, promove o desenvolvimento agrícola, a melhoria da nutrição, a busca da segurança alimentar e o acesso de todas as pessoas, em todos os momentos, aos alimentos necessários para uma vida saudável. Reforça a agricultura e o desenvolvimento sustentável, como estratégia a longo prazo, para aumentar a produção e o acesso de todos aos alimentos, ao mesmo tempo em que preserva os recursos naturais (cf. FAO NO BRASIL, 2021).

⁸ Sediada em Roma (Itália), hoje a FAO está presente em mais de 130 países.

Para isso, apresentou alguns métodos que seriam importantes para atingir tais objetivos como, por exemplo, “uma utilização mais racional dos recursos materiais básicos; um aproveitamento, concebido melhor, das terras e das águas, das florestas e dos oceanos; uma produtividade maior das culturas, da criação de gado e da pesca proporcionam, certamente, a obtenção de provisões maiores e de qualidade melhor” (PAULO VI, Papa, 1970). O método apresentado pelo Papa em seu discurso à FAO, faz parte de uma manifestação pública da preocupação do Pontífice com o modo como a intervenção humana na natureza, tem gerado danos irreparáveis ao meio ambiente, de modo que “se a humanidade quiser ter uma garantia da sua sobrevivência, [necessitará] de uma radical mudança no seu comportamento” (PAULO VI, Papa, 1970).

Segundo o Papa, o aumento demográfico, desencadeou a necessidade de encontrar soluções técnicas para suprir a necessidade de consumo, nesse sentido chama a atenção para o fato de que, a busca pelo

melhoramento da fertilidade do solo, a disposição racional da irrigação, a reunião das fracções de terreno, a valorização das zonas pantanosas, a tentativa de selecionar os vegetais e a introdução de variedades de cereais,... Mas, a um ritmo acelerado, a realização concreta destas possibilidades técnicas não se verifica sem causar nocivas repercussões no equilíbrio do nosso ambiente natural, e a deterioração progressiva daquilo que convencionalmente se chama ‘meio ambiente’, sob o efeito dos contragolpes da civilização industrial, corre o risco de acabar numa verdadeira catástrofe ecológica (PAULO VI, Papa, 1970).

“Catástrofe ecológica” talvez seja a grande palavra de peso no discurso de Paulo VI à FAO, que assim como São Francisco, afirma que tudo está interligado, e que se medidas não forem tomadas num futuro não muito distante, a humanidade e toda espécie de vida do Planeta, corre o risco de aniquilação por completo.

No ano seguinte, em 1971, o Papa Paulo VI, lançou a Carta Apostólica, *Octogesima Adveniens* (OA), em comemoração ao 80º aniversário da *Rerum Novarum*⁹, a fim de apresentar

⁹ A encíclica *Rerum Novarum* (RN), foi escrita pelo Papa Leão XIII em 1891, que diante do progresso industrial, e observando a difícil realidade dos operários, decide dirigir-lhes uma palavra. O Papa inicia a encíclica dizendo que “a sede de inovações, que há muito tempo se apoderou das sociedades e as tem numa agitação febril, devia, tarde ou cedo, passar das regiões da política para a esfera vizinha da economia social. Efetivamente, os progressos incessantes da indústria, os novos caminhos em que entraram as artes, a alteração das relações entre os operários e os patrões, a influência da riqueza nas mãos dum pequeno número ao lado da indigência da multidão, a opinião enfim mais avantajada que os operários formam de si mesmos e a sua união mais compacta, tudo isto, sem falar da corrupção dos costumes, deu em resultado final um temível conflito.

Por toda a parte, os espíritos estão apreensivos e numa ansiedade expectante, o que por si só basta para mostrar quantos e quão graves interesses estão em jogo. Esta situação preocupa e põe ao mesmo tempo em exercício o génio dos doutos, a prudência dos sábios, as deliberações das reuniões populares, a perspicácia dos legisladores e os conselhos dos governantes, e não há, presentemente, outra causa que impressione com tanta veemência o espírito humano.

algumas preocupações da Igreja em relação às transformações pelas quais o mundo vinha passando. Na carta, uma de suas preocupações diz respeito ao meio ambiente, que segundo o Papa, “de um momento para outro, o homem toma consciência dela [natureza]: por motivo da exploração inconsiderada da natureza, começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação” (OA 21). O próximo registo nos discursos do papa Paulo VI a respeito da ecologia, é de 1974, na Bula *Apostolorum Limina* (AL), pela qual proclama o Ano Santo de 1975. Em um dos pontos do documento, o Papa fala de coisas que segundo o pontífice tem agitado e atormentado a humanidade, e afirma que uma delas é a questão ecológica:

Na verdade, no mundo de nossos tempos, as questões que mais perturbam e afligem a humanidade - questões econômicas e sociais, questões ecológicas, questões de recursos energéticos, e especialmente a libertação dos oprimidos e a elevação de todos os seres humanos à plena dignidade de vida - parecem ser iluminadas por esta mesma mensagem do Ano Santo. (AL V).

Ainda é possível encontrar o termo ecologia em outros discursos do Papa Paulo VI, contudo, ele faz uma analogia, entre o sentido do termo com o aspecto religioso cristão, como por exemplo, *ecologia espiritual*, *ecologia moral*, *ecologia humana* e *ecologia dos costumes*. São expressões que tem que ver com o modo como os cristãos devem viver a vida de fé em relação à doutrina cristã católica, sem se desvirtuar dos princípios e normas que regem a vida da Igreja. Se pensar que a ecologia é buscar meios, soluções para proteger a vida no Planeta, quando o Papa assume tais expressões, ele está incentivando os cristãos a proteger a fé cristã diante do mundo em transformação.

Onze anos depois da morte do Papa Paulo VI, Félix Guattari escreveu o livro *Les trois écologies*, que foi traduzido no Brasil com o título, “*As três ecologias*”. Assim como o Papa Paulo VI, Guattari também fala de outras ecologias - *ecologia social*, *ecologia mental* e *a ecologia ambiental* - sob a égide de ético-estética de uma ecosofia. São três ecologias que têm que ver com “a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico” (GUATTARI,

É por isto que, Veneráveis Irmãos, o que em outras ocasiões temos feito, para bem da Igreja e da salvação comum dos homens, em Nossas Encíclicas sobre a soberania política, a liberdade humana, a constituição cristã dos Estados [*] e outros assuntos análogos, refutando, segundo Nos pareceu oportuno, as opiniões errôneas e falazes, o julgamos dever repetir hoje e pelos mesmos motivos, falando-vos da Condição dos Operários. Já temos tocado esta matéria muitas vezes, quando se Nos tem proporcionado o ensejo; mas a consciência do Nosso cargo Apostólico impõe-Nos como um dever tratá-la nesta Encíclica mais explicitamente e com maior desenvolvimento, a fim de pôr em evidência os princípios duma solução, conforme à justiça e à equidade. O problema nem é fácil de resolver, nem isento de perigos. E difícil, efetivamente, precisar com exatidão os direitos e os deveres que devem ao mesmo tempo reger a riqueza e o proletariado, o capital e o trabalho. Por outro lado, o problema não é sem perigos, porque não poucas vezes homens turbulentos e astuciosos procuram desvirtuar-lhe o sentido e aproveitam-no para excitar as multidões e fomentar desordens” (RN 1).

2001, p.8). Nesse sentido, Guattari faz um convite a pensar transversalmente, porque a natureza não pode ser separada da cultura (cf. GUATTARI, 2001, p.25). Na ecosofia, está em jogo a necessidade de criar práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser e de agir no mundo (cf. GUATTARI, 2001, p.15).

3.2 Papa João Paulo II (1978-2005)

Antes do Papa João Paulo II, havia sido eleito Papa, em 26 de agosto de 1978, o Cardeal Albino Luciani, que assumiu o nome de João Paulo I, mas faleceu 33 dias após ser eleito. Na tarde de 16 de outubro, depois de oito escrutínios, o Cardeal Karol Wojtyła foi eleito Papa, assumindo o nome de João Paulo II, adotando o mesmo nome do seu brevíssimo predecessor. O Papa João Paulo II, até pelo longo pontificado, quase 27 anos, teve a oportunidade de abordar e explorar muitos temas nos seus discursos. O tema da ecologia/meio ambiente aparece em muitos dos seus documentos, talvez não seja o caso de abordar todos aqui, mas interessa à pesquisa, entender como o Papa aborda a temática e o modo como ele direciona o discurso ecológico durante o seu pontificado.

Nos últimos tempos, é comum, logo no início do ministério do Sumo Pontífice, o Papa eleito publicar uma carta encíclica, um documento programático que de alguma forma dá as linhas gerais do caminho por onde o Papa deseja direcionar o seu pontificado. Quase seis meses após ser eleito Papa, João Paulo II, publicou a encíclica *Redemptor Hominis* (RH), que coloca o Cristo como centro do cosmos e da história e redentor do homem. Na encíclica o Papa manifesta sua preocupação com a virada do milênio, com a chegada do ano dois mil e os desafios que se apresentam. Entre esses desafios está “a ameaça do inquinamento do ambiente natural nos locais de rápida industrialização” (RH 8). O Papa fala, portanto, de uma mancha, uma nódoa que tem se espalhado, prejudicando o ambiente natural, de modo que o próprio homem parece estar ameaçado por aquilo que ele mesmo produz.

Este estado de ameaça contra o homem, da parte dos seus mesmos produtos, tem várias direções e vários graus de intensidade. Parece que estamos cada vez mais cónscios do facto de a exploração da terra, do planeta em que vivemos, exigir um planeamento racional e honesto. Ao mesmo tempo, tal exploração para fins não somente industriais, mas também militares, o desenvolvimento da técnica não controlado nem enquadrado num plano com perspectivas universais e autenticamente humanístico, trazem muitas vezes consigo a ameaça para o ambiente natural do homem, alienam-no nas suas relações com a natureza e apartam-no da mesma natureza. E o homem parece muitas vezes não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles somente que servem para os fins de um uso ou consumo imediatos (RH 15).

O homem alienado na sua relação com a natureza, é isso o que segundo o Papa João Paulo II tem acontecido, desde que a técnica surgiu, sem planejamento e sem perspectivas humanísticas, quebrando a harmonia entre o homem e o seu ambiente natural, provocando uma ameaça ao próprio homem e a sua existência na terra. O Papa não critica o progresso, a única questão que ele coloca é saber se de fato, o progresso torna a vida humana, mais humana ou não (cf. RH 15).

No dia da paz, em 1979, o Papa falou que a contribuição da família humana para a construção da paz seria se esforçar para uma gestão solidária do ambiente comum da humanidade, contra todas as demagogias ambientais, a fim de se buscar um modo de vida mais simples e acolhedor. No ano seguinte, em 1980, o Papa fez uma viagem apostólica à África. Na celebração campal, em frente a Catedral de Uagadugu, capital de Burkina Faso o Papa considerando o que está escrito no livro do Genesis¹⁰, disse que Deus confiou ao homem a natureza, e que o homem deve, portanto, esforçar-se para respeitá-la. Entretanto, o Papa fala que “grandes progressos foram realizados no domínio da ecologia... Mas resta muito a fazer para educar o homem a respeitar a natureza, a preservá-la e a melhorá-la, e também para reduzir ou prevenir as consequências das chamadas calamidades ‘naturais’” (JOÃO PAULO II, 1980). Percebe-se aqui que o termo “ecologia” ainda não é bem definido, às vezes usa-se como referência à natureza como um todo, e aqui aparece como uma espécie de campo de estudo das ciências naturais. Considerando que a década de 1970 é quando o assunto meio ambiente/ecologia aparece nos discursos papais, em 1980 passaram-se apenas dez anos dos primeiros discursos, ou seja, houve pouco tempo para compreender a complexidade da temática.

De 1980 a 1987, percebe-se uma certa lacuna nos discursos do Papa João Paulo II a respeito da Ecologia. Talvez porque nesse período a Igreja vive um grande dilema, que é entender com mais profundidade uma nova teologia que está em desenvolvimento na América Latina, a Teologia da libertação, uma teologia da práxis, que tem como opção preferencial, os pobres. Cercada por dúvidas e incompreensões, principalmente por parte da Igreja de Roma, que julgava que a Teologia da libertação havia se afastado gravemente da fé da Igreja para assumir de maneira a-crítica, a ideologia marxista, a Igreja agiu condenando teólogos e toda e qualquer expressão da Teologia da libertação, “de modo que Teologia da libertação e marxismo

¹⁰ “E Deus disse: ‘façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que eles dominem os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e toda a terra e também todos os bichinhos que se remexem sobre a terra’” Gn 1,26 (BIBLIA PASTORAL, 2015).

se tornaram quase ou mesmo sinônimos” (DANTAS, 2019), e o reflexo disso se comprovará nos anos seguintes, com toda e qualquer referência ao termo Teologia da libertação.

Passado esse período de “aridez” discursivo no âmbito ecológico, em julho de 1987, o Papa esteve em visita Pastoral à Diocese de Belluno-Feltre, uma comuna italiana, da região de Vêneto. Por ocasião da festa de São Giovanni Gualberto, o Papa celebrou a missa e na homilia enfatizou que

é sabido que hoje é urgente difundir a consciência do respeito pelos recursos do nosso planeta. Todos estão envolvidos nela, pois a terra que habitamos revela cada vez mais a sua unidade intrínseca, de forma que os acontecimentos inerentes à conservação do seu património dizem respeito a todos os povos indistintamente. A conservação e valorização do património florestal de qualquer área é fundamental para a manutenção e recomposição dos equilíbrios naturais indispensáveis à vida. Isso deve ser afirmado ainda mais hoje, enquanto nos damos conta da urgência de uma reviravolta decisiva em todos aqueles comportamentos que levam a formas preocupantes de poluição. Cada homem é obrigado a evitar iniciativas e ações que possam afetar a pureza do meio ambiente, e desde as plantas, como um todo, é um compromisso moral do cristão cuidar da terra “para que frutifique e se torne uma habitação digna da família humana universal” (Gaudium et Spes, 57). (JOÃO PAULO II, 1987).

O Papa fala da urgência de se difundir a consciência entre todos os homens, da necessidade da preservação do meio ambiente e da importância de que todos se sintam comprometidos a rever os próprios hábitos, a fim de que a vida no Planeta não seja comprometida pelos atos inconsequentes do próprio homem. Ainda em dezembro de 1987, o Papa publicou a carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (SRS), a solicitude social, porque segundo o Papa, um dos papéis da Igreja é o “desenvolvimento autêntico do homem e da sociedade” (SRS 1). Na carta o Papa fala de sinais negativos e positivos do tempo presente. No que diz respeito à difusão da consciência sobre a necessidade do cuidado com os recursos naturais do Planeta, o Papa assume uma postura otimista no seu discurso e destaca que

entre os sinais positivos do tempo presente é preciso registrar, ainda, uma maior consciência dos limites dos recursos disponíveis e da necessidade de respeitar a integridade e os ritmos da natureza e de os ter em conta na programação do desenvolvimento, em vez de os sacrificar a certas concepções demagógicas do mesmo. É, afinal, aquilo a que se chama hoje preocupação ecológica (SRS 26).

Percebe-se que nos discursos do Papa João Paulo II, um dos pontos-chaves é a busca pela construção de uma consciência coletiva, sobre a necessidade do cuidado com o ambiente natural, tendo presente o que ele mesmo afirma, que um dos papéis da Igreja é a formação do ser humano e da sociedade. Os discursos do Papa têm como pressuposto o livro do Gênesis, por isso em muitos momentos ele se refere ao fato de que o homem deve cuidar daquilo que “recebeu do próprio Deus”. Na exortação apostólica de 1988 *Christi Fideles Laici* (CFL), por

exemplo, o Papa diz que o homem recebeu do próprio Deus a missão de dominar as coisas criadas e, por isso, esta é uma tarefa que “o homem deve desempenhar no respeito pela imagem divina que recebeu e, portanto, com inteligência e com amor: deve sentir-se responsável pelos dons que Deus lhe deu e continuamente lhe dá” (CFL 43).

São vários os documentos do Papa João Paulo II, que abordam a questão da ecologia, que de alguma forma manifestam a preocupação do pontífice com a realidade da degradação do meio ambiente. Em comemoração aos 80 anos da *Rerum Novarum* – encíclica escrita pelo papa Leão XIII em 1891 –, o Papa Paulo VI escreveu a encíclica, *Octogesima Adveniens*. E em 1991, para celebrar os cem anos, o Papa João Paulo II, escreveu a encíclica *Centesimus Annus* (CA). Na encíclica, o Papa João Paulo II busca compreender o passado, a fim de olhar para o futuro, e nesse olhar, segundo o Papa, existe um problema extremamente imbricado na questão ecológica, o consumismo. Para o Papa, “o homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida. Na raiz da destruição insensata do ambiente natural, há um erro antropológico, infelizmente muito espalhado no nosso tempo” (CA 37).

Outro ponto a ser destacado nos discursos do papa João Paulo II, é que em várias mensagens suas para o dia mundial da paz, dia 1º de janeiro, o Papa relaciona a Paz com a questão ambiental. Foi assim em 1979, depois na mensagem de 1999, quando o Papa relacionou a paz com um meio ambiente seguro, que segundo ele o presente e o futuro dependem da salvaguarda da criação, de modo que segundo o Papa o ser humano deve estar no centro da atenção pelo meio ambiente, a fim de fomentar a responsabilidade de todos no uso sensato dos recursos naturais. Também nos os dois mil, o Papa fez questão de dizer que a paz é possível, desde que haja relações harmoniosas entre as pessoas e os povos, de promoção do homem e de respeito pela natureza¹¹.

Um dos últimos documentos do Papa João Paulo II a trazer a questão ecológica com ênfase para o discurso público foi exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Gregis* (PG), de 2003, em que o Papa fala sobre o respeito pelo ambiente e a salvaguarda da criação. Segundo o Papa, uma das questões que impactam na questão ecológica é a falta de respeito à vida, porque muitas vezes os interesses econômicos são colocados acima do bem de cada pessoa. Por isso o Papa fala da necessidade de uma “conversão ecológica” (cf. PG 70), termo que será depois retomado pelo Papa Francisco.

¹¹ Cf. Mensagem do Papa João Paulo II, para a celebração do XXXIII dia mundial da paz. 1º de janeiro de 2000.

3.3 Papa Bento XVI (2005-2013)

O Papa Bento XVI é conhecido por sua alta capacidade teológica, um grande teólogo dos últimos tempos, com inúmeras obras publicadas na área. Mas ao mesmo tempo é lembrado, por querer devolver à Igreja um tempo que já não existe mais, o tempo da “Igreja poder”, acima de tudo e de todos, inclusive com o retorno das celebrações em latim e a permissão para uso de paramentos litúrgicos que haviam sido abandonadas desde o Concílio Vaticano II. Contudo, para além desse dado, o que interessa à pesquisa, é perceber nos seus discursos como o Papa lida com o tema da ecologia/meio ambiente.

Bento XVI foi eleito Papa em 19 de abril de 2005, ao longo do seu pontificado, em muitos momentos dos seus discursos, aparecem inferências a respeito do meio ambiente. Embora os discursos papais carreguem o peso de “credibilidade institucional”, é necessário que os argumentos sejam contundentes para atingir o interlocutor, de modo que o discurso seja direcionado para o seu objetivo final. Quando se observam as inferências do Papa Bento XVI a respeito da ecologia, a impressão que fica é que os discursos são como que pinceladas com pouca tinta sobre o assunto, nada muito expressivo em relação à complexidade da temática.

Contudo, de todos os discursos do Papa Bento XVI, talvez o mais significativo em relação ao tema seja o que ele escreveu na encíclica *Caritas In Veritate* (CV), a caridade na verdade, publicada em 29 de junho de 2009. Geralmente os discursos papais sobre o meio ambiente sempre terão como ponto de partida o reconhecimento de um ser maior – chamado de Deus – que criou e doou esse ambiente ao ser humano para cuidar (cf. CV 48). Um dado que não cabe discutir aqui. Na encíclica, o Papa afirma que “as modalidades com que o homem trata o ambiente influem sobre as modalidades com que se trata a si mesmo, e vice-versa” (CV 51), e, da mesma forma, não pode ignorar as futuras gerações e, por isso, o Papa diz que “a comunidade internacional tem o imperioso dever de encontrar as vias institucionais para regular a exploração dos recursos não renováveis, com a participação também dos países pobres, de modo a planificar em conjunto o futuro” (CV 49). Na mesma perspectiva do Papa João Paulo II, o Papa Bento XVI também acredita que o consumismo é um dos grandes vilões da degradação do meio ambiente, e que a sociedade precisa mudar de mentalidade e assumir um novo estilo de vida. Nesse sentido, quanto ao papel da Igreja, o Papa afirma que

a Igreja sente o seu peso de responsabilidade pela criação e deve fazer valer esta responsabilidade também em público. Ao fazê-lo, não tem apenas de defender a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos, mas deve sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo. Requer-se uma espécie de ecologia do homem, entendida no justo sentido. De facto, a degradação da natureza está

estritamente ligada à cultura que molda a convivência humana: quando a “*ecologia humana*” é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a *ecologia ambiental*. Tal como as virtudes humanas são intercomunicantes, de modo que o enfraquecimento de uma põe em risco também as outras, assim também o sistema ecológico se rege sobre o respeito de um projeto que se refere tanto à sã convivência em sociedade como ao bom relacionamento com a natureza (CV 51).

O Papa Bento XVI, portanto, acredita que para defender o meio ambiente é necessário, antes de tudo, uma “ecologia do homem”, entretanto, essa ecologia precisa ser entendida de *forma justa*. Mas afinal, o que significa “ecologia do homem” e por que é necessário compreendê-la de “forma justa” ou “no justo sentido”? Com a “ecologia do homem” o Papa quer afirmar que da mesma forma que se pensa em meios de se preservar a natureza, é necessário também pensar em meios para preservar a vida do homem, por isso o termo “ecologia do homem”. Ou seja, para o Papa, “se não é respeitado o direito à vida e à morte natural, se se tornam artificiais a concepção, a gestação e o nascimento do homem, se são sacrificados embriões humanos na pesquisa, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o de ecologia ambiental” (CV 51). É esse o sentido de “compreensão justa” que o Papa pede. Talvez porque o Papa acaba entrando em um campo complexo de discussão que extrapola a complexidade discursiva sobre o meio ambiente.

Ao relacionar o meio ambiente com o que chama de “ecologia do homem”, Bento XVI entra em temas abstrusos que podem direcionar o seu discurso para outros campos e tirar o foco do discurso ecológico, além de problematizar a questão para uma discussão que vai além da questão ambiental. Principalmente por trazer para o debate aspectos doutrinários da fé cristã católica, que podem conflitar com a discussão sobre o processo de degradação do meio ambiente, a ponto de perder o peso discursivo dentro da perspectiva ambiental. Para o Papa a importância da ecologia é algo indiscutível, mas “a ecologia humana é uma necessidade imperativa” (BENTO XVI, Papa, 2011). Por trás do imperativo está a busca por uma “moral”, que dialogue com a doutrina católica, porque para o Papa é inconcebível defender o meio ambiente, e ao mesmo tempo defender o aborto, concepções artificiais, discussão de gênero, temas que segundo o Papa “avilta a pessoa, transtorna o ambiente e prejudica a sociedade” (CV 51).

3.4 A ecologia eclesial

Desde aproximadamente 1970, portanto, o tema da ecologia permeia os discursos pontifícios até os dias atuais. Através da ótica cristã, os Papas apresentam a temática

manifestando preocupação sobre o modo como o meio ambiente tem sofrido com as interferências do próprio homem, que motivado pelo desenvolvimento tecnológico, industrial e econômico, exploram os recursos naturais sem pensar nas consequências das suas próprias ações. Embora os Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI apresentem a problemática ecológica nos seus discursos, é com o Papa Francisco, eleito papa no dia 8 de março de 2013, que o tema ganha força e notoriedade no contexto social e eclesial. Francisco tem se dedicado com afinco à discussão ecológica, a fim de encontrar meios que ajudem a humanidade a perceber a necessidade de cuidar e proteger o meio ambiente.

Para além das motivações discursivas do Papa Francisco, o Pontífice tem sido chave de leitura interpretativa “(con)divergente” por parte dos seus interlocutores diretos ou indiretos, provocando grandes embates ideológicos tanto dentro como fora da Igreja. Os discursos de Francisco têm sido frequentemente marcados por polarizações, o que tem desencadeado certa fragilidade na inteligibilidade discursiva do Papa. Mas afinal, por que a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco leva a uma interpretação (con)divergente da questão ecológica? Por que os discursos do Pontífice são marcados por polarizações e acusações? Essas são questões que a presente pesquisa pretende responder, sem a pretensão de esgotar o assunto, mas mostrar como os discursos de Francisco sobre a problemática ecológica são recepcionados e interpretados por perspectivas (con)divergentes por seus interlocutores.

4. A interlocução do discurso eclesiástico

Todo discurso precisa necessariamente de um interlocutor ou interlocutores, ou seja, da pessoa que dialoga, discute, conversa com o outro. Isso significa dizer que interlocutor é distinto do ouvinte, que se encontra na mesma posição, mas sem o direito à palavra. Nesse sentido, pode-se dizer que se não houver a interação interlocutiva, o discurso perde a sua força dialógica ou até mesmo a sua característica essencial, porque “a unidade real da língua que é realizada na fala (*Sprache als Rede*) não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo” (BAKHTIN, 2006, p. 148-149). O discurso sem interlocução é monólogo, ou seja, um discurso dirigido apenas a si mesmo, como se a pessoa fosse ao mesmo tempo um *Eu* e um *Tu* simultâneos, ou dirigido a um outro, mas sem considerar o princípio da alteridade. Porque “uma comunicação jamais acontece a um ser sozinho, a um *Eu* isolado. É obrigatória a existência de um Outro, um não *Eu*, um *Tu*. Somente o *Tu* pode me retirar de meu isolamento... É pela alteridade que podemos sair de nós mesmo e alcançar o nosso devir” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 56-57).

O discurso papal, inclusive o discurso dogmático, tem na sua essência a relação direta com a alteridade, o que não significar necessariamente abertura à interlocução, porque, como afirma BAKHTIN (2006, p. 156), “quanto mais dogmática for a palavra, menos a apreensão apreciativa admitirá a passagem do verdadeiro ao falso, do bem ao mal, e mais impessoais serão as formas de transmissão do discurso de outrem”. Por muito tempo a Igreja se assegurou num discurso que pode ser caracterizado como um *discurso vertical* ou *dogmatismo autoritário*, ou seja, um discurso sem margem para a interlocução, porque na sua base discursiva estava o entendimento de que a Igreja era detentora tanto do poder temporal como espiritual, além de todo e qualquer princípio de “verdade”. Isso colocou a Igreja numa posição hierárquica social de valores, porque “quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário” (BAKHTIN, 2006, p. 156). Embora haja essa compreensão de que quanto mais forte for a posição hierárquica mais restrito seja a interlocução discursiva, é fato que muitos dos discursos eclesiais, mesmo indexados hierarquicamente, sempre foram motivo de dúvidas e questionamentos, com réplicas e comentários, independente da possibilidade interlocutiva ou não. A interlocução pode não ter acontecido de forma efetiva, porque nesse caso o discurso não foi feito para o diálogo, mas para reforçar a posição hierárquica ou dogmática da Igreja. Entretanto, um princípio de interlocução sempre é possível através da *doxa*, opinião pública¹², nem que seja para contestar o modo como o discurso é posto.

O Concílio Vaticano II (1962-1965), por exemplo, buscou mudar o tom do discurso eclesial, saindo de uma posição defensiva e impositiva, para um discurso mais “compreensivo” da realidade, cujo “traço fundamental é a passagem de uma linguagem aurida da neoescolástica para a moderna conciliar” (LIBANIO, 2005, p. 79). Nesse sentido, Libanio afirma que

a virada do Concílio Vaticano II se deixa entender de maneira didática e simplificada por vários deslocamentos linguísticos. Esse recurso didático favorece perceber o movimento linguístico, mas não deve ser entendido de maneira rígida. Não se trata de sim ou não, mas de mais e menos. Os esquemas não dão conta da flexibilidade da vida. O esquema didático é um ocular para entender o real e não para fazê-lo caber dentro dela. A didática é feita para a realidade e não a realidade para a didática (LIBANIO, 2005, p. 78-79).

¹² *Doxa* é uma palavra emprestada do grego e designa opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A *doxa* corresponde ao sentimento comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente (cf. CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 176).

A convocação do Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII, foi para a Igreja um marco transformador do discurso eclesial. O reconhecimento de que não se fala de Deus isoladamente, sem levar em consideração o ser humano, e vice-versa. Nesse sentido, o Concílio apresenta a imagem de um Deus que é solidário com os direitos humanos, fazendo-os divinos, de modo que as perguntas já não nascem do interior da teologia, mas da realidade humana (cf. LIBANIO, 2005, p. 79). Isso significa uma mudança fundamental no discurso eclesial, com implicações diretas na relação Igreja e sociedade, sociedade e Igreja. Para Libanio (2005, p. 81), “essa dimensão existencial [do Concílio] rompe o céu sereno da escolástica¹³, trazendo à reflexão para dentro da área inquieta e questionante da vida concreta. Os problemas que afetam diretamente as pessoas em seu dia a dia”, desembocando numa mudança de paradigma, na passagem da essência para a existência.

Embora o Concílio Vaticano II represente esse marco na história da Igreja, com a mudança de tonalidade discursiva, não se pode negar que o Papa Leão XIII deu uma grande contribuição para esse feito, com a publicação da Encíclica *Rerum Novarum* em 1891. Uma Encíclica que trouxe à tona os problemas sociais daquela época, principalmente sobre a condição dos operários. Através da Encíclica, o Papa faz uma crítica aos avanços do progresso industrial, colocando-se a favor das classes inferiores, que segundo ele se encontravam “numa situação de infortúnio e de miséria imerecida” (RN 2). Com a *Rerum Novarum* o Papa Leão XIII abre, portanto, espaço dentro da Igreja para refletir questões econômicas, políticas, sociais e culturais, a fim de responder aos problemas e anseios do mundo moderno¹⁴. Entretanto, vale ressaltar que

os problemas do mundo moderno, contudo, não entraram na Igreja pelo caminho da teologia. Porque não havia lugar na teologia oficial – configurada como sistema doutrinal acabado – para uma problemática que rompia todos os seus esquemas. Os problemas novos foram invadindo a consciência da Igreja pelo caminho da vida real, por intermédio da presença e do compromisso dos cristãos nas mais diferentes áreas da realidade humana e social: a questão social e a perda da classe operária, a tomada de consciência da crescente descristianização da sociedade, a participação ativa e direta de muitos cristãos na política ou a luta pela transformação das estruturas sociais. Porque a existência cristã só pode ser vivida no mundo. E ao mundo é enviada a Igreja em missão (PALÁCIO, 2001, p. 22).

¹³ A teologia escolástica foi uma teologia do objeto: era o cristianismo visto não do ponto de vista do cristão que o vive, mas do ponto de vista do clero que o ensina e – dada a cristandade – que o impõe (COMBLIN, 1996, p. 366).

¹⁴ Foram as motivações da *Rerum Novarum*, por exemplo, que permitiram posteriormente, em junho de 2004, no pontificado do Papa João Paulo II, a publicação do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, um documento elaborado pelo Pontifício Conselho da Justiça e da Paz, que busca apresentar o ensinamento social da Igreja de forma orgânica e abrangente.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que as transformações do mundo moderno forçaram a Igreja a ampliar o seu discurso para além das suas estruturas internas, de modo que a mudança discursiva eclesial não aconteceu por iniciativa puramente eclesial, mas a partir de uma mudança social de mentalidade que atingiu em cheio a percepção do mundo que estava por trás da teologia tradicional, bem como a própria Igreja e sua relação com o mundo¹⁵ (cf. PALÁCIO, 2001, p. 23). Diante dos embates criados pela Igreja contra os avanços do mundo moderno, o mundo moderno “venceu”, porque era um mundo sem volta. O mundo neoclássico já não se sustentava mais, os decretos eclesiais já não tinham mais significados para uma sociedade plural que lutava contra ela mesma diante dos desafios que se apresentavam nos diversos contextos sociais, políticos, religiosos e culturais. A teologia se viu obrigada dialogar com os desafios do mundo moderno e, por isso, o convite do Papa João XXIII foi de *aggiornamento*, uma reorganização da Igreja no mundo e para o mundo, a fim de discutir não a doutrina fundamental de Igreja, mas responder às exigências do tempo. Nesse sentido, o papa João XXIII entendeu que era necessária uma reformulação não do *depositum fidei* porque a doutrina não muda, mas uma *reformulação das enunciações*, ou seja, uma reformulação do modo como a doutrina era apresentada a uma sociedade em transformação. Busca-se, portanto, uma mudança no discurso eclesial, a fim de que se promova uma passagem do discurso rígido e severo que condenava tudo e todos, como fez o Papa Pio IX no Concílio Vaticano I, para um discurso paciente, benigno e misericordioso. Ao propor uma reformulação das enunciações, a Igreja busca, portanto, uma mudança no emprego da língua, mesmo porque

o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação (BAKHTIN, 2020, p. 11-12).

¹⁵ “Ficou para trás o mundo de cristandade monolítica e monocultural em que a cidadania era dada pela religião católica e subordinada à hierarquia religiosa. Implanta-se o regime de democracia, em que a vontade do povo se faz valer. Essa situação impacta a teologia numa linha pluralista. Em vez da uniformidade escolástica surgem as mais diversas correntes teológicas que tentam responder à pluralidade própria da mentalidade moderna. Apóiam-se não somente em filosofias muito diferentes como também em outras ciências humanas. Cresce a tensão fé e cultura, fé e ciência, fé e razão, de maneira que a fé tem de renunciar a sua posição de rainha para entrar em diálogo fraterno com essas novas instâncias. O Concílio Vaticano II, ao assumir esse deslocamento, repensou as verdades da fé no horizonte da mutabilidade histórica. A título de exemplo, basta comparar a concepção de revelação do Concílio Vaticano II com a do Vaticano I. Este a define como ‘decretos’ eternos da vontade divina, enquanto o Vaticano II relaciona-a com a pessoa histórica de Jesus por meio de quem os homens têm acesso ao Pai. Aí aparece a marca histórica.” (LIBANIO, 2005, p. 83).

Por muito tempo os discursos pontifícios se pautaram por uma linguagem imóvel, petrificada e de embate com o desenvolvimento da vida social. Entretanto, para BAKHTIN, (2019, p. 267), “a língua não é algo imóvel, dado uma vez por todas e determinado de modo rigoroso [...]. A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social”. Talvez tenha sido justamente a percepção de que a língua acompanha o seu desenvolvimento social, e que ela se movimenta, que o Papa João XXIII propôs repensar o modo como o ensinamento da Igreja era apresentado¹⁶, porque na sua concepção, a linguagem puramente dogmática, já não respondia às exigências e aos desafios da modernidade, por isso a necessidade de se reformular as enunciações do discurso eclesial, afinal, “todo discurso é *dialógico* orientado para outra pessoa, para sua compreensão e resposta real e possível” (BAKHTIN, 2019, p. 280). Como afirma Bakhtin (2020, p.117), “discurso é *in actu*. É inadmissível contrapor língua e discurso em qualquer que seja a forma. O discurso é tão social quanto a língua. As formas de enunciação também são sociais e, como a língua, são igualmente determinadas pela comunicação”.

Nesse sentido, pode-se dizer que já não convinha mais à Igreja permanecer encerrada em si mesma, sem considerar as transformações e os problemas sociais que foram surgindo no decorrer do tempo, principalmente com o advento da modernidade. Era preciso sair de fato da essência para a existência, e conjugar teologia e realidade antropológica e social, buscando entender o lugar do homem na natureza e na sociedade. Para a Igreja, a transformação do mundo necessitava de respostas, não respostas dogmáticas, mas respostas aos anseios e necessidades do homem moderno¹⁷ que se encontra maravilhado com tudo e ao mesmo tempo, “movediçado” pela própria modernidade. Ou seja, tragado pela obra das suas próprias mãos. É frente a essa realidade que a Igreja se coloca como meio para discutir questões (éticas e morais) que estão para além da teologia propriamente dita, porque são questões que dizem respeito à vida e suas relações em um mundo de complexidades.

¹⁶ Conferir o discurso do Papa João XXXIII na abertura solene do Concílio Vaticano II, disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html Acessado em: 13 de abr. de 2021.

¹⁷ Ao responder a pergunta sobre o que é um moderno, Latour afirma que todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras “moderno”, “modernização” e “modernidade” aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável. Além disso, a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores (Cf. LATOUR, 1994, 15).

Desde a *Rerum Novarum*¹⁸ do Papa Leão XIII e do Concílio Vaticano II, o discurso eclesial vive um processo “interdisciplinar” entre teologia moral e dogmática, relacionado com questões econômicas, políticas, sociais e culturais. A Igreja não hesita em posicionar-se frente aos desafios do mundo moderno, ainda que seja de forma equivocada, por muitas vezes insistir em uma moral cristã que já não dialoga com os desafios do mundo moderno, por isso os ruídos e divergências na comunicação eclesial, provocados por uma nítida “rachadura” de posicionamentos divergentes, que aflorou principalmente a partir das discussões do Concílio Vaticano II e se mantem até os dias atuais.

A recepção dos discursos pontifícios, sobretudo nos últimos tempos, é fortemente marcada por contradição¹⁹, ou seja, por posições reativas que de alguma forma desmerecem ou desqualificam a inteligibilidade discursiva do sumo pontífice. Isso porque “o discurso e a práxis da Igreja *ad extra* nem sempre encontraram equivalentes claros na prática de suas relações internas... A maneira de viver as relações sociais dentro da Igreja é fonte de constantes tensões” (PALACIO, 2001, p. 107). Ou seja, a busca da Igreja por dialogar com outras realidades, encontrou resistência dentro da própria Igreja, o que suscitou uma acirrada polarização em torno de duas correntes, conservadores de um lado e progressista de outro, cada um com sua maneira de ver e entender a relação Igreja e sociedade. Um conflito que existe até hoje, e cada vez mais acirrado, principalmente com o advento das redes sociais, que deram voz a uma grande massa, ampliando os embates sociais e eclesiais frente aos discursos papais.

5. A práxis *ad extra* e a politização *ad intra* na comunicabilidade eclesial

Um dos principais objetivos do Concílio Vaticano II foi rever a comunicabilidade da Igreja, reformular as anunciações dogmáticas e doutrinárias, a fim de dialogar com a modernidade²⁰. “A comunicabilidade é uma forma de abertura para o Outro, para o exterior; uma quebra de estrutura de bloqueio, de resistência, que – quando não aberta – tende, no final,

¹⁸ A partir da *Rerum Novarum* de Leão XIII, abriu-se na Igreja Católica, uma tradição, um método, um ensinamento que permanece antenado a realidade histórica. De modo que os sucessores do Papa Leão XIII se preocuparam em atualizar a reflexão a partir dos contextos religiosos, sociais, políticos e econômicos.

¹⁹ O termo contradição pode ser utilizado para designar um conceito que cobre uma série de atividades linguageiras reativas, orais ou escritas, expressas por numerosos verbos (contestar, contradizer, desqualificar, desmentir, desacreditar, (de)negar, objetar, rejeitar, replicar, retorquir, opor-se...) (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p.129)

²⁰ No discurso de abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII dizia que, “uma coisa é a substância do ‘*depositum fidei*’, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance. Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência, na sua elaboração; e dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é prevalentemente pastoral” (Cf. JOÃO XXII, 1962).

ao dogmatismo e à ortodoxia (MARCONDES FILHO, 2018, p. 74). Entretanto, esse processo de reformulação não ficou tão claro no Concílio, “a visão antiga ainda estava muito presente no subconsciente daqueles que queriam mudança” (COMBLIN, 2011, p. 357). Isso talvez tenha limitado a Igreja a avançar no seu processo comunicacional em direção a uma nova concepção de Igreja presente no mundo. A polarização discursiva entre os padres conciliares, fez do Concílio uma “guerra de força” imperativa entre dois modelos eclesiais – os que queriam o retorno da Igreja poder, encerrada em si mesma, e os que queriam ver a Igreja em sintonia com os avanços do mundo moderno – uma dicotomia que refletiu impetuosamente nas conclusões do Concílio, de modo que “a leitura do texto gera a impressão de desconexão entre textos que definem a linha atual e textos utópicos do passado... o retorno ao passado revelou-se praticamente impossível e faltou a suficiente clareza em relação ao futuro” (COMBLIN, 2011, p. 361).

A impossibilidade de um retorno ao passado e a falta de clareza em relação ao futuro, fez da recepção dos documentos do Concílio um emaranhado hermenêutico. Como a Igreja não impôs orientações oficiais sobre a interpretação do Concílio, surge nesse ínterim o que Neuhaus (In FAGGIOLI, 2013, p. 133), chama de “partido da descontinuidade” e um “partido da continuidade”, ou seja, o primeiro falando da Igreja pré-Vaticano II, e o outro falando da Igreja pós-Vaticano II, quase como se fossem diferentes. “Desde o tempo dos debates conciliares até o presente, a eclesiologia tem sido uma questão muito delicada e complexa, porque está ligada à interpretação teológica e à recepção do Vaticano II, por um lado, e, por outro lado, ao desenvolvimento institucional da governança do catolicismo mundial” (FAGGIOLI, 2013, p. 141).

Diante disso, percebe-se que desde então a Igreja vive um processo comunicacional abstruso, (con)divergente, entre os que desejam que a Igreja permaneça fechada em si mesma, com ênfase no dogmatismo e na ortodoxia, e os que desejam que a Igreja expanda sua comunicabilidade, abrindo suas portas para o outro. Entretanto, isso só seria possível com a quebra de estrutura de bloqueio, de resistência, porque

quando falamos de comunicação, supomos, obrigatoriamente, a existência do outro. É o outro que torna possível a comunicabilidade; é receber aquilo que não é nós. Comunicar é entrar em contato com esse estranho que nos provoca, nos incita, faz trepidar nossas certezas e, por isso é capaz de produzir transformações em nós...
... Para nós, é o relacionamento com o diferente, o incomum, o não usual, o que está geralmente fora da minha rotina, e que, por isso, provoca em mim um apelo. Ele ou ela me apelam. Falam comigo, exigem de mim uma resposta. Não permitem que eu fique calado e os ignore (MARCONDES FILHO, 2018, p. 60).

Talvez tenha sido justamente o apelo do mundo moderno que fez com que o Papa João XXIII tivesse a iniciativa de incitar um novo Concílio na Igreja, porque esse outro, que estava fora da Igreja necessitava de respostas; respostas a partir de uma comunicabilidade que possibilitasse à Igreja entrar em contato com o diferente, ou seja, com um mundo que despontava totalmente fora da rotina eclesial. Para o Papa, a Igreja não podia permanecer calada e indiferente aos desafios sociais, políticos, econômicos e culturais presentes no mundo. Mas, diante do embate discursivo do Concílio, entre os que queriam ver a comunicabilidade da Igreja expandida e os que preferiam a comunicabilidade da Igreja fixada na ortodoxia, aflorou o que se pode chamar de politização *ad intra* versus a práxis *ad extra* da Igreja.

5.1 Práxis *ad extra*

A maior expressão de uma práxis *ad extra* da Igreja pós-Vaticano II pode-se dizer que aconteceu na América Latina, com o advento da Teologia da libertação, um interrompido²¹ ensaio de reformulação dos enunciados comunicacionais da doutrina católica a partir da redescoberta da Igreja dos pobres, entendendo que “os pobres são o povo de Deus e que o povo de Deus é dos pobres”²² (COMBLIN, 2002, p. 87). Embora no Vaticano II não se tenha evidências claras a respeito dessa concepção, na América Latina ela ganha força, com o intuito de se promover uma mudança eclesial²³.

A mudança consiste em passar de uma Igreja que se apoia nos poderes políticos, econômicos, culturais deste mundo – ao ponto de se tornar prisioneira desses poderes –, para uma Igreja seguidora de Jesus que se apoia na fé do povo. Igreja associada aos poderosos torna-se inevitavelmente rica e poderosa. Acaba sacralizando, legitimando e imitando o sistema de poder que há nas sociedades humanas com toda a sua injustiça. Torna-se cúmplice da injustiça, ainda que se justifique invocando a pseudonecessidade: “não há outro caminho, não há outra solução” (COMBLIN, 2002, p. 101).

Até então, o modelo eclesial existente na América Latina era, ou é, o modelo importado da Europa, fruto do processo de colonização dos povos latinos e massificação da fé cristã

²¹ Interrompido porque essa Teologia não foi aceita por Roma. Muitos teólogos foram proibidos de levar adiante esse modelo eclesial, outros foram reduzidos ao estado laical, por proporem uma teologia desvinculada da teologia tradicional.

²² Na América Latina falar em povo era falar naquela imensa maioria da população pobre do campo e da periferia das cidades, feita de indígenas, negros descendentes dos escravos ou de mestiços (COMBLIN, 2002, p. 91).

²³ De fato, o panorama teológico pós-conciliar é um mosaico intrincado no qual a multiplicação e a diversificação das linguagens se erguem por sobre os escombros da teologia tradicional. Situação desconfortante para quem estava habituado à segurança de uma cosmovisão homogênea cuja tradução teórica (filosofia-teologia) ofereceu durante muito tempo a linguagem comum – única e universal – à fé cristã (PALACIO, 2001, p. 96)

católica, inspirado no modelo de cristandade²⁴, que para ser cristão bastava decorar algumas fórmulas prontas e receber os sacramentos. Todo o processo comunicacional da Igreja se limitava à propagação, não necessariamente da fé, mas da religião cristã católica, na versão ocidental, europeia, romana, através de discursos sacramentais, dogmáticos e ortodoxos²⁵. Aqui imperava a concepção clássica da Igreja como sociedade perfeita, desigual²⁶. Por isso é muito comum, como por exemplo no Brasil, encontrar os “católicos não praticantes”, pessoas que por algum motivo receberam os sacramentos, motivados pelos pais ou avós, e depois cresceram sem qualquer vínculo religioso. Esse modelo eclesial tem como principal objetivo apenas a administração dos sacramentos e a exigência da “profissão de fé”, uma forma de manter a hegemonia religiosa católica, seguindo modelos comunicacionais e estruturais do Império Romano, modelos que perduram até hoje na Igreja. Não se pode negar que

em sua história, a Igreja conheceu momentos de muita inserção na política deste mundo, a ponto de quase perder sua dimensão transcendente de liberdade. A hierarquia assumira, depois de um primeiro período de cesaropapismo em que os imperadores e reis se imiscuíam em seus afazeres, crescente poder político. Desenvolveu um clericalismo político, arbitrando contendas entre os poderosos, sagrando imperadores, depondo monarcas. Criou seu próprio poder político, com território, exércitos e toda a parafernália do Estado. Até hoje temos resquícios dessa atuação política no Estado do Vaticano, no qual o papa é o soberano político e como tal recebido nas visitas oficiais. Embora a hierarquia reivindicasse dispor de tal poder para melhor cumprir a missão espiritual, houve, no entanto, momentos em que ela se perdeu nesse mar de mundanidade. A Reforma protestante não se entende fora desse contexto.

Em outros momentos, passou para seus fiéis a imagem de uma Igreja desligada das realidades naturais, transitórias e terrenas para ocupar-se unicamente dos bens sobrenaturais, eternos, celestes. Interpretava literalmente a frase da Epístola aos Hebreus: "pois não temos aqui cidade permanente, ao contrário, buscamos a futura" (Hb 13,14). Por isso, sofreu a crítica ideológica marxista de ser alienada e alienante (LIBANIO, 2005, p. 140).

Quando a América Latina, à luz do Vaticano II, propôs uma nova teologia, chamada de “Teologia da libertação”, que de alguma forma buscava desconstruir esse modelo Igreja/ Estado, os teólogos latino-americanos, sonhavam com uma nova Igreja, uma Igreja distinta da Igreja poder, uma Igreja inserida na realidade do povo, não simplesmente para administrar os

²⁴ Período da vai do século V até o advento da Modernidade, no século XVI, o modo de relação pode ser definido como Igreja e mundo, ou seja, duas realidades separadas, diante das quais o cristão deve refugiar-se no espiritual pela fuga do mundo (BRIGHENTI, 2016, p. 75).

²⁵ A Igreja católica identifica-se teológica e pastoralmente com a versão ocidental, europeia, romana. Tal visão resultava conatural da pretensão universalista da cultura euro-ocidental. Esta se considerava e a partir de si julgava as outras. O processo de colonização e evangelização dos séculos passados foi comandado por tal compreensão hegemônica dominadora (LIBANIO, 2005, p. 129)

²⁶ Essa tradição de uma Igreja-sociedade perfeita vinha se reforçando por causa dos embates da Igreja com as sociedades políticas que já então minavam a cristandade. Os Estados laicistas e depois os autoritários materialistas ateus perseguiram a Igreja visível, levando-a a cada vez mais a fechar-se em si mesma e a considerar-se plenamente autossuficiente (Idem, p. 108).

sacramentos, mas para ajudar o povo pobre, latino-americano, a se libertar de uma realidade de dominação política, social e cultural. Nesse período, “na América Latina a pobreza era realidade escandalosa. Inúmeros desses pobres eram católicos, fiéis à Igreja, e os seus opressores – os autores da sua pobreza –, também eram católicos, muito apegados à Igreja” (COMBLIN, 2002, p. 89). Isso significa dizer que assumir a Teologia da libertação era assumir a teologia do povo e, conseqüentemente, ter de enfrentar a classe dominante de cristãos preocupada apenas com os próprios interesses. Entretanto, enquanto na América Latina a palavra “povo” representava as lutas sociais, na Europa, povo era sinônimo de classe e luta de classes, por influência do marxismo (cf. COMBLIN, 2002, p. 90). A concepção europeia de povo impactou fortemente nas proposições comunicacionais da teologia da libertação, minando a práxis *ad extra* da Igreja latino-americana. Para a Igreja de Roma, havia uma aproximação muito evidente entre o marxismo e a Teologia da libertação, o que fez com que a Cúria Romana, articulado pela Congregação da Doutrina da Fé, fizesse uma revisão conceitual do termo “povo de Deus” convertendo-o em “comunhão”. “Na concepção de Roma, o conceito de Povo de Deus, desenvolvido na América Latina, não passava de uma práxis meramente sociológica, por isso a “solução” foi substituir o conceito de Povo de Deus pelo conceito de ‘comunhão’” (DANTAS, 2019, p. 71).

Em 1984, a Congregação para a Doutrina da Fé, cujo prefeito era o então cardeal Ratzinger, publicou uma instrução, a fim de “chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerentes a certas formas da teologia da libertação que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista” (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1984). A instrução da Congregação para a Doutrina da Fé motivou a convocação do Sínodo de 1985, pelo Papa João Paulo II, que tratou de substituir o conceito de “povo de Deus” pelo conceito de “comunhão”, a fim de “corrigir” o que se classificou como, desvios teológicos da teologia da libertação. Com o processo de correção imposto por Roma, a *opção pelos pobres* desaparece da reflexão teológica da Igreja, que acusava os teólogos e a Igreja latino-americana de total apologia ao marxismo, com isso veio por parte da Igreja de Roma a repressão e a negação das proposições teológicas latinoamericanas, “de modo que teologia da libertação e marxismo se tornaram quase ou mesmo sinônimos” (DANTAS, 2019, p. 71). A partir desse evento, os termos, “opção pelos pobres”, “povo de Deus” que são sinônimos de Teologia da libertação, foram substituídos pelo termo “comunhão”, e, conseqüentemente, Teologia da libertação se configurou como sinônimo de marxismo, de modo que toda e qualquer discurso que se aproxime das categorias da teologia da

libertação, ou seja, que trate de questões sociais, como por exemplo, “defesa dos pobres” ou “defesa do meio ambiente”, é automaticamente associado a categorias marxistas, criando divergências comunicacionais antagônicas entre os interlocutores.

5.2 Politização *ad intra*

Uma das consequências do processo de “correção” da teologia da libertação na América Latina, a partir das intervenções do Sínodo de 1985, foi a maximização da politização *ad intra* da Igreja, marcada por uma verdadeira polarização hermenêutica entre os católicos liberais ou progressistas de um lado e conservadores, do outro lado. O que Neuhaus (In FAGGIOLI, 2013, p. 133) chama de “partido da descontinuidade” (progressistas), e “partido da continuidade” (conservadores), ou seja, enquanto o partido da descontinuidade fala da Igreja Pré-Vaticano II e da Igreja pós-Vaticano II, como se fossem dois momentos diferentes da Igreja, o partido da continuidade que acredita na estaticidade da Igreja, coloca o Vaticano II como um evento sem grandes consequências para a continuação da Igreja, aos moldes de Trento.

Desde o tempo dos debates conciliares até o presente, a eclesiologia tem sido uma questão muito delicada e complexa, porque está ligada à interpretação teológica e à recepção do Vaticano II, por um lado, e por outro lado, ao desenvolvimento institucional da governança do catolicismo mundial nos últimos cinquenta anos (FAGGIOLI, 2013, p. 140).

Nesse sentido, pensar a dimensão comunicacional da Igreja a partir dos debates conciliares, é entender como a Igreja tem enfrentado esse desafio ao longo do tempo. O que se observa é que a Igreja se encontra no centro de uma díade antitética que luta para ganhar o status de modelo oficial de Igreja. Entretanto, nenhum dos “partidos” (progressistas ou conservadores), conseguiu até hoje êxito suficiente para assumir o modelo eclesial “ideal”. O que tem vigorado de alguma forma é o modo como a governança eclesial se coloca diante da Igreja e do mundo, hora mais conservador, hora mais progressista. Mesmo porque, como afirma o saudoso Libanio,

nossa existência é tecida de saudades e de desejos. As saudades nos ligam ao passado. Os desejos nos projetam para o futuro. E o presente é este fio tênue que vai serpenteado pelas bordas-limites do passado e do futuro. Ora nos atrai o passado, que se converte em desejo de reproduzir o que já foi. Ora o futuro na sua novidade ainda não vista nos atrai para a tarefa criativa (LIBANIO, 1983, p. 23).

Esse modo oscilante de estabelecer a governança da Igreja, tem sido a marca característica dos pontificados pós-Vaticano II por dois motivos. Primeiro, por não assumir com

afinco a novidade do Vaticano II e todas as implicações dessa novidade para o andamento da Igreja, depois por insistir em permanecer preso num saudosismo de um passado que não volta mais, mas que de alguma forma deu bases sólidas para Igreja ser quem ela é. Esse modo oscilante de governança tem gerado dentro e fora da Igreja crises políticas e institucionais e ferrenhas discussões a respeito da “verdadeira identidade eclesial”, porque dependendo da governança da Igreja, a interpretação teológica e a proposta eclesiológica, tem sua fundamentação discursiva maximizada ou minimizada, a partir de uma visão Pré-Vaticano II ou Pós-Vaticano II, ou seja, uma visão de passado ou de futuro. Nesse sentido, Libanio (1983, p. 23), diz que “às vezes, é bom recordar do truísmo: o passado não volta e o futuro ainda não existe, para evitar a dupla ilusão de sonhar com um passado ressuscitado ou de um futuro antecipado”. Nesse sentido Comblin, em uma de suas obras, chamada **O provisório e o definitivo**, publicada em 1968, diz que faz parte da natureza humana querer relacionar o futuro com o passado dos seus descendentes, a partir de uma “tradição” que desejariam imutável. Entretanto, ainda que uma nova geração quisesse eternizar o passado, ela necessariamente o transformaria, porque esse passado era móvel no seu tempo.

Pode-se dizer que é aqui onde reside o cerne da politização *ad intra* da Igreja, a polarização discursiva entre os que vivem o saudosismo de um passado que não volta mais, e os que perscrutam o desejo de um futuro inexistente, marcada por díades antitéticas próprias da esfera política, direita-esquerda. “‘Esquerda’” e ‘direita’ indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contraste não só de ideias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade” (BOBBIO, 2004, p. 51). Assim como no campo político, também no campo eclesial, *direita-esquerda* são fixadas nas respectivas posições, *conservadores-progressistas*, principalmente a partir do modo como essa díade antitética recepcionou hermeneuticamente o Concílio Vaticano II. O filósofo político Norberto Bobbio, fazendo referência ao autor italiano Dino Cofrancesco, afirma que “a referência à ‘tradição’, diversamente entendida e analisada em seus vários significados, seria, pois, um traço da dicotomia direita-esquerda” (BOBBIO, 2004, p. 95). A dicotomia política direita-esquerda também se faz presente na Igreja Católica a partir da referência à Tradição²⁷, ao *depositum fidei*, ou seja, o depósito da fé, que diz respeito

²⁷ Na Igreja Católica existe uma distinção entre “tradição” e Tradição (com T maiúsculo). Em geral tradição é definida como herança cultural, costumes que são passados de geração a geração. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “pela Tradição, a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo em que acredita” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 78). Tradição é entendida de maneira fixista como transmissão de uma verdade já dada, que não se busca nem se modifica. Tradição se opõe a interpretação. A função da tradição é transmitir verdades e costumes do passado, de garantir-lhe a perpetuidade,

a todo o patrimônio doutrinal da fé cristã católica acumulado ao longo dos séculos, e que norteia a base comunicacional da Igreja²⁸. Para a Igreja, a Tradição é fixista e, portanto, contrária a toda e qualquer possibilidade de interpretação.

Por isso a Igreja de Roma não hesitou em condenar a Teologia da libertação, porque de alguma forma, esse modelo de comunicação teológica, colocava a Tradição num processo dinâmico e contínuo de interpretação, a partir das novas necessidades e circunstâncias socioculturais em que vivem os cristãos. Por assumir as circunstâncias socioculturais, Roma acusou a teologia da libertação de se utilizar de categorias marxistas e, conseqüentemente, de assumir posições políticas e ideológicas de “esquerda”. Nesse sentido, adotar a proposta teológica latino-americana, seria para a Igreja de Roma, se distanciar do *depositum fidei*, da Tradição, porque convencionalmente, acredita-se que o homem de direita é aquele que de alguma forma se preocupa por salvaguardar a tradição, enquanto o homem de esquerda é aquele que busca libertar seu semelhante das cadeias a eles impostas (cf. BOBBIO, 2004, p. 97). Segundo Libanio (1983, p. 129), “o Concílio Vaticano II quis diminuir o abismo que mediava entre a cultura moderna, as realidades humanas de hoje e uma expressão, uma linguagem de fé parada no tempo”. Nesse sentido, Palácio (2001, p. 38), afirma que “Tradição e atualidade foram os dois pilares da revolução teológica protagonizada pelo Concílio”.

A díade antitética entre atualidade e o medo de “trair” a Tradição, provocou incertezas e inseguranças na governança da Igreja, com reflexos até os dias atuais. Se a proposta comunicacional do Concílio era abrir as portas da Igreja para o mundo moderno, buscando um novo modo de construir os seus enunciados, em muitos momentos da história a Igreja optou pelo fechamento em si mesma, por uma comunicação rígida, em forma de decretos e de reafirmação da ortodoxia, negando ou condenando tudo que não estivesse em consonância com o magistério da Igreja. O Papa João Paulo II, por exemplo, embora tenha deixado a marca de um papado de abertura para o mundo, por suas inúmeras viagens, foi autor de um pontificado extremamente conservador, de fidelidade à “grande disciplina”, como afirma Libanio na sua obra “A volta à grande disciplina”, escrita em 1983. Para Faggioli, (2013, p 137) “João Paulo II inaugurou uma espécie de nominalismo do Vaticano II”, como se toda e qualquer

que lhe é de direito... A essa concepção, opõe-se uma concepção de Tradição viva, dinâmica, num processo contínuo de reinterpretação, em busca de síntese mais completa e ricas (LIBANIO, 1983, p. 128).

²⁸ A matriz histórica da teologia da libertação está na vida do povo pobre e de modo especial na vida das comunidades cristãs que surgem no seio da Igreja presente na América Latina. A partir dessa vivência, a teologia da libertação busca ler a Escritura e estar atenta às interpelações sempre novas e inesperadas que a Palavra de Deus faz ao processo histórico desse povo... Essa fé que nos chega por meio da Tradição deve ser refletida, considerando a experiência crente e o compromisso daqueles que acolhem a libertação em Cristo (GUTIÉRREZ, 2000, p. 32-33).

interpretação do Concílio fosse uma interpretação particular do Papa. “A estratégia não foi se opor frontalmente ao Concílio Vaticano II, o que agravaria a crise na Igreja, mas de tê-lo na perspectiva do Vaticano I (1870)” (BOFF, 2005, p. 30). O grande estrategista de toda a prática comunicacional do pontificado do papa João Paulo II foi o Cardeal Ratzinger, considerado o braço direito do Papa João Paulo II. Com a morte de João Paulo II em 2005, o Cardeal Ratzinger assume a sucessão apostólica, sendo eleito Papa em 19 de abril de 2005, apresentando-se ao mundo com o nome de Bento XVI. Se com o Papa João Paulo II o Concílio não teve o seu lugar de expressão à luz das motivações do Papa João XXIII, com a eleição do Cardeal Ratzinger o Vaticano II ganhou mais um capítulo na história da Igreja, talvez o capítulo da “indiferença”. Com o Papa Bento XVI o Vaticano II perde força para dar lugar a uma comunicação mais conservadora e ortodoxa. A Igreja mais uma vez volta-se para si mesma, para reafirmar o seu lugar na Traição. Segundo Faggioli (2013, p. 137) “a eleição do sucessor de João Paulo II significou, de fato, o fim de uma fase de recepção do Vaticano e aplicação do Concílio e o começo de uma nova fase”. A fase comunicacional inaugurada pelo Papa Bento XVI durou pouco tempo, 9 anos, mas o suficiente para inflamar a polarização *ad intra* da Igreja entre progressistas e conservadores.

Para Hans Küng, Ratzinger, como papa, Bento XVI, perdeu a grande chance de fazer o Vaticano II entrar em sintonia com a Igreja Católica, sabendo-se que, para esse feito, era necessário que o Papa se rendesse aos avanços previstos pelo Concílio Vaticano II e, conseqüentemente, tivesse a coragem de implementar as reformas ali propostas. Mas, na verdade, Bento XVI caminhou na direção contrária ao espírito conciliar, de modo que

não perdeu nenhuma oportunidade de relativizar o texto do Concílio, interpretando-o de maneira oposta à do espírito conciliar original. Sim, em claras demonstrações de retrocesso, Ratzinger posiciona-se de maneira expressamente contrária à do Concílio Ecumênico, que, para a grande tradição católico-romana, representa a mais elevada autoridade da Igreja Católica (KÜNG, 2012, p.24).

Caminhar em direção oposta ao espírito do Concílio, significa dizer que não se poderia esperar do Papa Bento XVI uma discussão mais contundente sobre temas socialmente relevantes, mesmo porque essa nunca foi a sua opção comunicacional, de modo que toda pretensão propositiva do Vaticano II, ficou apenas na pretensão, perdendo lugar para uma comunicação teologicamente saudosista e de reafirmação de suas bases fixadas no tempo. Uma comunicação voltada para si mesma e indiferente aos problemas do mundo e até de si mesma. Ao assumir essa postura, o Papa Bento XVI cria uma frágil redoma em torno da Igreja, que vê explodir no mundo os mais escabrosos escândalos, colocando em xeque toda a prática

comunicacional da Igreja, o que talvez tenha motivado a sua renúncia em 28 de fevereiro de 2013. O conservadorismo eclesial foi enaltecido no pontificado do Papa Bento XVI, respaldado por uma comunicação Tradicional.

6. Francisco, um Papa do “fim do mundo”

Com a renúncia de Bento XVI em 2013 e a explosão de escândalos envolvendo a Igreja em todo o mundo, um dos grandes desafios do Conclave era eleger um papa capaz de olhar não só para dentro, mas também para fora da Igreja, capaz de ir além das questões puramente teológicas e/ou dogmáticas, mas capaz também de lidar com assuntos éticos e morais que desafiam a Igreja até hoje. Os cardeais, portanto, elegeram na ocasião o cardeal argentino Jorge Mário Bergoglio, que logo após sua eleição brincou dizendo que os cardeais foram buscar um papa do “fim do mundo”. Ser “do fim do mundo”, pode-se dizer que é a expressão de um marco na história da Igreja, que viu acontecer a descentralização europeia do papado e conseqüentemente uma mudança de rota eclesial. Se antes a comunicação eclesial era apenas uma via – da Europa para o resto do mundo – uma visão autorreferencial ou unilateral da Igreja, com a eleição de Bergoglio, que assumiu para si o nome de Francisco, uma referência a São Francisco de Assis, defensor dos pobres e patrono do meio ambiente, a comunicação eclesial, embora continue centrada na Europa, ganha uma interlocução latino-americana porque toda a expressão comunicacional de Francisco, que fala em nome da Igreja, tem como *background* suas experiências feitas no tempo e no espaço a partir do contexto religioso, teológico, social e político da América Latina, o que não poderia ser diferente. Pode-se considerar aqui que Francisco, ao assumir a cátedra de Pedro, abre espaço para uma comunicação intercultural, legitimada²⁹ pela posição que ocupa na Igreja, como Bispo de Roma.

Em análise do discurso, a noção de legitimação pode ser utilizada para significar que o sujeito falante entra em um processo de discurso, que deve conduzir a que reconheça que tem o direito à palavra e legitimidade para dizer o que diz... Mas é possível também que ele tenha necessidade de construir uma posição de legitimidade aos olhos de seu interlocutor (CHARAUDEAU e MAINGUEAU, 2004, p. 295).

²⁹ A “legitimidade” é um estado de direito que caracteriza uma pessoa no que concerne à sua situação... Julga-se, então, sua ação legítima e se diz a pessoa tem legitimidade para agir de uma certa forma. A legitimação é o processo ao fim do qual um indivíduo está legitimado (CHARAUDEAU e MAINGUEAU, 2004, p. 295).

Embora o Papa Francisco tenha legitimidade de fala como magistério da Igreja³⁰, pelo posto que ocupa como sucessor apostólico, e tenha ganhado a admiração de muitas pessoas ao redor do mundo, é fato que muitos outros interlocutores não reconhecem a legitimidade de Francisco, talvez por discordarem dos discursos do Papa, que não se limitam a uma prática comunicacional de questões teológicas, doutrinárias ou dogmáticas. Desde o início do seu pontificado, Francisco tem buscado apresentar por meio dos seus discursos, uma visão complexa da realidade, ou seja, uma visão global de todas as realidades que estão para além do aspecto religioso católico. Isso implica em questões teológicas, filosóficas, antropológicas, sociais, políticas e econômicas.

Se se considera que São Francisco de Assis foi um homem revolucionário no seu tempo, isso implica dizer que ao assumir o nome de Francisco, o papa ressignifica, aquele que foi um marco na história do cristianismo. Resgata a imagem de alguém que

sacudiu a religião, a civilização e a sociedade. Meio religioso, meio leigo, nas cidades em pleno desenvolvimento, nas estradas e no retiro solitário, no florescimento da civilização urbana combinado com uma nova prática da pobreza, da humildade e da palavra, à margem da Igreja mas sem cair na heresia, revoltado sem niilismo, ativo naquele ponto mais fervilhante da cristandade, a Itália central, entre Roma e a solidão de Alverne, Francisco desempenhou um papel decisivo no impulso das novas ordens mendicantes difundindo um apostolado voltado para a nova sociedade cristã, e enriqueceu a espiritualidade com uma dimensão ecológica que fez dele o criador de um sentimento medieval da natureza expresso na religião, na literatura e na arte. Modelo de um novo tipo de santidade centrado sobre o Cristo a ponto de se identificar com ele como o primeiro homem a receber os estigmas, Francisco foi uma das personagens mais impressionantes de seu tempo e, até hoje, da história medieval (LE GOFF, 2007, p. 9).

A partir disso, pode-se dizer também que se Francisco, o santo, havia perdido o seu espaço revolucionário no mundo, cedendo lugar apenas à prática da piedade cristã, quando o Papa do “fim do mundo” assume o seu nome, o santo se renova e ganha um novo sentido político, social, cultural, além do religioso. O santo sai da cristandade medieval para ganhar um novo significado no tempo e no espaço presente. Porque, como diz Belting (2007, p. 86), “lugares que se recordam e pessoas que os recordam, são relações complementares”. Nesse

³⁰ Historicamente o termo "*Magisterium*", empregado para designar a função do papa e do episcopado é recente, tendo substituído o termo "*auctoritas*", de derivação plurissecular. Além disso, o vocábulo "*Magisterium*" é hoje acompanhado pela expressão "*munus docendi*" (LG 25), que se refere ao ensinamento em sentido estrito. É preciso, além disso, ter em mente que o conceito de "*auctoritas*", aplicado ao Sumo Pontífice e ao episcopado visto no seu conjunto, incluía sempre tanto a função de ensinamento como a função disciplinar. A partir do momento em que é introduzida a palavra "*Magisterium*" para indicar os mesmos assuntos, costuma-se admitir esta nova palavra para significar apenas a função de ensinamento. Portanto, é necessário lembrar que a autoridade na Igreja diz respeito tanto ao "*munus tradendi doctrinam*" (*munus docendi*) como à "*potestas iurisdictionis*", ou seja, à função propriamente de governo e disciplinar (*munus regendi*), como também à função de santificar mediante a sagrada liturgia (*munus sanctificandi*) (Cf. AUTORIDADE DO MAGISTÉRIO, 2003, p. 68).

sentido, pode-se dizer que, ao recordar o santo de Assis, o Papa Francisco renova a imagem e o espírito revolucionário daquele que “sacudiu a religião, a civilização e a sociedade” do seu tempo.

Uma das imagens marcantes de São Francisco de Assis é, sem dúvida, a sua imagem ecológica, marcada pelo modo como o santo se relaciona com a criação.

Francisco vê a criação inteira num estado de exaltação e louvor a Deus. Cada criatura louva o Criador por meio da beleza e do encanto que nela se manifestam e do elã vital que nela pulsa. O ser humano é convidado a respeitar a manifestação de Deus nas criaturas, e por intermédio delas louvá-lo. Ele não tem nada de próprio para oferecer em sua fragilidade, só pode bendizer e servir a Deus nas criaturas numa atitude de humildade e respeito. Para Francisco, é inconcebível um antropocentrismo de tipo moderno, porque o ser humano está inserido na natureza para reconhecer e respeitar nela a grandeza de Deus. Por isso, desenvolve um olhar de profunda admiração e respeito por cada ser criado, porque nele descobre a força de Deus (JUNGES, 2001, p.61).

Considerando a representação ecológica de São Francisco, seria incoerente da parte do Papa assumir o seu nome e não discutir a problemática ecológica com profundidade. Isso deixaria uma lacuna irreparável no seu pontificado. Nesse sentido, o Papa Francisco tem feito jus ao nome que assumiu. Desde o início do seu pontificado, o Papa tem buscado construir uma *práxis* comunicacional aberta a fim de criar uma interlocução global a respeito dos principais problemas que afetam a humanidade, como por exemplo, a questão dos pobres e marginalizados da sociedade, dos imigrantes, da economia global e principalmente sobre a degradação do meio ambiente, tema que tem marcado os discursos do Papa Francisco para além do ambiente eclesial. Segundo o Papa, a problemática ecológica tem que ver com o sistema econômico, que torna o meio ambiente indefeso face aos interesses do mercado divinizado (EG 56). Com isso, o Papa busca interpelar a humanidade acerca da necessidade da preservação do que ele chama de “casa comum”.

Embora as motivações do Papa estejam impressas nos seus discursos, é fato que abordar o tema da ecologia na atualidade é movimentar outras discussões que têm implicações diretas na problemática, como por exemplo, o sistema econômico, os sistemas de consumo e de produção, as desigualdades sociais e conseqüentemente a proposição de uma nova ética religiosa, a fim de que a religião assuma também uma moral social e uma *práxis* comprometida com a realidade.

2. CAPÍTULO - A ECOLOGIA NOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO

“O Cuidado da natureza faz parte de um estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão”.

Laudato Si’ (228)

O tema do meio ambiente marca a trajetória do Papa Francisco, que inspirado no seu onomástico, Francisco, o Santo, traça linhas de discussão a respeito da ecologia, da defesa da “casa comum”, um tema marcado por grandes discussões ideológicas e hermenêuticas. O Papa reconhece a necessidade de proteger a vida do Planeta, por isso busca estabelecer um diálogo com toda a humanidade, a fim de que todos se sintam comprometidos com o desafio de proteger o Planeta.

O primeiro feito do Papa a esse respeito foi a publicação da Encíclica *Laudato Si’*, Louvado Seja, sobre o cuidado da casa comum, em maio de 2015. Na encíclica o Papa busca estabelecer diálogo com toda a humanidade a respeito da “casa comum”. O objetivo do Papa é renovar o diálogo, a fim de conscientizar a humanidade do modo como ela está construindo o futuro do Planeta. O que não quer dizer que o Papa tenha conseguido consenso a respeito do tema, porque dependendo de onde o discurso é ancorado, recebe significação diversa, o que impacta diretamente no aspecto comunicacional do Papa.

O segundo grande feito, e talvez o mais “(con)divergente”, foi a convocação do Sínodo Pan-amazônico, um Sínodo que desencadeou uma verdadeira polarização discursiva no ambiente eclesial. Do sínodo é possível sistematizar o aspecto comunicacional do Papa, que através de uma interação dialógica busca se relacionar com seus interlocutores. É a partir das relações dialógicas que a enunciação ganha significação, seja positiva ou negativa. Com o Sínodo Pan-amazônico, Francisco convida o mundo a voltar-se para o que ele chama de “importante pulmão do mundo”. O objetivo do Sínodo segundo o papa, não é fazer proselitismo, como a Igreja sempre fez, mas olhar de modo especial para os povos que vivem nessas regiões. Esse capítulo pretende traçar as bases discursivas do Papa a partir desses dois grandes feitos.

1. Sobre o cuidado da casa comum

O Papa Francisco, que traça o seu pontificado à luz da franciscanidade, marca a sua trajetória papal com um dos temas mais relevantes para São Francisco, a defesa do meio ambiente. Em maio de 2015 o Papa lançou a encíclica *Laudado Si'*, Louvado Seja, sobre o cuidado da casa comum. Na encíclica, o Papa apresenta sua preocupação em relação a deterioração do meio ambiente e o modo como a humanidade tem enfrentado esse problema. A partir desse documento, o Papa manifesta o desejo de dialogar com toda a família humana, a fim de comprometer a todos no desafio de cuidar e proteger o Planeta³¹.

O termo **diálogo** se apresenta como um dos principais elementos discursivos do Papa Francisco, presentes na Encíclica *Laudato Si'*. O diálogo marca o modo como o Papa pretende discutir a questão ecológica dentro e fora da Igreja.

A palavra “diálogo” conota geralmente a ideia de uma troca “construtiva”, conduzida de acordo com regras e tendo o objetivo de chegar a um consenso (um diálogo que não se enquadra nessa definição é um “falso diálogo”, já que não falamos de “falsa conversação”)..., um “verdadeiro” diálogo não pode existir senão em um movimento dialético que sempre implica identidade e diferença (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, p.164).

A palavra diálogo designa, comumente, determinada forma composicional em narrativas escritas, representando a conversa dos personagens. Pode designar também a sequência de fala dos personagens no texto dramático, assim como o desenrolar da conversação na interação face a face (FARACO, 2009, p. 60).

A partir dessa concepção pode-se compreender o objetivo do Papa Francisco, quando assim afirma, “... à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta... Nesta encíclica, [*Laudato Si'*] pretendo **entrar em diálogo** com todos acerca da nossa casa comum” (LS 3). Casa comum é o termo que o Papa usa para se referir ao Planeta, morada que abriga todos os seres vivos. Segundo Bakhtin, o diálogo, que se constitui como uma das formas de interação verbal mais importantes, não se fixa apenas na comunicação face a face, em voz alta, mas em toda forma de comunicação, inclusive o livro é um elemento da comunicação verbal (cf. BAKHTIN, 2006, p.125-126). Além disso “a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar” (BAKHTIN, 2006, p.126).

³¹ O pensamento ecológico do Papa Francisco, pode-se dizer que é um ponto de chegada de um processo crescendo da consciência social da Igreja, que foi se desenvolvendo ao longo do tempo, se aprofundando e se expandido no seio do magistério social da Igreja Católica, que teve seu início em 1891, com a publicação da *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII.

Nesse sentido, o diálogo que o Papa estabelece é uma comunicação verbal, face a face e impressa, por meio das audiências, cartas e exortações apostólicas, discursos e encíclicas etc., acompanhado por gestos e atos simbólicos. Na encíclica *Laudato Si'*, o Papa lança um convite a fim de renovar o diálogo sobre a maneira como a humanidade está construindo o futuro do planeta. Diz o Papa, “precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós” (LS 14). A partir disso, o Papa estabelece as bases dialógicas da comunicação verbal, convidando a humanidade ao debate, em consideração a heterogeneidade discursiva, principalmente no que diz respeito à ecologia, um tema passível de muitas discussões e interesses. Se em muitos momentos da história a Igreja monologizou o discurso, ou seja, deu a última palavra, no âmbito da ecologia, o discurso ou ato de fala do Papa, não poderia ser proposto de outro modo, senão em forma de diálogo, a fim de se criar uma consciência ecológica global, livre de interesses particulares.

1.1 Atos de fala do Papa

O ato de fala do Papa coloca o interlocutor interno e externo à Igreja, dentro de um processo de significação comunicacional, porque “todo ato de fala é um ato ético-político, pois visa a um ‘acordo’ ou a um ‘desacordo’: Todo ato de fala é uma ‘questão’ que indaga a outros, a si mesmo e ao mundo” (LAZZARATO, 2010, p.62). Para Bakhtin todo ato de fala, ou seja, a enunciação, é de natureza social, e por isso não pode ser explicado como um ato individual, mas, como parte integrante de um todo (cf. BAKHTIN, 2006, p.111). Ou seja, “a enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices sociais de valor, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores” (FARACO, 2009, p. 54). Nesse sentido, quais seriam as indagações do Papa Francisco a respeito da ecologia e como elas são ancoradas nos diferentes quadros semânticos axiológicos?

Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer? (LS 160).

Com que finalidade passamos por este mundo? (LS 160).

Para que viemos a esta vida? (LS 160).

Para que trabalhamos e lutamos? (LS 160).

Que necessidade tem de nós esta terra? (LS 160).

Como pode a sociedade organizar e salvaguardar o seu futuro num contexto de constantes inovações tecnológicas? (LS 177).

Será realista esperar que quem está obcecado com a maximização dos lucros se detenha a considerar os efeitos ambientais que deixará às próximas gerações? (LS 190).

Qual é o lugar da política? (LS 196).

Estas são as principais indagações do Papa Francisco presentes na *Laudato Si'*. Elas representam as bases dialógicas sobre a discussão ecológica³². “Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Nós colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos respostas” (BAKHTIN, 2020, p.87). A partir dessas indagações é possível perceber como o Papa busca construir o diálogo com a humanidade, as perguntas exigem respostas, nesse sentido, o diálogo que o Papa estabelece é para que todos se sintam comprometidos a respondê-las. Entretanto, se no estabelecimento de um diálogo, o objetivo é chegar a um consenso³³, percebe-se que a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco indicia a ausência de consenso ideológico³⁴ no ambiente eclesial, provocando uma luta hermenêutica polarizada entre sentidos (con)divergentes. Isso porque, dependendo de onde essas indagações são ancoradas, elas recebem significação e respostas diferentes, ainda que sejam dentro de um mesmo ambiente, como por exemplo, o ambiente eclesial. Ideologia aqui diz respeito a significação, signo, algo situado fora de si mesmo, porque “todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (BAKHTIN, 2006, p.30).

A falta de consenso ideológico sobre a questão ecológica no ambiente eclesial, ressalta a concepção dialógica do Círculo de Bakhtin, que compreende o diálogo não apenas como uma busca de consenso, mas também nas multissonâncias e dissonâncias. A concepção de diálogo do Papa Francisco é a busca pelo consenso, entretanto, das relações dialógicas “pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa” (FARACO, 2009, p. 68). Desde o início do pontificado do Papa Francisco, seus discursos são marcados pela consonância, multissonâncias e dissonâncias, ou seja, pela convergência e divergência. Com o discurso ecológico não poderia ser diferente, principalmente porque a discussão ecológica proposta pelo Papa é uma discussão

³² Para haver relações dialógicas é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, *tenha fixado a posição de um sujeito social*. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas (cf. FARACO, 2009, p. 66).

³³ Esse é o entendimento da palavra diálogo no uso corrente, possui uma significação social marcadamente positiva, com o objetivo de resolver conflitos e gerar consenso. Entretanto, no Círculo de Bakhtin, o entendimento de diálogo não está apenas nas consonâncias, mas também nas multissonâncias e dissonâncias (cf. FARACO, 2009, p. 68).

³⁴ Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. *Sem signos não existe ideologia* (Cf. BAKHTIN, 2006, p.29).

mais para fora do que para dentro da Igreja, porque o Papa entende que “o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós” (LS 14). Entretanto, as dissonâncias internas foram mais ressaltadas que as dissonâncias externas, o que coloca o discurso do Papa Francisco em uma luta hermenêutica polarizada tanto no âmbito interno como externo à Igreja. Isso porque muitas vezes não há uma confluência entre a percepção doutrinal com a percepção ecológica. Essa questão se tornará mais clara no terceiro capítulo dessa pesquisa.

No processo dialógico do Papa Francisco, ele chama atenção para alguns tipos de diálogos que considera necessários para o debate, como por exemplo, o *Diálogo interdisciplinar* (LS 197); *Diálogo entre Ciência e religião* (LS 62); *Diálogo com o pensamento filosófico* (LS 63); *Diálogo entre política e economia* (LS 189); *Diálogo interreligioso* (LS 201); *Diálogo entre as próprias ciências* (LS 201); *Diálogo aberto e respeitador dos diferentes movimentos ecologistas* (LS 201).

1.2 O diálogo performativo

Todo e qualquer diálogo, para que se estabeleça, necessita da interação entre os dialogantes. O diálogo só se expande à medida que outros são envolvidos no processo comunicacional. O ponto de vista de cada uma das partes envolvidas fortalece o diálogo, o que não quer dizer que fortaleça o conteúdo, porque as multissonâncias podem levar a consonância ou a dissonância dialógica. O diálogo que o Papa estabelece ou busca estabelecer é com toda a humanidade, por entender que a discussão ecológica implica na vida de todos, indistintamente. Entretanto, o Papa chama atenção especialmente dos cristãos, que segundo ele,

se pelo simples facto de ser humanas, as pessoas se sentem movidas a cuidar do ambiente de que fazem parte, “os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé”.³⁶ Por isso é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções (LS 64).

Ao chamar a atenção dos cristãos para a questão ecológica, como um compromisso de fé, o Papa deixa claro que o discurso ecológico não diverge da fé, nem da doutrina cristã. Entretanto, as multissonâncias, veem divergência no discurso do Papa, porque creem que a Igreja não deveria se envolver com questões que não estejam diretamente ligadas à doutrina cristã católica, uma heterogeneidade discursiva que amplifica a divergência performativa entre

os interlocutores. Se a força da enunciação performativa, conforme a teoria de Austin³⁵, implica numa “obrigação social”, o que o Papa propõe aos cristãos e a toda humanidade, é um papel complementar ao papel que ele está desempenhando na defesa do meio ambiente, porque “a força do performativo reside na distribuição de ‘direitos’ entre os locutores. O performativo determina obrigações de tal forma que a linguagem funciona como uma espécie de grande instituição” (LAZZARATO, 2010, p.148). Nesse sentido, a enunciação performativa do Papa consiste no fato de que “o objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS 19).

A força performativa do discurso do Papa Francisco é, portanto, fazer com que todos se sintam comprometidos e obrigados a fazer alguma coisa para salvar a vida do Planeta, ameaçado pela degradação e exploração inconsequente. “O performativo codifica enunciações, enunciados e seus efeitos, ele também institucionaliza locutores e ouvintes, com seus respectivos papéis e status, bem como o espaço público de seus atos (LAZZARATO, 2010, p.150). Pode-se dizer que os atos performativos mobilizam locutores e ouvintes para a ação concreta dos atos de fala, porque “a natureza de todo ato de fala, e não apenas dos atos performativos, é a de agir sobre o outro reestruturando as possibilidades de ação” (LAZZARATO, 2010, p.156). Nesse sentido, o que o Papa faz através dos seus discursos é reestruturar as possibilidades de ação, a fim de que a discussão ecológica ganhe relevância em todos os ambientes e contextos.

Nesse sentido, como o Papa codifica seus enunciados na proposição de uma ação global para proteger o meio ambiente? O Papa fala de “solidariedade universal”, pois acredita que todos podem colaborar com o meio ambiente, a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades (cf. LS 14). Mas para que os atos de fala do Papa façam sentido na vida dos ouvintes, é imprescindível que haja uma conformação entre os seus atos de fala e a mobilização social, o que nem sempre acontece, devido a heterogeneidade discursiva. Para o Papa não é possível falar de ecologia sem levar em consideração

a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida (LS 16).

³⁵ Para Austin, tudo que se diz com frequência, produz certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos e ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas (AUSTIN, 1990, p.89).

Quando o Papa coloca a discussão ecológica em paralelo com outras questões, que considera correlatas, amplifica o seu discurso e envolve outras realidades que tem implicação direta na problemática ecológica. Dentro desse processo comunicacional, está o entendimento de que todas as coisas estão interligadas umas às outras e, por isso, não podem ser analisadas de forma isolada. A ecologia é um problema ambiental, que não é apenas uma questão de ordem vegetal, mas uma compreensão do ambiente em que habita a humanidade e todos os seres vivos. Por isso, segundo o Papa, “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta” é, por exemplo, uma questão ecológica. Pensar uma nova política, uma nova economia e um novo estilo de vida, é, segundo o Papa, ecologia.

2. Comunicar para um novo estilo de vida

Sem a pretensão de definir na sua completude o aspecto comunicacional do Papa Francisco, pode-se dizer que ele estabelece, ou busca estabelecer, uma relação dialógica com os seus interlocutores. Nessa interação dialógica, o Papa direciona o seu discurso ecológico com o objetivo de impactar, impelir o seu interlocutor, a fim de causar não só uma comoção social, mas um compromisso global de preservação da “casa comum”, ou seja, do meio ambiente. Mesmo porque, como afirma, Maingueneau, (2015, p.27), “o discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como *fonte de referências* pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI-AGORA) e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz e a seu destinatário (fenômeno da modalização”).

Quando o Papa assume o discurso ecológico, assume uma postura que implica não só a defesa da doutrina cristã, católica, mas a defesa de valores sociais, que segundo o Papa, embora pareçam distantes da fé, estão intimamente ligados ao modo cristão de ser, havendo entre eles conformação em vez de contradição. O Papa insere o seu discurso, a partir da *Laudato Si'*, no magistério social da Igreja, que coloca a Igreja como perita em humanidade, a fim de promover um humanismo integral e solidário. A Doutrina Social da Igreja³⁶ (DSI), busca fazer com que as pessoas sejam capazes de interpretar a realidade e de encontrar caminhos para uma ação plausível no mundo em que habita (cf. DSI, n.7).

³⁶ O **Compêndio da Doutrina Social da Igreja** apresenta-se como um instrumento para o discernimento moral e pastoral dos complexos eventos que caracterizam o nosso tempo; como um guia para inspirar, assim no plano individual como no coletivo, comportamentos e opções que permitam a todos os homens olhar para o futuro com confiança e esperança; como um subsídio para os fiéis sobre o ensinamento da moral social (DSI, n.10).

Nessa perspectiva, o Papa direciona a sua comunicação discursiva para a necessidade de se repensar o que ele chama de “estilos de vida”. Toda a comunicação ecológica do Papa Francisco tem como fio condutor a necessidade de reorganizar o meio ambiente a partir de um novo estilo de vida, por isso o Pontífice propõe uma ecologia que “integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia” (LS 15). Repensar os estilos de vida, é para o Papa o ponto crucial para reverter a crise ecológica que atinge o Planeta. Entretanto, o Papa alerta para o que pode acontecer, porque

em épocas de crises profundas, que exigem decisões corajosas, somos tentados a pensar que aquilo que está a acontecer não é verdade. Se nos detivermos na superfície, para além de alguns sinais visíveis de poluição e degradação, parece que as coisas não estejam assim tão graves e que o planeta poderia subsistir ainda por muito tempo nas condições atuais. Este comportamento evasivo serve-nos para mantermos os nossos estilos de vida, de produção e consumo. É a forma como o ser humano se organiza para alimentar todos os vícios autodestrutivos: tenta não os ver, luta para não os reconhecer, adia as decisões importantes, age como se nada tivesse acontecido (LS 59).

Isso foi o que aconteceu, por exemplo, com a pandemia da COVID-19³⁷. Muitos preferiram crer que a pandemia não era verdade, não passava de um cenário criado para criar medo nas pessoas, e por isso não se preocuparam em mudar os “estilos de vida”. Outros compreenderam, mas não deram muita atenção ao problema. À medida que o número de vítimas ia cada vez mais aumentado, foi necessário impor determinadas restrições, como à circulação de pessoas, a utilização frequente de máscaras e outras iniciativas para conter o avanço da pandemia. Mas muitos só acreditaram efetivamente que o mundo estava vivendo uma pandemia quando ficaram cara a cara com vírus e suas consequências. Outros ainda insistem em levar uma vida como antes, inclusive negando o esforço da ciência, que em tempo recorde produziu e disponibilizou a vacina para imunização, muitos insistem em não querer se vacinar, porque não creem na gravidade da pandemia ou a associam a questões políticas e ideológicas.

O exemplo da pandemia é exatamente o que acontece com o meio ambiente. Para o Papa a gravidade ecológica não está sendo levada a sério, por isso o Pontífice insiste na necessidade de se repensar os estilos de vida, principalmente no que diz respeito ao modo de produção e de consumo que, desde o início do processo de industrialização no século XVIII, impactou no modo humano de ser e de agir no mundo. Esse percurso foi marcado por um processo de

³⁷ Em 2020 o mundo foi acometido por uma grande pandemia, que ceifou milhares de pessoas em todo o mundo. A pandemia teve início na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, que se espalhou rapidamente pelo Planeta. A pandemia foi provocada por uma nova cepa de coronavírus. Até o ano de 2023, ano do término desta pesquisa, ainda era possível observar os resquícios da pandemia.

metamorfose da humanidade, que viu as cidades crescerem desenfreadamente, criando novos modos de viver e novas necessidades. Necessidades provocadas pelo próprio contexto, ou pela imposição massiva das “benesses” da sociedade industrializada e tecnicista. Segundo o Papa, os modelos de produção e de consumo, regem a sociedade nas estruturas consolidadas de poder (cf. LS 5).

Nesse sentido, o peso comunicacional do Papa está em enfrentar as várias narrativas que permeiam a sociedade de produção e consumo. Considerando que “é por meio do discurso que se constrói a realidade social” (MAINGUENEAU, 2015, p. 179), o Papa busca traçar um novo modo de vida, que respeite os limites da natureza. Francisco, ao se referir, por exemplo, ao problema do aquecimento global, diz que “a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam” (LS 23). O Papa ainda chama atenção, afirmando que

é preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder. Certas opções, que parecem puramente instrumentais, na realidade são opções sobre o tipo de vida social que se pretende desenvolver (LS 107).

O esforço dialógico do Papa Francisco consiste em fazer com que a humanidade assuma uma compreensão ativa da gravidade da crise ecológica, e as consequências dessa crise a curto prazo. A compreensão ativa é diferente da compreensão passiva, que não se preocupa em dar uma resposta. Segundo Bakhtin (2016, p.135), “só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, ... Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente”. Isso significa dizer, ainda na compreensão de Bakhtin (2016, p.135) que “a compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo”. A significação é fruto da interação dialógica entre locutor/produtor e receptor. Isso porque,

a compreensão aponta para o possível, porque é uma operação sobre o significado que, sendo em grande parte efeito da interação, do encontro de cosmovisões e orientações axiológicas, envolve sempre uma dimensão de pluralidade. Desvelam-se, nessa operação, aspectos semânticos não reiteráveis do signo, decorrentes justamente do fato de sua produção e recepção serem sempre contextualizadas (singulares, evênticas) (FARACO, 2009, p.43-44).

Compreender ativamente a enunciação do Papa, que pede uma mudança nos estilos de vida não é um processo tão simples, diante do mundo globalizado, capitalista e tecnicista, em

que a vida no Planeta gira em torno dos parâmetros impostos pelo sistema de produção e de consumo. São quatro séculos (desde o século XVIII até os dias atuais) que o mundo se reorganizou a partir das iniciativas, desejos e vontades do processo de industrialização e tecnológico. O discurso globalizado impactou na vida humana, de modo que a humanidade compreendeu ativamente a dinâmica da vida em torno desse sistema, e segue até hoje. A principal fonte para manutenção desse sistema são os recursos naturais, que transformados pelo sistema de produção, podem se tornar signos³⁸ ideológicos para manutenção do sistema de consumo. Isso implica dizer que “todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades” (BAKHTIN, 2016, p.30). Entretanto, para o Papa,

o sistema industrial, no final do ciclo de produção e consumo, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e escórias. Ainda não se conseguiu adotar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras e que exige limitar, o mais possível, o uso dos recursos não-renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os. A resolução desta questão seria uma maneira de contrastar a cultura do descarte que acaba por danificar o planeta inteiro, mas nota-se que os progressos neste sentido são ainda muito escassos (LS 22).

Pensar em novos estilos significa romper com um sistema cristalizado de produção e consumo que, até então, rege a vida no Planeta. O que favoreceu a expansão do sistema de produção e de consumo, foi o seu processo globalizado, de modo que todas as partes do mundo foram impactadas por esse sistema, apoiado principalmente pelo sistema de comunicação em massa. Nesse sentido, a adoção de “novos estilos de vida”, como insiste o Papa no seu processo comunicacional, só terá impacto se for uma preocupação global. Enquanto estiver atrelado apenas às iniciativas de pequenos grupos ativistas, pensar em “novos estilos de vida” não passará do desejo de um pequeno grupo que rema contra a maré do sistema de produção e de consumo. Entretanto, “a dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão” (FARACO, 2009, p.52).

Para o Papa Francisco, as axiologias impostas pelo sistema de produção e consumo já não fazem mais sentido. Desse modo, pensar em novos estilos de vida é pensar em novas

³⁸ Com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos — na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos — diversas interpretações (refrações) desse mundo... Como resultado da heterogeneidade de sua práxis, os grupos humanos vão atribuindo valorações diferentes (e até contraditórias) aos entes e eventos, às ações e relações nela ocorrentes. É assim que a práxis dos grupos humanos vai gerando diferentes modos de dar sentido ao mundo (de refratá-lo), que vão se materializando e se entrecruzando no mesmo material semiótico (FARACO, 2009, p.50-51).

axiologias, novos valores, a partir de uma compreensão de que todas as coisas estão interligadas. As “axiologias participam, como elementos constitutivos, dos processos de significação, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os inúmeros discursos, as inúmeras línguas ou vozes sociais (FARACO, 2009, p.52). Sem contar que,

as vontades sociais de poder tentarão sempre estancar, por gestos centrípetos, aquele movimento: tentarão impor uma das verdades sociais (a sua) como a verdade; tentarão submeter a heterogeneidade discursiva (controlar a multidão de discursos); monologizar (dar a última palavra); tornar o signo monovalente (deter a dispersão semântica); finalizar o diálogo (FARACO, 2009, p.53)

Quando o Papa Francisco se manifesta a respeito da defesa do meio ambiente, cria automaticamente uma crise entre as vontades sociais de poder, que tentarão contrapor os discursos do Papa com a imposição da sua própria verdade. É como se duas forças – centrípeta e centrífuga – se encontrassem, cada uma girando em torno da sua própria “verdade”. A força centrípeta do sistema de produção e consumo consiste em apontar sempre para a sua finalidade última, que é dar força ao movimento circular da economia. Enquanto que, a força centrífuga, seria a desaceleração do movimento centrípeto. Em outras palavras, enquanto o sistema neoliberal faz o sistema econômica girar em alta velocidade porque precisa atender as exigências do sistema de produção e consumo, a degradação do meio ambiente pede a desaceleração desse sistema, a fim de se respeitar as regras da própria natureza. Nesse sentido, o Papa coloca que

muitos daqueles que detêm mais recursos e poder económico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas, procurando apenas reduzir alguns impactos negativos de mudanças climáticas. Mas muitos sintomas indicam que tais efeitos poderão ser cada vez piores, se continuarmos com os modelos atuais de produção e consumo (LS 26).

Nesse sentido, a força comunicacional do Papa Francisco consiste em se unir a forças centrífugas, contrárias as forças centrípetas. Enquanto o sistema de produção e consumo tenta impor certa centralização verboaxiológica, pautado na sua verdade em forças centrípetas, o Papa, através dos seus discursos, insiste na necessidade de novas axiologias, por meio de vários processos dialógicos³⁹, afim de romper com as tendências centralizadoras dos sistemas sociais de poder.

³⁹ Assim, o diálogo, no sentido amplo do termo (“o simpósio universal”), deve ser entendido como um vasto espaço de luta entre as vozes sociais (uma espécie de guerra dos discursos), no qual atuam forças centrípetas (aquelas que buscam impor certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e forças centrífugas (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras, por meio de vários processos dialógicos tais como a paródia e o riso de qualquer natureza, a ironia, a polêmica explícita ou velada, a hibridização ou a reavaliação, a sobreposição de vozes etc.) (Cf. FARACO, 2009, p. 69-70).

3. Semiotização para interlocução

O principal objetivo da semiótica é estudar os signos. Nesse sentido, falar de semiotização para interlocução, do ponto de vista dessa pesquisa, tem que ver com o processo de entendimento da ecologia como signo, sabendo que os sujeitos vivem numa emaranhada rede de signos. “Um signo é algo que se refere a algo diferente de si mesmo... O signo refere-se a representar ou indicar o seu objeto” (NÖTH e SANTAELLA, 2017, p.11). Objeto, como esclarece Santaella, não significa necessariamente coisas materiais, mas pode estar relacionado a uma experiência, como por exemplo o amor, ou até mesmo de um mundo ficcional, como por exemplo, unicórnio, que não existe no universo das “coisas” existentes.

Estudar signos só é possível por meio de um sistema de signos que exclusivamente os homens têm desenvolvido, quer dizer, a língua humana. A semiótica só é possível, por meio da língua humana, embora ela possa estudar todos os outros tipos de signos visuais, sonoros e híbridos, não só os signos verbais (NÖTH e SANTAELLA, 2017, p.19).

Uma das grandes questões do Círculo de Bakhtin, é entender “como a realidade (a infraestrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (BAKHTIN, 2016, p.40). O signo é resultado do processo de interação entre os indivíduos socialmente organizados, está intimamente relacionado com o que BAKHTIN, (2009, p.43), chama de *horizonte social e índice de valor*. Ou seja, as “inúmeras relações sociais se materializam semióticamente” (FARACO, 2009, p. 121). Isso significa dizer que o processo de interlocução está totalmente imbricado no processo de semiotização das relações sociais.

Pensar a interlocução dentro do processo de significação, implica considerar os conflitos dentro dos sistemas de signos, principalmente considerando o que se pode chamar de *Semiótica Ecológica*. O mundo hoje é projetado pelas semióticas dos sistemas de produção e consumo, que muitas vezes semiotiza a ecologia apenas dentro das categorias da exploração, sem pensar muito nas consequências da degradação ambiental.

Nesse sentido, pensar uma Semiótica Ecológica é travar uma batalha com as semióticas significantes que mobilizam a consciência nos diferentes níveis entre os indivíduos socialmente organizados. Como afirma Lazzarato,

enunciação, representação e sentidos dominantes funcionam como uma ‘grade’ que afeta nossa maneira de perceber, sentir e compreender. Tudo o que acontece, tudo que se faz e se pensa, tudo que se poderia pensar e fazer no domínio econômico e social

passa através dessa grade de enunciados e significações que compõe o horizonte de interpretação e de enunciação do mundo (LAZZARATO, 2014, p.127).

Desse modo, a Semiótica Ecológica é essa grade de enunciados e significações. É preciso considerar que embora a classe dominante queira torná-lo monovalente, o signo é por natureza, vivo e móvel. Porque “o signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados” (VALOCHÍNOV, 2006, p.17). Nesse processo móvel do signo, Peirce fala que deveria haver três classes de signos, porque segundo ele há, uma conexão tripla entre *signo*, *coisa significada* e *cognição produzida na mente* (cf. PEIRCE, 2005, p.11). Ou seja, o signo representa alguma coisa, o seu objeto, e assim produz um efeito na mente do indivíduo, que Peirce chama de interpretante do signo (cf. NÖTH E SANTAELLA, 2017, p.39). Para além de toda definição de signo realizada por Peirce, ele fala de um Signo Genuíno, ou seja, um signo Transuacional⁴⁰ ou *Símbolo*, que consiste no fato de que para ser compreendido, precisa necessariamente da ajuda de seu interpretante. Um exemplo dado por Peirce são os discursos, porque segundo ele “as palavras apenas representam os objetos que representam, e significam as qualidades que significam, porque vão determinar, na mente do ouvinte, signos correspondentes” (PEIRCE, 2005, p.29).

Compreender esse processo é o ponto central para análise dos discursos do Papa Francisco. Sabendo que o discurso traz no seu processo de significação a participação direta ou indireta dos interlocutores, ou como diz Peirce, do seu interpretante. Pensar os discursos do Papa dentro dessa lógica é considerar que eles não são fechados em si mesmos, mas fazem parte do processo de significação da realidade, por meio da recepção dos discursos. Mesmo porque, “um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PEIRCE, 2005, p.46).

3.1 A cultura do relativismo

Nos números 122 e 123 da *Laudato Si'*, o Papa Francisco faz uma observação para os riscos do que ele chama de *cultura do relativismo*, *relativismo prático*, que está relacionado com um antropocentrismo desordenado, ou seja, com o fato do ser humano se colocar no centro de todas as coisas, priorizando os próprios interesses e relativizando todas as demais coisas, comportamentos, que segundo o Papa, de alguma forma afetam o meio ambiente. Pode-se

⁴⁰ Peirce denomina transuacional como Retórica Especulativa, ou seja, diz respeito à doutrina das condições gerais da referência dos Símbolos e outros signos aos interpretantes que pretendem determinar (cf. PEIRCE, 2005, p.29).

compreender a cultura do relativismo a partir da conexão tripla de Peirce entre *signo, coisa significada e cognição produzida na mente*. Ou seja, a cognição produzida na mente determina os estilos de vida, os comportamentos. Nesse sentido, a cultura do relativismo, está de alguma forma relacionada com o signo, que embora seja móvel, está sujeito a uma imposição da classe dominante de querer torná-lo monovalente, a fim de que corresponda aos seus próprios interesses, de modo que “tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante” (LS 122).

Nesse sentido, pensar a semiótica ecológica é compreender que diante de um antropocentrismo desordenado, o meio ambiente se torne relativo perante os interesses humanos, de modo que a exploração e a degradação ambiental fazem parte da “necessidade” humana de suprir os próprios interesses. Para o Papa isso está relacionando com o “paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites” (LS 122). Além de “um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até ao ponto de a arruinar” (LS 101).

A humanidade entrou numa nova era, em que o poder da tecnologia nos põe diante duma encruzilhada. Somos herdeiros de dois séculos de ondas enormes de mudanças: a máquina a vapor, a ferrovia, o telégrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, as indústrias químicas, a medicina moderna, a informática e, mais recentemente, a revolução digital, a robótica, as biotecnologias e as nanotecnologias. É justo que nos alegremos com estes progressos e nos entusiasmemos à vista das amplas possibilidades que nos abrem estas novidades incessantes, porque “a ciência e a tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu”.⁸¹ A transformação da natureza para fins úteis é uma característica do género humano, desde os seus primórdios; e assim a técnica “exprime a tensão do ânimo humano para uma gradual superação de certos condicionamentos materiais”.⁸² A tecnologia deu remédio a inúmeros males, que afligiam e limitavam o ser humano. Não podemos deixar de apreciar e agradecer os progressos alcançados especialmente na medicina, engenharia e comunicações. Como não havemos de reconhecer todos os esforços de tantos cientistas e técnicos que elaboraram alternativas para um desenvolvimento sustentável? (LS 102).

Embora o Papa afirme que a degradação ambiental está de alguma forma relacionada com o paradigma tecnocrático e consequentemente o relativismo cultural, ele é capaz de reconhecer as benesses da tecnociência para a humanidade. Entretanto, segundo o Papa é preciso que a tecnociência seja bem orientada. Porque

nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará bem, sobretudo se se considera a maneira como o está a fazer. Basta lembrar as bombas atômicas lançadas em pleno século XX, bem como a grande exibição de tecnologia ostentada pelo nazismo, o comunismo e outros regimes totalitários e que serviu para o extermínio de milhões de pessoas, sem esquecer que hoje a guerra dispõe de instrumentos cada vez mais mortíferos (LS 104).

A maneira de fazer ou lidar com os avanços da tecnociência tem impactos positivos e negativos sobre o meio ambiente. Basta considerar os exemplos apresentados pelo Papa. Tudo depende do modo como a realidade do *signo, coisa significada e cognição produzida na mente* produz os seus objetivos. Para o Papa, o homem moderno não recebeu uma educação para o reto uso do poder que tem em suas mãos, isso “porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência” (LS 105). Nesse ponto, pode-se entender os valores como signo, a responsabilidade como coisa significada e a consciência, como a cognição produzida na mente. A falta de compreensão desse processo pode levar ao que o Papa chama de um relativismo perigoso, porque diz respeito às opções que o homem faz e que determinam uma forma de vida concreta (cf. LS 80).

3.2 Relação humanidade e meio ambiente

É sobre essa relação dialógica que o Papa Francisco tem se debruçado, a fim de que essa relação não seja agressiva, opressora e interesseira, mas que tenha sentido de vida para ambas as partes. O meio ambiente está para o homem, assim como o homem está para o meio ambiente. Nesse sentido, pensando o meio ambiente como signo, faz-se necessário entender o efeito do signo na mente do interpretante. Conforme Peirce, são três os tipos de interpretantes, o Interpretante Imediato, o Interpretante Dinâmico e o Interpretante Final. O primeiro – Interpretante Imediato, diz respeito ao interpretante dentro do signo, que tem que ver com a compreensão do próprio signo, ou seja, o efeito que um signo produz ou deveria produzir sobre uma mente, sem nenhuma reflexão sobre ele mesmo. O Interpretante Dinâmico, por sua vez, diz respeito ao efeito que o signo produz sobre um intérprete. Ou seja, aquilo que é experimentado em cada ato de interpretação. Já o Interpretante Final corresponde ao hábito, a lei, ou seja, corresponde àquilo que finalmente se decidirá ser a interpretação verdadeira, seria o resultado interpretativo que cada intérprete está destinado a chegar se o signo for suficientemente considerado (cf. NÖTH E SANTAELLA, 2017, p.47 e PEIRCE, 2005, p.164).

A partir desses três tipos de interpretantes propostos por Peirce, pode-se sopesar a forma como o meio ambiente, considerado signo, se relaciona com o pensamento do Papa Francisco, porque as formas de interpretação, imediato, dinâmico e final, determinam o signo.

O Signo representa o Objeto ou conjunto de Objetos que representa. Ora, o Signo e a Explicação em conjunto formam um outro Signo, e dado que a explicação será um Signo, ela provavelmente exigirá uma explicação adicional que, em conjunto com o já ampliado Signo, formará um Signo ainda mais amplo. E procedendo da mesma forma deveremos, ou deveríamos chegar a um Signo de si mesmo contendo sua própria explicação e as de todas as suas partes significantes; e, de acordo com esta explicação, cada uma dessas partes tem alguma outra parte como seu Objeto” (PEIRCE, 2005, p.47).

O meio ambiente é um signo que representa um conjunto de objetos. Se, conforme Peirce, o Signo e a explicação formam um outro signo, de modo que a significação desse signo seja cada vez mais ampla, pode-se dizer que o discurso do Papa Francisco a respeito do meio ambiente tem como objetivo conduzir o interpretante a uma compreensão mais ampla do signo, de modo que o meio ambiente não seja interpretado de forma imediata, apenas pelo que se apresenta, mas que o interpretante tenha a capacidade de chegar à interpretação final, uma interpretação verdadeira da significação do meio ambiente e a importância de sua preservação para a manutenção da vida no Planeta. Nesse sentido, o Papa afirma que

depois dum tempo de confiança irracional no progresso e nas capacidades humanas, uma parte da sociedade está a entrar numa etapa de maior consciencialização. Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta (LS 19).

Essa etapa de maior conscientização sobre a necessidade de cuidar da natureza, está relacionado com o que se deseja e espera do interpretante, a capacidade de uma Interpretação Final, ou seja, não uma interpretação imediata, mas uma interpretação verdadeira. Ao discutir sobre o meio ambiente, o Papa ressalta que seu “objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS 19).

Dentro das categorias aqui apresentadas, a relação humanidade e meio ambiente, a contribuição que cada um, ou seja, cada interpretante pode dar, está de alguma forma relacionada com o processo de compreensão do significado da ecologia que se refere não apenas ao meio ambiente, mas também ao meio social, como afirma o Papa. Segundo Morin (1999, p. 25), “contextualizar é o problema da ecologia. Nenhum ser vivo pode viver sem seu ecossistema, sem seu meio ambiente. Isso quer dizer que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, senão compreendendo aquilo de que ele é dependente”. Morin fala da necessidade da contextualização, como elemento fundamental para construção do pensamento

e de solução para o problema da ecologia, porque todas as coisas estão interligadas e não isoladas em si mesmas. “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (MORIN, 2000, p. 36).

4. A complexidade ecológica

Diante do caminho percorrido até aqui, fica evidente que o Papa Francisco discute a dimensão ecológica a partir de uma visão global da realidade, a fim de envolver todos os seres vivos, habitantes de um único ecossistema, chamado por ele de “casa comum”. Para isso, o Papa busca estabelecer um diálogo com a humanidade, os únicos seres vivos capazes de pensar e refletir sobre o seu próprio agir no mundo que, por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, corre o risco de se tornar vítima da própria ação. Isso porque o enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos) (Cf. MORIN, 2000, p.40-41).

Talvez por pensar de forma desvinculada do todo, o ser humano perdeu a capacidade da complexidade do pensamento, que segundo Edgar Morin não tem que ver com dificuldade, mas com a incapacidade humana de perceber que todas as coisas estão interligadas umas as outras. “O pensar complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações” (MORIN, p. 33). A ideia de Morin é superar o racionalismo clássico, que tratava a ciência como a busca da certeza absoluta através de elementos concebidos isoladamente. Nesse sentido, Morin (p. 68), afirma “que o que é complexo diz respeito, por um lado ao mundo empírico, à incerteza, à incapacidade de ter certeza de tudo, de formular uma lei, de conceber uma ordem absoluta. Por outro lado, diz respeito a alguma coisa de lógico, isto é, à incapacidade de evitar contradições”.

Nesse sentido, o pensar ecológico do Papa Francisco, perpassa a dimensão da complexidade, que tem que ver com a busca não de soluções imediatas, mas com a capacidade humana de mudar o seu modo de ser e de agir no mundo. Isso significa uma mudança científica, social, política e religiosa, a fim de entender que todas as coisas estão interligadas umas às outras, e que assim como os ecossistemas são capazes de se relacionar e de se completarem uns aos outros, o sistema industrial precisa encontrar soluções de autossustentabilidade, a fim de preservar a vida humana e do Planeta.

Segundo Morin (1999, p. 25), “contextualizar é o problema da ecologia. Nenhum ser vivo pode viver sem seu ecossistema, sem seu meio ambiente. Isso quer dizer que que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, senão compreendendo aquilo de que ele é dependente”. Aqui Morin está falando do modo como a ciência tem trabalhado, de forma isolada, porque o conhecimento ideal era escolher um objeto e pesquisá-lo exaustivamente. Entretanto, Morin fala da necessidade da contextualização, como elemento fundamental para construção do pensamento e de solução para o problema da ecologia, porque todas as coisas estão interligadas e não isoladas em si mesmas. “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (MORIN, 2000, p. 36).

Desse modo, não se pode falar de ecologia sem contextualizá-la dentro de um pensar complexo. Contextualizar aqui significa trabalhar a problemática ecológica dentro de um campo complexo, considerando as partes no todo e não cada parte isolada em si mesma. Nesse sentido, quando o Papa Francisco discute a ecologia, não olha apenas no âmbito da natureza em si mesma, mas também

a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida (LS 16).

O pensar ecológico de Francisco não é isolado, mas é permeado por uma dimensão teológica, filosófica, antropológica, social, política e econômica. Isso reforça a tese de Morin de que “somos obrigados a nos situar, reconhecer-nos a nós mesmos para falar da sociedade da qual fazemos parte” (MORIN, 1999, p. 26). Sem esse princípio não é possível falar de ecologia dentro de uma visão global, mas apenas dentro de categorias mentais isoladas. Por isso Morin insiste em dizer que “o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita... o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar” (MORIN, 2003, p. 15). Nesse sentido, o Papa Francisco afirma que “as reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir dum confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história da humanidade” (LS 17). Com isso Francisco busca construir uma nova forma de apresentar as categorias filosóficas

e teológicas, não como categorias isoladas em preceitos doutrinários e/ou dogmáticos, mas a partir de um processo de contextualização, considerando a necessidade de pensar e de refletir as questões que impactam a vida humana hoje. Para Francisco, “embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica” (LS 18). Isso porque nem sempre essas mudanças são dirigidas para o bem comum ou para o desenvolvimento humano sustentável e integral. Muitas vezes essas mudanças são sinônimos de deterioração do mundo e da qualidade de vida de parte da humanidade (cf. LS 18).

Grande parte disso tem que ver também com o que Morin (MORIN, 2003, p. 16) chama de “expansão descontrolada do saber”, ou seja, devido ao crescimento acelerado do saber, desencadeou uma verdadeira torre de Babel, com linguagens discordantes, de modo que o ser humano se tornou dominado por essa torre e incapaz de dominar seus conhecimentos. Segundo Morin,

os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmbito da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas (MORIN, 2003, p. 17).

Para Morin, isso significa dizer que embora a cultura científica com seus conhecimentos fragmentados tenha feito grandes descobertas, teorias geniais, ainda não foi capaz de propor uma reflexão sobre o destino humano, nem mesmo sobre o futuro da própria ciência, justamente por sua incapacidade de refletir sobre os problemas gerais e globais e, conseqüentemente, incapaz de pensar os problemas sociais e humanos (cf. MORIN, 2003, p. 17-18). Como por exemplo, “as mudanças climáticas [que] são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade” (LS 25). Outro exemplo é a economia, que embora seja “a ciência mais avançada matematicamente é a mais atrasada humanamente” (MORIN, 2003, p. 16). Nesse sentido, o Papa Francisco afirma que “a economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais conseqüências negativas para o ser humano (LS 109).

São exemplos como esses que permitiram a Morin avançar na proposição da necessidade do pensar complexo, que nada mais é do que a complexidade de um tecido, ou seja, o que é tecido junto. “A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (MORIN, 2005,

p. 13). Porque, por exemplo, segundo o Papa, “a especialização própria da tecnologia comporta grande dificuldade para se conseguir um olhar de conjunto” (LS 110), ou seja, um olhar complexo, capaz de perceber que tudo está disposto num tecido conjunto. Mesmo porque, segundo o Francisco,

a fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado: um sentido, que se torna irrelevante. Isto impede de individuar caminhos adequados para resolver os problemas mais complexos do mundo atual, sobretudo os do meio ambiente e dos pobres, que não se podem enfrentar a partir duma única perspectiva nem dum único tipo de interesses (LS 110).

Percebe-se, portanto, uma íntima relação entre o pensamento de Morin e o pensamento do Papa Francisco. Ambos acreditam que a fragmentação do pensamento impede o ser humano de compreender o tecido social, que está envolto de um sistema complexo, e diz respeito a muito mais do que a soma das partes. “Trata-se... de desenvolver uma teoria, uma lógica, uma epistemologia da complexidade que possa convir ao conhecimento do homem” (MORIN, 2005, p. 17). Nesse sentido, Morin propõe uma reforma do pensamento, uma reorganização do entendimento de ciência, uma revolução paradigmática, a partir do conceito de sistema aberto. O sistema fechado apresenta “uma visão do mundo classificadora, analítica reducionista, numa causalidade unilinear” (MORIN, 2005, p. 23). Já o sistema aberto tem valor paradigmático, capaz de trazer um princípio de complexidade, porque nele está incluído o meio ambiente, o que permite o estudo e a interação entre os sistemas e ecossistemas. Nesse sentido, quando o Papa Francisco se refere ao problema ambiental, ele diz que

a cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso contrário, até as melhores iniciativas ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece, é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial (LS 111).

Como o sistema fechado já está tão arraigado no consciente coletivo, na opinião de Morin, esse olhar diferente, esse novo estilo de vida, considerando a proposta de Francisco, só seria possível mediante uma reforma no ensino e na pedagogia da escola primária, uma forma de possibilitar as crianças desenvolver o espírito de relação entre os problemas e os dados (cf. MORIN, 2005, p. 34). Embora, na opinião de Morin, esse processo só aconteça mediante uma mudança estrutural no processo de ensino e aprendizagem, é fato que diante da gravidade do

problema ecológico, parte da sociedade está entrando em processo de maior conscientização. “Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta” (LS 19), que se apresenta não apenas como um problema ecológico, mas um problema ambiental, porque tem que ver com a vida do Planeta e a condição humana. Mas é fato que diante da gravidade do problema, para o Papa Francisco, não servem apenas cuidados paliativos, é necessário pensar a complexidade a fim de desvelar os verdadeiros e mais profundos problemas do sistema mundial. A esse respeito, Morin considera a reforma do pensamento necessária, porque

trazemos, dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura. Assim, Cosmologia, ciências da Terra, Biologia, Ecologia permitem situar a dupla condição humana: natural e metanatural (MORIN, 2003, p. 37).

O processo de conscientização e de sensibilidade em relação ao cuidado com a natureza exige da ciência e da humanidade a superação do *imprinting* social e cultural.

O *imprinting* é um termo proposto por Konrad Lorenz para dar conta da marca indelével imposta pelas primeiras experiências do animal recém-nascido (como ocorre com o filhote de passarinho que, ao sair do ovo, segue o primeiro ser vivo que passe por ele, como se fosse sua mãe), o que Andersen já nos havia contado à sua maneira na história d’ O patinho feio. O *imprinting* cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o selo da cultura familiar, da escolar em seguida, depois prossegue na universidade ou na vida profissional (MORIN, 2000, p. 28).

Nesse sentido, o Papa afirma que, muitas vezes, o que dificulta encontrar soluções viáveis sobre o problema da ecologia, está relacionado com atitudes que “vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas” (LS 14). Por isso Francisco também considera que “a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros” (LS 20). Na *Laudato Si*, o Papa considera que enquanto os ecossistemas são capazes de se relacionar e de se complementarem por meio de um sistema circular de produção, o sistema industrial, por sua vez, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e escórias. Não foi capaz de adotar um sistema de produção circular capaz de assegurar recursos para todos e para as futuras gerações (cf. LS 22). Nesse sentido, Morin afirma que uma das ameaças mais graves em que incorre a humanidade, tem que ver com o progresso cego e incontrolado do

conhecimento, incapaz de reconhecer e de aprender com a complexidade (MORIN, 2005, p. 9-10).

5. Para uma ecologia integral

Para o Papa Francisco, tudo está intimamente relacionado, ou seja, todas as coisas estão interligadas umas as outras. Nesse sentido, na concepção do Papa, pensar uma ecologia integral é entender que não é possível pensar a ecologia desvinculada, por exemplo, das dimensões humanas e sociais, porque as realidades são reflexos da interação social⁴¹. É no processo de interação que as realidades se modificam e se entrelaçam. A ecologia integral é, portanto, a compreensão complexa da realidade, a evidenciar que a fragmentação dos conhecimentos não permite um olhar mais atento aos inúmeros problemas que afetam a humanidade. Nesse sentido, em seu discurso, o Papa afirma que

a ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige sentar-se a pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade (LS 138).

O meio ambiente não é apenas a parte verdade do Planeta, mas a relação entre natureza e a sociedade que a habita, de modo que se a relação for de proteção, natureza e sociedade habitada tendem a se entender. Em contrapartida, se a relação não for de proteção, a tendência é que a relação entre natureza e sociedade seja sempre marcada por conflitos e desencontros e busca de cuidados paliativos que não resolvem os problemas, porque se busca soluções para problemas pontuais, e não integrais. Segundo o Papa,

⁴¹ Antes do Papa Francisco trazer a discussão ecológica para dentro do seio da Igreja, o grande teólogo brasileiro, Leonardo Boff, que embora não tenha mais vínculo ministerial, já discutia a temática ecológica na perspectiva social a mais de 25 anos, com várias obras publicadas nos mais variados países. Embora o nome de Leonardo Boff não apreça como referência na encíclica do Papa Francisco, não se pode negar que Boff muito colaborou com Francisco na elaboração da *Laudato Si'*. Afinal, Boff é uma das grandes referências no mundo quando se trata das discussões sobre a temática da ecologia e do meio ambiente. (Cf. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/563682-leonardo-boff-em-entrevista-o-papa-francisco-e-um-dos-nossos> acesso em 17/10/2022).

é fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. (LS 139).

Assim como o Papa Francisco, Bruno Latour, considera que “a questão climática está no centro de todos os problemas geopolíticos e que está diretamente ligada à questão das injustiças e desigualdades” (LATOURE, 2020, p.12). Desse modo, o Papa considera que não é possível fazer uma análise dos problemas ambientais sem considerar a análise dos contextos humanos, bem como da relação de cada pessoa consigo mesma e com os outros (cf. LS 141). Isso exige repensar a vida de forma integral.

Um dos grandes desafios da crise ecológica hoje é entender que a crise indicia uma sucessão de crises, porque impactam diretamente as sociedades nos seus vários contextos sociais, políticos e econômicos. Mesmo porque “os ambientes onde vivemos influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir” (LS 147). Dentro desse processo, Latour (2020, p.29-30), considera que toda ideia de modernização, associada ao progresso, emancipação e riqueza, que favoreceu apenas alguns, desencadeou uma séria de crises, como por exemplo, a explosão das desigualdades e o abandono das solidariedades, de modo que o melhor dos mundos passou a ser o pior. Latour faz uma grande crítica ao processo de globalização, provocado pelo processo de modernidade, que segundo ele, levou a humanidade a um esfacelamento do sentido da Terra, de modo que a ideia de um planeta comum para todos desapareceu, porque a grande elite percebeu que isso seria impossível, por entender que o Planeta não teria a vastidão suficiente para atender a todos os requisitos de modernidade. Com isso, cresce um processo de negação da crise ecológica, climática. Os detentores do poder, muitas vezes, apostam na desinformação, para que o grande público não se sinta motivado a pressionar os políticos a agir na defesa do meio ambiente. E com isso, “as pessoas não se dão conta propriamente de que a questão do negacionismo climático organiza toda a política do tempo presente” (LATOURE, 2020, p.35).

Agora, se “a ideia de um planeta comum para todos desapareceu”, conforme a compreensão de Latour, como entender a ideia de “casa comum” proposta pelo Papa Francisco? Para Latour, a ideia de um planeta comum está relacionada com o processo de globalização e de modernidade, progresso, emancipação e riqueza que beneficiou apenas alguns, enquanto à maioria do povo restou apenas as consequências de uma ilusória modernidade.

Nesse sentido, o Papa ressalta que

a dificuldade em levar a sério este desafio tem a ver com uma deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica. O homem e a mulher deste mundo

pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta de uma satisfação imediata, com as crises dos laços familiares e sociais, com as dificuldades em reconhecer o outro (LS 162).

Embora haja uma onda negacionista do problema ambiental, Latour fala que existe uma corrente política, motivada principalmente pelos “partidos verdes”, que busca de alguma forma transformar tudo em rigorosas controvérsias - desde a carne de vaca até o clima, passando pelas cercas-vivas, pelas zonas húmidas, pelo milho, pelos pesticidas, pelo diesel, pelo urbanismo ou mesmo pelos aeroportos -, discussões que acabaram ganhando uma “dimensão ecológica” própria (cf. LATOUR, 2020, p.58). Entretanto, segundo Latour, embora a ecologia tenha conseguido incomodar a política com discussões que até então não faziam parte da discussão pública, a ecologia fracassou porque, na sua concepção, para onde quer que se olhe, os partidos verdes continuam sendo partidos inexpressivos que não sabem ainda para onde vão.

Em uma de suas obras, Latour diz que “Jamais fomos modernos”⁴², porque embora a palavra “moderno” esteja relacionada com a passagem do tempo, uma mudança de paradigma, uma revolução do tempo, encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, uma briga onde há ganhadores e perdedores (cf. LATOUR, 2000, p.15). Segundo Latour, a modernização destruiu a ferro e sangue quase todas as culturas e naturezas, com o objetivo de distinguir claramente as leis da natureza exterior e as convenções da sociedade (cf. LATOUR, 2000, p.129), num processo de rompimento com o passado e, conseqüentemente, com o futuro. Um dos grandes impactos desse processo está relacionado com a vida dos mais pobres que, segundo Latour, “após ter aguentado as chicotadas da realidade moderna, os povos pobres devem agora aguentar a hiper-realidade pós-moderna” (LATOUR, 2000, p.130).

Embora Latour fale do desaparecimento da ideia de um Planeta comum, o Papa Francisco insiste na ideia de “casa comum”, que consiste em cuidar do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres, com um sentimento de solidariedade e a consciência de habitar numa casa que é comum a todos (cf. LS 232). Contudo, Latour afirma que esse sentimento de solidariedade desapareceu na modernidade, porque

as elites se convenceram tão bem de que não haveria vida futura para todos que decidiram se livrar o mais rápido possível de todos os fardos da solidariedade – isso explica a desregulação. Decidiram que seria preciso construir uma espécie de fortaleza dourada para os poucos que poderiam se safar – do que decorre a explosão das desigualdades. E resolveram que, para dissimular o egoísmo sórdido de tal fuga para fora do mundo comum, seria preciso rejeitar absolutamente a ameaça que motivou

⁴² Livro publicado no Brasil pela Editora 34 – Bruno Latour. Jamais fomos modernos, ensaio de Antropologia Simétrica.

essa fuga desesperada – o que explica a negação da mutação climática (LATOURE, 2020, p.28-29).

A construção dessa “fortaleza dourada” é o que separa ricos de pobres, porque diante do “naufrágio” da terra, a elite está ciente de que para sobreviver confortavelmente, não precisavam mais fingir compartilhar a terra com o resto do mundo (cf. LATOUR, 2020, p.28-29). Por isso muitas vezes opta-se por construir muros para evitar compartilhar qualquer coisa com resto da humanidade. Nesse sentido Latour afirma que

não podemos compreender o crescimento vertiginoso das desigualdades, a “onda de populismo” e nem a “crise migratória”, se não entendermos que estas são três respostas – em larga medida compreensíveis, ainda que não sejam eficazes – à reação colossal de um solo àquilo que a globalização o fez sofrer (LATOURE, 2020, p.31).

Nesse mesmo sentido, o Papa Francisco em seu discurso afirma que as mudanças climáticas são um problema de ordem global com graves impactos ambientais, sociais, econômicos, distributivos e políticos. Apresentam-se como um dos principais desafios para a humanidade (cf. LS 25), que precisa olhar para a crise não só no seu contexto, mas também nas várias manifestações que são consequências das mudanças climáticas, mas que na maioria das vezes são vistas apenas como um problema social, político ou econômico. Entretanto, quando se trata por exemplo dos emigrantes, o Papa ressalta que “é trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa” (LS 25). A falta de um olhar mais apurado para essas realidades, é para o Papa a perda do sentido de responsabilidade de uns para com os outros. Isso representa o que Latour fala do fardo da solidariedade que as elites buscaram se livrar o mais rápido possível. Segundo Latour,

migrações, explosão de desigualdades e Novo Regime Climático: trata-se da *mesma ameaça*. E por mais que a maior parte de nossos concidadãos subestime ou mesmo negue o que está acontecendo com a terra, eles compreendem perfeitamente que a questão dos imigrantes ameaça seus sonhos de uma identidade garantida (LATOURE, 2020 p.19)

Ou seja, existe um problema de ordem global, no caso, as mudanças climáticas, que indiciam uma sucessão de outros problemas sociais, mas que não são vistos de forma complexa, apenas no que caracteriza cada um dos problemas individualmente. Entretanto, quando se trata da degradação ambiental, o Papa Francisco, ressalta que “o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto” (LS 48), porque uma coisa não está dissociada da outra, de

modo que na concepção do Papa, não é possível enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não houver uma atenção para as cousas que têm que ver com a degradação humana e social (cf. LS 48). A degradação ambiental tem impactos avassaladores, principalmente na vida dos mais pobres. Essa visão de conjunto dos problemas ambientais é o que caracteriza a *Ecologia Integral* defendida pelo Papa Francisco, que consiste na busca de um olhar complexo da realidade, frente aos desafios ambientais que afetam toda a humanidade, particularmente os excluídos, que segundo o Papa são milhares de pessoas.

Nesse sentido, o Papa Francisco observa que “uma verdadeira abordagem ecológica se torna uma abordagem social..., para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49). Um processo que só é possível mediante uma visão de conjunto da realidade. É fato, como afirma Morin e Kern (1995, p.91), que há sofrimentos humanos que são resultados de catástrofes naturais, como secas, inundações, escassez de alimentos. Entretanto, há muitos outros que são frutos do que eles chamam de uma nova barbárie tecno-científica burocrática, como resultado do domínio da lógica da máquina artificial sobre os seres humanos⁴³. A esse respeito, o Papa ressalta que todo o avanço da tecnociência, que tem os seus pontos positivos, deu, todavia, “àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder económico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do género humano e do mundo inteiro” (LS 104). Entretanto, esse domínio nem sempre foi ou é pautado por uma “ética sólida”, de modo que “o ser humano e as coisas deixaram de se dar amigavelmente a mão, tornando-se contendentes” (LS 106). Desse modo, o Papa salienta que muitas das dificuldades do mundo atual, consiste no fato da tecnociência condicionar não só a vida das pessoas, mas todo o funcionamento da sociedade.

A tecnociência faz parte do processo de desenvolvimento, entretanto, para Morin e Kern,

o desenvolvimento é uma finalidade, mas deve deixar de ser uma finalidade míope ou uma finalidade-término. A finalidade do desenvolvimento submete-se ela própria a outras finalidades. Quais? Viver verdadeiramente. Viver melhor. Verdadeiramente e melhor, o que significa isso? Viver com compreensão, solidariedade, compaixão. Viver sem ser explorado, insultado, desprezado. Significa que as finalidades do desenvolvimento dependem de imperativos éticos. O económico deve ser controlado e finalizado por normas antro-po-éticas. (MORIN e KERN, 1995, p.106).

⁴³ “O mito do progresso hoje desmorona, o desenvolvimento está enfermo; todas as ameaças para o conjunto da humanidade têm pelo menos uma de suas causas no desenvolvimento das ciências e técnicas (ameaça das armas de aniquilamento, ameaças ecológicas à biosfera, ameaça de explosão demográfica).” (MORIN e KERN, 1995, p.91).

A finalidade míope da tecnociência e de todo processo de desenvolvimento, incapaz de olhar para a degradação ambiental e para a degradação humana, como uma degradação simultânea, impede ao homem compreender a *ecologia integral*, que busca compreender as várias degradações, humanas e sociais, como consequências do que se pode chamar da “degradação maior”, a degradação ambiental. Se em tese a finalidade do desenvolvimento é promover uma melhor qualidade de vida, o que se percebe é um processo contrário e incerto do futuro da humanidade frente às mudanças climáticas.

6. Comunicação Sinodal

Instituído em 15 de setembro de 1965 pelo Papa Paulo VI, através do Motu Proprio⁴⁴, *Apostolica Sollicitudo*, o Sínodo⁴⁵ dos Bispos surgiu logo após o Vaticano II, com o objetivo de estreitar o diálogo entre os bispos e o Papa, diante de uma época “perturbada e cheia de divisões” como afirmou o Papa Paulo VI. Embora o Pontífice tenha definido por escrito os regulamentos do Sínodo, Paulo VI deixou claro que assim “como todas as instituições humanas, [o Sínodo] pode ser aperfeiçoado com o passar do tempo” (PAULO VI, 1965).

Recentemente, o Papa Francisco, com a Constituição Apostólica *Episcopalis communio* (15 de setembro de 2018), renovou profundamente o Sínodo dos Bispos, inserindo-o no quadro da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja em todos os níveis da sua existência. De modo especial, o Sínodo é compreendido como um processo articulado em três fases: **a fase preparatória**, em que se realiza a consulta ao Povo de Deus sobre os temas indicados pelo Romano Pontífice; **a fase celebrativa**, caracterizada pela reunião dos Bispos em assembleia; e **a fase de atuação**, em que as conclusões do Sínodo aprovadas pelo Romano Pontífice são acolhidas pelas Igrejas. Portanto, a fase central, quando os Pastores se dedicam ao discernimento, é precedida e sucedida por fases em que todo o Povo de Deus é convocado, na pluralidade de sua composição (O SÍNODO DOS BISPOS, 2022).

⁴⁴ *Motu Proprio* (do latim motivo próprio) é o documento emitido por iniciativa do próprio Papa, com pleno conhecimento de causa. Os primeiros documentos deste tipo apareceram durante o pontificado de Inocêncio VIII (1484-1492). Faziam contraste às Cartas Decretais, que eram sempre a resposta dada a alguma questão levantada e indicavam como o Direito deveria ser aplicado em determinadas circunstâncias. O Motu Proprio, publicado sem nome de destinatário, tinha alcance mais amplo.

⁴⁵ “Literalmente a palavra “sínodo”, derivada de duas palavras gregas, *syn* que significa “juntos” e *hodos* que quer dizer “estrada” ou “caminho”, significa “caminhar juntos”. Um Sínodo é uma assembleia ou um encontro religioso no qual os bispos, reunidos em torno e com o Santo Padre, têm a oportunidade de interagir e de partilhar informações e experiências, na busca comum de soluções pastorais que têm uma validade e uma aplicação universais. O Sínodo, em geral, pode ser definido como uma assembleia dos bispos que representam o episcopado católico e que têm o dever de ajudar o Papa no governo da Igreja universal dando o próprio conselho” (SÍNODO DOS BISPOS, 2022).

O Papa Francisco, desde o início do seu pontificado tem buscado valorizar o Sínodo dos Bispos, considerado por ele um dos legados mais preciosos da última sessão conciliar. Em 9 anos de pontificado⁴⁶, o Papa Francisco já convocou 4 Sínodos. Em 2013, mesmo ano da sua eleição, o Papa convocou a XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a fim de refletir sobre a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. Esse Sínodo aconteceu de 4 a 25 de outubro de 2015. Em outubro de 2016 o Papa Francisco convocou o XV Sínodo da Igreja, com o tema, “os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, que se realizou de 3 a 28 de outubro de 2018. Em 15 de outubro de 2017 o Papa convocou uma Assembleia especial dos Bispos para a região Pan-amazônia⁴⁷, a fim de “encontrar novos caminhos para a evangelização daquela porção do povo de Deus, especialmente os indígenas, muitas vezes esquecidos, e sem perspectiva de um futuro sereno, também por causa da crise da floresta Amazônica, pulmão de importância fundamental para o nosso planeta” (FRANCISCO, 2017). Por último, o Papa Francisco convocou o quarto Sínodo do seu pontificado, um Sínodo para discutir a Sinodalidade. Parece redundante, mas o objetivo do Pontífice é imprimir uma consciência sinodal em toda a Igreja. Por isso o Papa afirma que “uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender (FRANCISCO, 2015). Este Sínodo acontece de 2021 a 2024.

Escuta recíproca, talvez seja um dos pontos fundamentais da comunicação sinodal do Papa Francisco, que estabelece a proposição, ou seja, a enunciação sinodal, a partir do que se pode considerar, como interação dialógica a partir das três fases do Sínodo (fase preparatória; fase celebrativa; fase de atuação). A comunicação sinodal, na perspectiva dialógica, é o que une o Papa Francisco e seus interlocutores, que deixam de ser apenas os padres sinodais, para envolver de forma eficaz a participação de todos nas discussões do Sínodo. Os quatro sínodos convocados por Francisco tiveram uma ampla participação de leigos e leigas. Foi assim com o Sínodo sobre a família, sobre os jovens e sobre a Amazônia. E agora sobre a Sinodalidade, que se abre para ouvir “reciprocamente” a todos, indistintamente, considerando que Sínodo significa caminhar juntos.

Segundo Lazzarato, no processo de compreensão da enunciação, “o elemento final, propriamente dialógico, é o mais importante, porque singulariza e dá consciência ‘existencial’ para resposta-reação. É a partir dele que se seleciona, se ordena e finaliza a enunciação

⁴⁶ Informação referente ao ano de 2022.

⁴⁷ Nove países compartilham a Pan-amazônia: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa e nesta região, importante fonte de oxigênio para toda a Terra, concentra-se mais de um terço das florestas primárias do mundo. É uma das maiores reservas de biodiversidade do planeta, abrigando 20% da água doce não congelada.

(LAZZARATO, 2014, p.163). Na comunicação ou nas relações dialógicas está implicada necessariamente uma tomada de posição, um julgamento, uma resposta-ação. Sabendo-se que, “respostas expressam uma ‘simpatia’, uma ‘antipatia’, um ‘acordo, desacordo, adesão, objeção, execução, estímulo à ação e assim por diante’. Toda resposta ‘refuta-os, confirma-os, completa-os’ e se baseia em questões que lhe são endereçadas” (LAZZARATO, P.163).

Todos os Sínodos convocados por Francisco foram marcados por acordos, desacordos, adesões, objeções, simpatia e antipatia dentro e fora da Igreja. Esse processo marca a comunicação dialógica do Papa Francisco com seus interlocutores, que relacionam o discurso do Papa com questões doutrinárias petrificadas na história da Igreja. Esse processo dialógico repercute numa dinâmica de uma comunicação “(con)divergente”, entre o discurso e a recepção do discurso do Papa nos campos comunicacionais. Um dos principais motivos para essa comunicação “(con)divergente”, diz respeito ao fato do Papa tratar a dinamicidade da fé cristã católica não de forma dogmática, ou seja, monológica, mas a partir de uma comunicação horizontal, tratando não só de elementos doutrinários, mas também de questões sociais, tirando a religião católica de uma passividade perante os desafios que assolam a humanidade, como por exemplo o problema ambiental, um tema caro ao Papa Francisco.

De todos os Sínodos convocados por Francisco, talvez o Sínodo Pan-amazônico tenha sido o mais “(con)divergente” de todos, uma verdadeira luta hermenêutica a partir das proposições sinodais. Porque embora o Papa trate a questão ambiental dentro de uma perspectiva eclesial, a discussão ecológica reverbera de forma direta em questões políticas, econômicas e sociais. Pois trata-se de uma problemática com impactos diversos na vida do Planeta, principalmente, na vida dos mais pobres e excluídos da sociedade. O terceiro e último capítulo da pesquisa se propõe a aprofundar os aspectos significativos da comunicação “(con)divergente” da problemática ecológica na inteligibilidade discursiva do Papa Francisco.

Na assembleia de abertura dos trabalhos do Sínodo Pan-amazônico, em 7 de outubro de 2019, o Papa chamou a atenção para a questão hermenêutica do Sínodo, por isso convidou os padres sinodais e os demais participantes do Sínodo a voltarem-se para a realidade amazônica com o olhar de discípulos, “com os olhos de discípulo, porque não há hermenêuticas neutras, hermenêuticas assépticas, estão sempre condicionadas por uma opção prévia, a nossa opção prévia é a dos discípulos” (SAUDAÇÃO DO PAPA FRANCISCO, 2019). Ou seja, a perspectiva de ação da Igreja será sempre o olhar cristão. Se num determinado momento da história a Igreja atuou única e exclusivamente com a finalidade de promover o proselitismo, o trabalho de converter pessoas a todo custo ao catolicismo, segundo o Papa, a ação da Igreja

nesse território já não pode ser confundida com proselitismo, mas como serviço aos povos dessas regiões.

No Sínodo Pan-amazônico, além de refletir sobre a crise da floresta Amazônica, o Papa olha de modo especial para os povos indígenas que vivem nessas regiões, segundo ele, muitas vezes esquecidos e sem perspectiva de futuro. Importante considerar aqui que desde o processo de colonização, não só do Brasil, mas de toda a região Pan-amazônica, os indígenas foram os que mais sofreram com as ações impostas pelos colonizadores. Muitas tribos foram dizimadas, suas culturas foram “saqueadas” pela imposição de uma cultura religiosa e um outro modo de vida social, a partir dos contextos trazidos pela “Europa colonizadora”. Por isso o Papa considera que a Igreja se aproxime dos povos amazônicos em ponta de pés. E o que isso significa? Significa que o modelo de evangelização realizado pela Igreja no período da colonização já não pode mais ser repetido. Para o Papa, é preciso reconhecer o valor desses povos,

respeitando a sua história, as suas culturas, o seu estilo do bom viver no sentido etimológico da palavra, não no sentido social que muitas vezes lhe atribuímos, porque os povos têm a própria identidade, todos os povos têm a própria sabedoria, uma consciência de si mesmos, os povos têm um modo de sentir, um modo de ver a realidade, uma história, uma hermenêutica e tendem a ser protagonistas da sua história com estas características, com estas qualidades. E aproximemo-nos alheios às colonizações ideológicas que destroem ou reduzem as especificidades dos povos. Hoje em dia, as colonizações ideológicas são muito difundidas. E aproximemo-nos sem a ansiedade empresarial de lhes oferecer programas pré-embalados, de “disciplinar” os povos amazônicos, de disciplinar a sua história, a sua cultura, ou seja, essa ansiedade de “domesticar” os povos originários. Quando a Igreja se esqueceu disto, ou seja, de como se deve aproximar de um povo, não se inculturou; chegou ao ponto de desprezar determinados povos. E de quantos fracassos nos arrependemos hoje (SAUDAÇÃO DO PAPA FRANCISCO, 2019).

Pode-se entender por colonizações ideológicas⁴⁸ o modo como as ideologias foram entendidas e aplicadas nos vários contextos no decorrer da história, e como essas ideologias ganharam significações diversas, em sua grande maioria, significações negativas. Segundo

⁴⁸ “Por dois séculos, o conceito de ideologia ocupou um lugar central e, às vezes, inglório, no desenvolvimento do pensamento social e político. Introduzido, originalmente, por Destutt de Tracy, como um rótulo para uma suposta ciência das ideias, o termo “ideologia”, rapidamente, tornou-se uma arma numa batalha política, travada no terreno da linguagem. Imbuído, originalmente, de toda a confiança e do espírito afirmativo do iluminismo europeu, para o qual a ciência, por ele descrita, era aceita como que representando um estágio culminante, a “ideologia”, rapidamente, tomou-se um termo abusivo que mostrava o vazio, a preguiça e a sofisticação de certas ideias. O conceito de ideologia teve um parto difícil e, como se isso não bastasse, sua história de vida subsequente teve poucas alegrias. Tornando em diferentes acepções pelas ciências sociais emergentes do século XIX e começo do século XX, o conceito de ideologia foi puxado numa direção e empurrado para outra, e durante todo esse tempo ele se tornou um termo que desempenhou um papel nas batalhas políticas da vida cotidiana. Quando usamos, hoje, o termo ideologia, empregamos um conceito que carrega os traços, embora desbotados, dos muitos usos que caracterizaram sua história” (THOMPSON, 2000, p.43).

Bakhtin (2006, p.16), “a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua”. Pensando no processo de colonização e no reflexo desse processo na vida dos povos Pan-amazônicos, a ideologia foi justamente a colonização e exploração das suas raízes culturais, religiosas e sociais para “modificação da língua”, linguagem e significação simbólica. Nesse sentido, o Papa afirma que

as ideologias são uma arma perigosa, temos sempre a tendência de nos agarrarmos a uma ideologia para interpretar um povo. As ideologias são redutoras e levam-nos a exagerar a nossa pretensão de compreender intelectualmente, mas sem aceitar, compreender sem admirar, compreender sem assimilar. E então entendemos a realidade em categorias, e as mais comuns são as categorias dos “ismos”. Portanto, quando temos que nos aproximar da realidade de alguns povos originários, falamos de indigenismo, e quando queremos dar-lhes alguma saída para uma vida melhor, não perguntamos, falamos de desenvolvimentismo. Estes “ismos” reformulam a vida a partir do laboratório iluminado e iluminista (SAUDAÇÃO DO PAPA FRANCISCO, 2019).

A questão ideológica foi um dos principais embates hermenêuticos que desencadeou a comunicação “(con)divergente”, entre o discurso e a recepção do discurso do Papa sobre a problemática ecológica na perspectiva sinodal. Grupos conservadores se manifestaram contra as proposições sinodais, acusando o Papa de apologia ao marxismo e ao socialismo, enquanto grupos progressistas se manifestaram contra os grupos conservadores em apoio ao Papa. Uma luta hermenêutica que evidencia a politização do ambiente eclesial.

3. CAPÍTULO – A DEFESA ECOLÓGICA DE FRANCISCO EM PROCESSOS COMUNICACIONAIS (CON)DIVERGENTES

“Quando o sujeito fala, ele está em plena atividade de interpretação, ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”.

Eni P. Orlandi

Falar de defesa do meio ambiente em processos comunicacionais (con)divergentes, é compreender que os discursos do Papa Francisco fazem parte de um processo comunicacional marcado por entendimento convergentes e ao mesmo tempo divergentes. Isso significa dizer que a falta de consenso eclesiológico é uma marca predominante do Pontificado do Papa Francisco. Claro que essa não é uma particularidade apenas desse pontificado. A Igreja desde sempre traz na sua história a marca das discussões infundáveis sobre temas diversos, a ponto de assumir na sua história o recurso dogmático como forma de transformar algo em uma verdade absoluta, e com isso dirimir toda e qualquer possibilidade de discussão.

Contudo, sabendo-se que a linguagem é a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, o discurso só adquire sentido na relação com outros discursos. Isso significa que quando o Papa Francisco discute a questão ecológica, o Papa está estabelecendo uma relação com outros discursos, que podem ser convergentes ou divergentes. E isso é o que de alguma forma indicia a polarização no ambiente eclesial, porque os discursos do Papa provocam apreensões e interpretações convergentes e divergentes simultaneamente.

A partir disso, o que se pretende nesse capítulo é desenvolver a análise do discurso do Papa Francisco, principalmente a partir da Encíclica, *Laudato Si'*, a fim de compreender possíveis motivos que o levam a indicar a polarização no ambiente eclesial, sabendo-se que a análise do discurso tem como objetivo compreender o modo como os objetos simbólicos produzem sentidos, sabendo-se que os discursos não são apenas expressões linguísticas isoladas, mas estão relacionados a diferentes aspectos sociais, políticos, históricos e culturais.

1. Comunicação convergente, divergente, (con)divergente

É fato que nunca houve consenso, concordância ou uniformidade de opiniões dentro da Igreja. Desde o princípio, muito antes da Igreja ser o que ela é hoje, a divergência de opinião já era presente. No início da Igreja primitiva, por exemplo, a grande questão era se os pagãos, recém convertidos ao cristianismo, deveriam ou não observar as práticas judaicas. Alguns defendiam que estes deveriam ser circuncidados, uma prática religiosa própria do judaísmo. O Apóstolo Paulo defendia que para o cristianismo tais práticas já não eram necessárias, levando a discussão para outras instâncias da Igreja nascente, o que se configurou depois como o Concílio de Jerusalém⁴⁹.

A divergência de opinião, portanto, acompanha a Igreja desde sempre. As questões teológicas e doutrinárias nunca foram totalmente consensuais, de modo que, em muitas discussões, para acalmar os ânimos, a Igreja adotou ao longo da história o recurso dogmático, um modo próprio da Igreja de transformar algo em uma verdade absoluta, a fim de evitar desgastes com discussões infundáveis. Ao afirmar algum dogma, a Igreja encerra ou ameniza toda e qualquer possibilidade de discussão a respeito de determinado assunto. Isso para dizer que convergência e divergência de opinião sempre estiveram presentes na Igreja ao longo da história.

Entre os dogmas da Igreja, por exemplo, está o dogma da infalibilidade papal, promulgado em 1870, através da constituição dogmática *Pastor Aeternus*, aprovada no Concílio Vaticano I. O dogma foi uma imposição a todos os crentes como autoafirmação da autoridade da Igreja Católica em um momento delicado em que a Igreja perde os territórios pontifícios e vê diminuída a sua autoridade. Por meio da constituição dogmática *Pastor Aeternus* a Igreja declara que o Papa “detém o primado do poder ordinário sobre todos os demais” (PASTOR AETERNUS, 1870). De modo que, segundo a constituição, caso alguém venha a discordar dessa definição, seja anátema, ou seja, seja excomungado da Igreja.

O dogma da infalibilidade papal quis preservar os Papas de possíveis questionamentos e confrontos à sua autoridade. Entretanto, o que se observa é que mesmo com a promulgação do dogma da infalibilidade papal, com a possibilidade da excomunhão, caso haja dúvidas e questionamentos, a prática comunicacional dos papas nunca esteve isenta de dúvidas e questionamentos, seja no âmbito interno ou externo à Igreja. Os discursos papais sempre foram marcados por recepções convergentes e ao mesmo tempo, divergentes. Mesmo porque, todo e

⁴⁹ Tal narrativa pode ser acompanhada na Bíblia, no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 15.

qualquer discurso é marcado pelo processo de recepção e interpretação entre o sujeito produtor e o sujeito receptor do discurso. Lembrando que, conforme Orlandi (2005, p. 21), não há separação entre emissor e receptor, ambos estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação do discurso.

Frente ao dogma da infalibilidade papal, o Papa Francisco sempre assumiu uma postura de que o Papa também tem suas fragilidades e não está isento de erros, por isso muitos consideram que com Francisco o dogma da infalibilidade papal se transformou indiretamente no dogma da “falibilidade papal”, por reconhecer que assim como todo ser humano, o Papa carrega em si as marcas da fragilidade humana. Por isso é, de alguma forma, compreensível que possam surgir críticas e questionamentos quando muitos não concordam com os discursos de Francisco. Entretanto, faz-se necessário entender porque não concordam, e se concordam, porque concordam. Na análise do discurso compreender essa dinâmica comunicacional, é entender como os objetos simbólicos produzem sentido, mesmo porque, “o discurso é efeito de sentidos entre os locutores” (ORLANDI, 2005, p. 21).

Nessa dinâmica, a comunicação pode se dar numa perspectiva convergente ou divergente. Convergente quando o discurso e a interpretação do discurso se encaminham para um ponto comum, com sentidos semelhantes. Divergente quando o discurso perde a sua linearidade e se encaminha para pontos de vistas conflitantes, culminando com sentidos discordantes sobre o mesmo assunto. A comunicação (con)divergente, diz respeito ao discurso que atinge ao mesmo tempo sentidos convergentes e divergentes simultaneamente, colocando o discurso e a recepção do discurso em sentidos convergentes e divergentes concomitantemente. Isso porque, “o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros – outros enunciados que são comentados, parodiados, citados” (MAINGUENEAU, 2018, p. 62).

Se o discurso só adquire sentido na relação com outros discursos, isso significa dizer, conforme Volóchinov, que

toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante. (VOLÓCHINOV, 2006, p. 151).

Existe, portanto, um “fundo perceptivo” que estabelece as conexões necessárias entre o discurso interior e o discurso exterior. De modo que o discurso só ganha sentido no estabelecimento dessa relação, que pode se configurar de forma convergente ou divergente a depender das “palavras interiores” que ligam os discursos. Para Orlandi, um dos objetivos da análise do discurso é compreender a língua, enquanto trabalho simbólico, fazendo sentido na história humana. De modo que,

a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2005, p. 15)

Orlandi também faz uma distinção no estudo do discurso, que segundo ela é diferente da hermenêutica, porque a análise do discurso tem como objetivo compreender o modo como os objetos simbólicos produzem sentidos, o que não significa a busca de um sentido verdadeiro, mas sim, analisar como um objeto simbólico produz sentidos, e permite a criação de novas práticas de leitura. Embora o objetivo da presente pesquisa não seja fazer uma hermenêutica dos discursos do Papa Francisco, a fim de encontrar um sentido verdadeiro, não se pode negar que toda e qualquer busca de sentido é permeada por uma hermenêutica, que converge ou diverge ao discurso. Desse modo, o que se busca aqui é entender como os discursos do Papa provocam apreensões e interpretações convergentes e divergentes simultaneamente. Sabendo-se que, “a Análise do Discurso não estaciona na interpretação, [mas] trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação” (ORLANDI, 2005, p. 26).

Segundo Volóchinov, a análise do discurso trabalha com alguns pressupostos que precisam ser respondidos, por exemplo,

Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? (VOLÓCHINOV, 2006, p. 149).

Entretanto, Orlandi coloca que o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, considerando o material que analisa e a finalidade da análise (cf. ORLANDI, 2005, p. 27). Nesse sentido, a finalidade da pesquisa é responder às seguintes questões, “por que a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco leva a uma interpretação (con)divergente da questão ecológica? Por que os discursos do Papa Francisco são marcados

por polarizações e acusações de desrespeito à doutrina cristã católica?⁵⁰ A pesquisa visa responder não no sentido de um caminho hermenêutico, a fim de encontrar uma resposta verdadeira, mas responder como parte do processo de significação do discurso⁵¹, de modo que se trabalhe, não a interpretação hermenêutica, mas os limites da interpretação. Nesse sentido, as perguntas postas por Volóchinov são importantes para articular o caminho da análise. Considerando também que “o discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto” (ORLANDI, 2005, p. 22). Isso significa dizer que os discursos não são apenas expressões linguísticas isoladas, mas estão relacionados a diferentes aspectos sociais, políticos, históricos e culturais.

Para Orlandi a análise deve considerar três importantes dimensões: a dimensão discursiva, a dimensão histórica e a dimensão ideológica, de modo que se evidenciem as características linguísticas do texto, as condições de produção do discurso, ou seja, o contexto histórico e social em que ele foi produzido, bem como as relações de poder que estão presentes no discurso e seus efeitos nas interações sociais. Nesse sentido, a análise do discurso busca compreender os processos de produção e circulação dos discursos, cooperando para uma análise reflexiva e crítica da linguagem e de seus efeitos sociais, considerando que “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 2005, p. 62).

Posto isso, a análise que se segue buscará responder as questões apresentadas como objeto de estudo e de entendimento do discurso do Papa Francisco sobre a problemática ecológica, bem como o processo de significação do discurso dentro do contexto social em que

⁵⁰ “Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face as suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais” (ORLANDI, 2005, p. 27).

⁵¹ A Análise de Discurso não procura o sentido "verdadeiro", mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A Ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. Todo enunciado, dirá M. Pêcheux (idem), é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro. Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. É também em relação à interpretação que podemos considerar o interdiscurso (o exterior) como a alteridade discursiva: "é porque há o outro nas sociedades e na história, diz M. Pêcheux(1990), correspondente a este outro linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes" (Cf. ORLANDI, 2005, p. 59).

se está inserido, considerando a relação entre produtor e receptor do discurso em observância com o discurso interior, ou fundo perceptivo.

2. Papa Francisco e a problemática ecológica

Francisco traz para a discussão um problema de ordem mundial, a problemática ecológica, um tema que emerge da sensibilidade do pontífice de ajudar a humanidade a refletir sobre a relação entre o meio ambiente e o meio social. Um tema que, embora possa parecer desvinculado do corpo eclesial, está totalmente amparado pelas proposições da Doutrina Social da Igreja (DSI), que diz que “o ser humano viu-se a considerar-se alheio ao contexto ambiental em que vive” (DSI 464). Além disso afirma que “os atuais problemas ecológicos, de caráter planetário, podem ser eficazmente enfrentados somente através de uma cooperação internacional capaz de garantir uma maior coordenação do uso dos recursos da terra” (DSI 481).

A partir desses pressupostos, é possível compreender o apelo do Papa Francisco que apresenta na *Laudato Si'* (LS), “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (LS 13).

Nesse apelo o Papa fala da possibilidade, ou da hipótese, de uma possível mudança. A mudança a que o Papa se refere diz respeito ao fato de que se uma medida urgente não for tomada, a fim de proteger o meio ambiente, as coisas podem mudar. As coisas às quais se refere o Papa, tem que ver com as transformações que o meio ambiente vem sofrendo ao longo do tempo, como as mudanças climáticas, que têm como consequências o aquecimento global e respectivamente o degelo dos polos terrestres, além da poluição da água, do ar e o comprometimento da continuação da vida no planeta.

A *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, encíclica do Papa Francisco, foi lançada maio de 2015, curiosamente, em novembro desse mesmo ano, ocorreu no Brasil um dos piores desastres ambientais da sua história, o rompimento da barragem de rejeitos de minerais na cidade de Mariana-MG. Na ocasião morreram 19 pessoas, além de um dano ambiental irreparável. Talvez, muitos já nem lembrem da tamanha tragédia. Também em 2015, aconteceu a 21ª Conferência do Clima, a COP21, realizada em Paris, na França. Na ocasião, durante o Ângelus do dia 6 de dezembro de 2015, o Papa fez menção ao evento, dizendo, “sigo com grande atenção os trabalhos da Conferência sobre o clima que decorre em Paris, e volta à minha mente uma pergunta que escrevi na Encíclica *Laudato si'*: ‘Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?’ (n. 160)”. Certamente o Papa, sabendo

da importância da COP21, quis, com a publicação da encíclica, de alguma forma colaborar com os 195 países presentes na COP21, além da União Europeia, a refletir melhor sobre a realidade do clima.

A publicação da *Laudato Si'* ganhou o aval de grandes nomes, como por exemplo Edgar Morin e Leonardo Boff, um dos grandes expoentes da discussão sobre o meio ambiente no Brasil e no mundo. O aval desses dois personagens é o que se poderia chamar aqui de comunicação convergente, a partir do sentido provocado pelo discurso. Segundo Edgar Morin o documento do Papa foi “providencial, não no sentido da divina providência! Mas nós vivemos uma época de deserto do pensamento, um pensamento fragmentado em que os partidos que se dizem ecologistas não tem nenhuma real visão da magnitude e da complexidade do problema”⁵². Edgar Morin é um sociólogo francês, expoente da teoria da complexidade. Já Leonardo Boff diz que, “a absoluta novidade consiste em que a encíclica assume o novo paradigma contemporâneo segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades interconectadas, influenciando-se umas às outras”⁵³.

Se a análise do discurso tem como objetivo compreender o modo como os objetos simbólicos produzem sentidos, pode-se dizer que, na visão desses dois autores, o documento *Laudato Si'*, tratado aqui como objeto simbólico, tem um sentido convergente a partir da compreensão e do processo de significação que o documento provoca, considerando a magnitude e a complexidade da problemática ecológica, bem como a compreensão de que todas as realidades estão conectadas umas às outras.

Embora exista uma percepção convergente da *Laudato Si'*, por porte de muitos, não se pode negar que existe uma corrente conservadora que afirma que “o movimento ambientalista é hoje identificado, por representantes e antagonistas, como ‘de esquerda’: um protesto em defesa dos pobres e oprimidos em luta contra as grandes corporações, contra o consumismo e contra as estruturas de poder” (SCRUTON, 2016, p. 11). Essa é a visão apresentada pelo filósofo e comentarista cultural britânico Roger Scruton, falecido em 2020, que foi um dos grandes expoentes do pensamento conservador e crítico do modo como a problemática ecológica é tratada na sociedade.

Se a caracterização ou descrição da “esquerda”, conforme Roger Scruton, consiste na defesa dos pobres e oprimidos, e num posicionamento contra o consumismo e estruturas de

⁵² Conferir a entrevista de Antoine Peillon e Isabelle de Gaulmyn, publicada por La Croix, 21-06-2015, disponível em: <https://international.la-croix.com/news/religion/act-1-of-a-call-for-a-new-civilization/1440>

⁵³ Conferir a entrevista de Leonardo Boff concedida a revista IHU, disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/543662-ecologia-integral-a-grande-novidade-da-laudato-si-qnem-a-onu-produziu-um-texto-desta-natureza-entrevista-especial-com-leonardo-boff>

poder, pode-se dizer que o discurso do Papa Francisco na *Laudato Si'* é um “discurso de esquerda”, porque o Papa trata a questão ecológica a partir de um viés social, de modo que, segundo o Pontífice, não se pode desvincular o meio ambiente do meio social. Nesse sentido, ao referir-se à encíclica, o Papa apresenta alguns eixos que atravessam todo o documento, como por exemplo,

a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida. Estes temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos (LS 16).

Entre a afirmação de Roger Scruton e o recorte aqui apresentado do discurso do Papa Francisco, pode-se visualizar a seguinte estrutura discursiva:

Roger Scruton – Visão Conservadora	Papa Francisco – Visão Progressista
o movimento ambientalista é hoje identificado, por representantes e antagonistas, como “de esquerda”	a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo
um protesto em defesa dos pobres e oprimidos	relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta
luta contra as grandes corporações	procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso
contra o consumismo	a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida
contra as estruturas de poder	crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia

A partir do quadro acima é possível perceber que a afirmação de Roger Scruton, sobre o modo como o movimento ambientalista é visto por seus antagonistas, relaciona-se diretamente com o discurso do Papa Francisco, entendendo que não é o objetivo aqui julgar o certo ou o errado, ou quem está com a razão, mas apresentar o modo como o discurso é capaz de produzir sentido na realidade, seja ele convergente ou divergente.

Se para uns o movimento ambientalista é um protesto em defesa dos pobres e oprimidos, para o Papa consiste numa íntima relação entre os pobres e fragilizados do planeta. De modo que, enquanto uns veem a discussão ecológica como uma forma de luta contra as grandes corporações, para Francisco é necessário encontrar outras maneiras de entender a economia e o progresso. E se para muitos a defesa do meio ambiente é uma forma de luta contra o consumismo, para o Papa é a oportunidade de se vislumbrar um novo estilo de vida a partir de um olhar atento à cultura do descarté e as estruturas de poder.

Diante do que foi posto até aqui, há de se considerar que se a afirmação de Roger Scruton é uma asseveração verdadeira, é possível dizer que o discurso do Papa Francisco é predominantemente de “esquerda”⁵⁴, porque toda a discussão ecológica do Papa está ancorada numa visão que integra necessariamente o meio ambiente e o meio social, político e econômico. De modo que, para o Pontífice, não é possível falar de defesa do meio ambiente sem considerar o desenvolvimento humano de uma forma integral, mesmo porque na visão do Papa, os que mais sofrem com os problemas ambientais são os mais pobres, que muitas vezes são obrigados, por exemplo, a fugir da realidade miserável em que se vive devido ao agravamento da degradação ambiental (cf. LS 25).

Partindo dessas premissas, há de se considerar que

“esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (BOBBIO, 2011, p.51).

Portanto, falar em “direita” e “esquerda” é considerar a existência de programas contrapostos, que existem em todos os ambientes da sociedade, inclusive dentro da Igreja Católica, demarcada por posicionamentos progressistas (esquerda) e conservadores (direita), evidenciados principalmente a partir das discussões do Concílio Vaticano II, em que colocam neoagostinianos e neotomistas em conflitos. Enquanto a visão agostiniana coloca a Igreja e o mundo numa situação de rivais, como se fossem duas realidades antagônicas, a visão tomista busca estabelecer uma visão otimista do mundo em relação à Igreja, como por exemplo, abrir

⁵⁴ “‘Direita’ e ‘esquerda’ são termos antitéticos que há mais de dois séculos têm sido habitualmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas. Enquanto termos antitéticos, eles são, com respeito ao universo ao qual se referem, reciprocamente excludentes e conjuntamente exaustivos. São excludentes no sentido de que nenhuma doutrina ou nenhum movimento pode ser simultaneamente de direita e de esquerda. E são exaustivos no sentido de que, ao menos na acepção mais forte da dupla, como veremos melhor a seguir, uma doutrina ou um movimento podem ser apenas ou de direita ou de esquerda” (BOBBIO, 2011, p.50).

as portas da Igreja para ir ao encontro de outras realidades que estão para além da manutenção dos seus princípios dogmáticos, em diálogo com a cultura moderna.

Evidenciar, portanto, o discurso do Papa Francisco como sendo de “esquerda” é abrir a discussão para a contraposição de ideias marcadas por visões progressistas e conservadoras dentro e fora da Igreja. E talvez essa seja a principal razão para os conflitos existentes entre o Papa Francisco e a ala conservadora da Igreja, que argui as proposições discursivas do Pontífice como sendo contrárias as proposições do evangelho e os princípios dogmáticos da Igreja. Por meio de uma comunicação (con)divergente, os conservadores colocam o discurso de Francisco em suspeição, por julgá-lo contrário aos “princípios doutrinários”. Tal questão tem que ver com a ideia de que “a dupla direita-esquerda teve uma conotação de valor unívoca, pelo fato de um dos dois termos, direita, sempre ter tido uma conotação positiva, e o outro, esquerda, sempre negativa” (BOBBIO, 2011, p. 91).

Devido a conotação de valor unívoca entre direita e esquerda, e a aproximação do pensamento do Papa Francisco com a “esquerda”, o discurso do Papa tende a criar recepções antônimas, de modo que, embora o Papa seja a autoridade máxima da Igreja, a ala conservadora tende a não lhe conferir tal autoridade⁵⁵, por divergir do modo como o discurso do Papa é constituído. Isso evidencia o quanto essas duas palavras, direita-esquerda, próprias do âmbito político, ganharam força no âmbito eclesial, a ponto de acirrar os ânimos dentro da própria Igreja, constituindo grupos divergentes que muitas vezes se colocam acima da autoridade máxima da Igreja, divergindo não só do discurso, mas também dos gestos e ações do Pontífice.

Segundo Roger Scruton, os termos “‘esquerda’ e ‘direita’... não descrevem teorias ou objetivos, mas identidades, que são reveladas na estrutura das escolhas coletivas” (SCRUTON, 2016, p. 69). Entretanto, não se pode negar que são “duas palavras que são ainda hoje tão carregadas de significado emotivo que acirram os ânimos, a ponto mesmo de serem usadas pelas duas partes ou para magnificar seu respectivo campo ou para insultar o campo adversário” (BOBBIO, 2011, p. 47). É justamente nesse arcabouço conflituoso que se encontra o Papa Francisco, muitas vezes insultado pelo campo adversário, que discorda das escolhas do pontífice na condução das questões eclesiais.

Quando o Papa optar por um discurso em que afirma que a defesa do meio ambiente “revela uma relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta”, pode-se dizer que de

⁵⁵ Autoridade - A problemática da autoridade engaja a análise do discurso em uma reflexão nos planos epistêmico (sobre as condições de aceitabilidade não-vericondicionais dos enunciados), da influência social (sobre o poder no discurso) e interpessoal (sobre as manifestações e efeitos sobre a interação das posições superiores / inferiores dos interactantes) (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 86).

fato Francisco está fazendo, “um protesto em defesa dos pobres e oprimidos”, de modo que não se pode negar que há uma clara escolha por parte do Pontífice, a de que não se pode “deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49). O convite do Papa para ouvir o clamor dos pobres e o clamor da terra, tem uma íntima relação com a obra “Ecologia, grito da terra, grito dos pobres – Dignidade e direitos da Mãe Terra”, do teólogo e escritor brasileiro, Leonardo Boff, onde afirma que “entrar no mundo do pobres e pensar o clamor ecológico implica confrontar-se com uma outra racionalidade, com a lógica simbólica e sacramental dos pobres, com o seu universo vital, mais sofrido do que pensado e sistematizado” (BOFF, 2015p. 214).

Diante da escolha do Papa, por um discurso ecológico em defesa do meio ambiente e dos pobres, a pergunta que talvez se poderia fazer aqui é, há algo de errado nessa escolha do Papa? Sim e não, ou seja, sim para os que olham para o meio ambiente apenas pelo viés da livre-iniciativa, em que acreditam que os recursos naturais podem e devem ser explorados para atender as “demandas” do sistema neoliberal, independente das consequências, e não para os que escolhem olhar para o meio ambiente compreendendo que a degradação ambiental é um grande risco para a vida do Planeta, principalmente para as populações mais pobres e periféricas do mundo. Por isso o Papa defende que um olhar ecológico só é efetivo mediante um olhar social. Lembrando que não é objetivo da pesquisa fazer juízo de valor, entretanto, quando se diz sim e não, o que está em jogo é a classificação política dos discursos do Papa em categorias antagônicas, em que conservadores e progressistas tendem a se manifestar com ânimos aflorados, para magnificar ou para insultar o Papa, abrindo espaço para a dicotomia eclesial, manifesto através da comunicação (con)divergente.

2.1 A íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta

Se para os antagonistas do movimento ambientalista a defesa do meio ambiente é uma justificativa para se “protestar em defesa dos pobres e oprimidos”, pode-se dizer que o Papa Francisco apresenta um “declarado protesto” em favor dos pobres e oprimidos, agradecendo inclusive “àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo” (LS 13). O Papa “protesta” em favor dos pobres porque para ele não é possível falar em defesa do meio ambiente sem levar em consideração a defesa do meio social, principalmente dos mais pobres e fragilizados do planeta.

Quando o Papa apresenta em seus discursos um olhar voltado para as populações pobres do mundo, resgata um princípio que foi estabelecido pela Teologia da Libertação⁵⁶, o princípio da opção preferencial da Igreja pelos pobres, mas que se perdeu com o passar do tempo, justamente pela dicotomia existente entre progressistas (esquerda) e conservadores (direita), sabendo-se que a esquerda sempre foi colocada na história como uma posição ideológica inferior à visão conservadora de direita. Tanto que o termo “ideologia” ganhou nos últimos tempos uma conotação pejorativa, associada a todas as iniciativas próprias da esquerda. Entender, portanto, o discurso do Papa Francisco numa perspectiva progressista, em que discute a ecologia a partir da opção preferencial pelos pobres, é considerar a antítese existente entre direita e esquerda, ou seja,

a conotação positiva de um implica necessariamente a conotação negativa do outro. Saber qual dos dois é o axiologicamente positivo e qual o axiologicamente negativo não depende do significado descritivo, mas dos opostos juízos de valor que são dados às coisas descritas. Isso produz uma notável consequência no que se refere ao uso de “direita” e “esquerda” na linguagem política e em outras linguagens, nas quais, a começar da linguagem religiosa, “direita” tem sempre uma conotação positiva e “esquerda”, sempre uma conotação negativa. Nem todas as díades são axiologicamente reversíveis. A dupla direita-esquerda o é certamente na linguagem comum, mas não na linguagem política (BOBBIO, 2011, p. 86).

Quando se trata, portando, de juízo de valor, a tendência tanto da política como da linguagem religiosa é enxergar a “esquerda” a partir de uma conotação negativa. Isso significa dizer que se o Papa Francisco pauta o seu discurso a partir de um olhar à “esquerda”, a tendência é que o discurso do Papa passe necessariamente pelo crivo de um certo “juízo de valor”, seja por parte de membros da sociedade civil ou de membros da própria Igreja, que tendem a negar os discursos do Pontífice e, conseqüentemente, a própria figura do Papa, motivados por um juízo de valor que deslegitima⁵⁷ a autoridade discursiva do Pontífice e acachapa os seus discursos, associando-os a um viés ideológico⁵⁸ unilateral. Segundo Thompson, “ideologia é o

⁵⁶ “A Teologia da Libertação nunca foi um sistema fechado como é o sistema curial romano com sua teologia oficial subjacente. Como se trata de libertação, a ação que liberta a partir da fé, sempre mostrou capacidade de aprender dos desafios e dos saberes do tempo e dar-lhes uma resposta corajosa e contemporânea. Não esperou que a história passasse para, depois, sobre ela, comodamente, fazer reflexões. Procurou ajudar na moldagem dessa história com a contribuição da fé, assumindo os riscos e equívocos nisso implicados” (BOFF, 2015p. 213).

⁵⁷ Em análise do discurso, a noção de legitimação pode ser utilizada para significar que o sujeito falante entra em um processo de discurso, que deve conduzir a que reconheça que tem direito à palavra e legitimidade para dizer o que diz (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 295).

⁵⁸ “Quando empregamos o termo ideologia, quer seja na análise social e política, ou na conversação do dia a dia, nós empregamos um conceito que tem [uma história longa e complicada. Parte dos motivos de este conceito ser tão ambíguo hoje, de ter tantas acepções e nuances diferentes, deve-se ao fato de este conceito ter percorrido um caminho longo e sinuoso desde que foi introduzido nas línguas europeias, há dois séculos atrás: a multiplicidade de significados que ele tem hoje é um produto de seu itinerário histórico. Mas há outro fator que exacerba sua ambigüidade. Quando nós usamos o termo ideologia, hoje, ou quando nós o escutamos empregado por outros, não estamos totalmente seguros se ele está sendo usado descritiva ou prescritivamente, se ele está sendo usado

pensamento do outro, o pensamento de alguém diferente de nós. Caracterizar um ponto de vista como ideológico é, tem-se a impressão, já criticá-lo implicitamente, pois o conceito de ideologia parece transmitir um sentido negativo, crítico”. (THOMPSON, 2018, p. 14). Por isso, “a Análise de Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2005, p. 16).

Ao dizer que o Papa pauta os seus discursos a partir de um olhar à “esquerda”, é importante deixar claro, que Francisco não faz um tratado sobre o que é ser de esquerda, nem estabelece uma definição de ideologia. O que se considera aqui são as escolhas feitas pelo Papa para construção do discurso ecológico, como por exemplo, a indissociabilidade entre defesa do meio ambiente e defesa dos pobres, uma escolha que transparece necessariamente as bases motivacionais da Teologia da Libertação. Nessa mesma perspectiva, Boff coloca que,

a Teologia da Libertação e a ecologia possuem um ponto de partida comum: o grito. O grito do pobre e do oprimido com seus muitos rostos - a Teologia da Libertação - e o grito da Terra e da natureza exploradas e devastadas - a ecologia. Ambas têm como meta comum: pensar e agir de tal maneira que esses pobres não precisem mais gritar, porque suas causas e sua situação foram atendidas. Daí ser a marca registrada tanto da Teologia da Libertação quanto da ecologia, a opção preferencial pelo pobre, contra a sua pobreza e em favor de sua vida, da justiça social e libertação (BOFF, 2015, p. 212).

Nessa compreensão entre ecologia e opção pelos pobres, Francisco afirma que “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada” (LS 2). No resgate do princípio da Teologia da Libertação, uma teologia que foi duramente criticada e combatida durante o pontificado do Papa João Paulo II, pode-se considerar aqui que esse fato coloca as escolhas discursivas de Francisco num lugar de acirrada luta hermenêutica, o que ratifica o objeto epistemológico da pesquisa, em que afirma que a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco indicia a ausência de consenso ideológico no ambiente eclesial, provocando uma luta hermenêutica polarizada entre sentidos (con)divergentes.

A polarização ideológica no ambiente eclesial ganhou força no pontificado de Francisco, não que o Papa estivesse engajado em polarizar, mas a partir do momento que o Papa resgata, como por exemplo, conceitos que haviam sido “marxizados” e, conseqüentemente, “abolidos” em pontificados anteriores, o Papa desperta, nos que defendem uma visão conservadora da Igreja e da sociedade, motivação para criticá-lo e acusa-lo de “comunista”, um, rótulo que acompanha o Papa Francisco desde o início do seu pontificado.

simplesmente para descrever um estado de coisas (p. ex. um sistema de ideias políticas) ou se ele está sendo usado também, e talvez como sentido principal, para avaliar um estado de coisas.” (THOMPSON, 2018, p. 13-14).

Na comemoração dos seus dez anos de pontificado (2013-2023), o Papa concedeu uma entrevista ao Canal 5 de Notícias, uma rede de televisão argentina, em que afirma que o melhor remédio para a extrema-direita é a justiça social, e quanto a acusação de comunista, o Papa fala que sua carta de identidade é o Capítulo 25 do Evangelho de Mateus⁵⁹, que apresenta a necessidade de alimentar os famintos, dar de beber a quem tem sede, acolher os estrangeiros, vestir que está sem roupa, cuidar dos doentes e visitar os presos. É a partir desses pressupostos que o Papa fala da sua opção preferencial pelos pobres, não como comunista, mas como praticante do Evangelho, assim se defende o Pontífice.

2.2 O olhar da economia e do progresso em defesa do Planeta

Outro ponto a ser considerado na análise do discurso do Papa Francisco, é que, embora os antagonistas ao movimento ambientalista afirmem que a defesa do meio ambiente é uma “luta contra as grandes corporações”, não seria possível afirmar categoricamente que Francisco arma uma “luta”. Entretanto, o Papa convida a humanidade “a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso” (LS 16), o que significa, direta ou indiretamente, uma crítica às grandes corporações. Segundo Francisco “os recursos da terra estão a ser depredados também por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva” (LS 32).

Segundo Roger Scruton,

existe uma tendência, entre os ambientalistas, de acusar os *big players* do mercado de ser os principais culpados dos crimes contra o meio ambiente: companhias petrolíferas, fabricantes de automóveis, madeireiras, agronegócio e supermercados - que acumulam enormes lucros repassando os custos ambientais para terceiros (incluindo aqueles que ainda não nasceram). Mas isso é tomar o efeito pela causa. Em uma economia livre, essas formas de ganhar dinheiro surgem por obra de uma mão invisível associada às escolhas feitas por todos. É a demanda por carros, petróleo, comida barata e artigos dispensáveis que está na base do processo. As empresas fornecem essas coisas porque existe uma alta demanda por esse consumo. É também

⁵⁹ ³¹“Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se assentará em seu trono glorioso. ³²Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³E colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. ³⁴Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. ³⁵Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; ³⁶eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar’. ³⁷Então os justos lhe perguntarão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? ³⁸Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? ³⁹Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?’ ⁴⁰Então o Rei lhes responderá: ‘Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram.’ (Mt 25, 31-40).

verdade que, sempre que puderem, os *big players* externalizarão seus custos. Mas nós fazemos a mesma coisa. Ao viajar de avião, ir ao supermercado ou consumir combustíveis, externalizamos os custos para terceiros e para as futuras gerações. Uma economia livre é impulsionada pela demanda de indivíduos. Em economias livres, os indivíduos e as grandes corporações tentarão repassar os seus custos, ao mesmo tempo que reterão os benefícios. A solução não vem do socialismo, abolindo-se a economia livre, uma vez que isso apenas colocaria um gigantesco poder econômico nas mãos de incontáveis burocratas igualmente dispostos a exportar os seus custos enquanto tiram proveito das rendas. A solução é ajustar as nossas demandas de modo a arcarmos com os custos, encontrando meios para que o mundo dos negócios siga as mesmas regras. Poderemos corrigir-nos dessa forma apenas se tivermos os motivos para fazê-lo - motivos suficientemente fortes para conter nossos apetites (SCRUTON, 2016, p. 21-22).

Se a tendência entre os ambientalistas é afirmar que os *big players* do mercado são os principais responsáveis dos crimes contra o meio ambiente, pode-se dizer que o Papa Francisco assume essa postura crítica. Pois, embora o Papa não se configure como um ambientalista ao pé da letra, as críticas que o Papa tece em relação aos *big players* vai de encontro às críticas de Roger Scruton, que defende uma economia livre, também conhecida como economia de mercado ou economia capitalista, um sistema econômico baseado na livre interação entre oferta e demanda. Contudo, é importante ressaltar que se uma economia livre é geralmente associada à busca do lucro e à maximização da eficiência econômica, não se pode esquecer que esse mesmo modelo econômico também é associado a desigualdade de renda, externalidades negativas não internalizadas e falta de acesso equitativo a certos bens e serviços essenciais.

É nesse ponto que entra a crítica do Papa Francisco, quando defende a necessidade de se “procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso” (LS 16). Observando os discursos do Papa, uma “economia livre”, à luz do que defende Roger Scruton, não se justificaria. Para o Pontífice, uma economia que não esteja a serviço da vida, especialmente da vida humana (cf. LS 189), não tem motivo de ser. Nesse sentido, o Papa afirma que

não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Neste campo, os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso. Um desenvolvimento tecnológico e econômico, que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso (LS 194).

Na visão do Papa Francisco é necessária uma transformação dos sistemas econômicos e de desenvolvimento, buscando um progresso que seja ecologicamente sustentável, socialmente justo e promotor do bem-estar humano. Isso implica uma mudança de paradigma em relação à forma como se avaliam o sucesso e o progresso, priorizando não apenas o crescimento econômico, mas também a qualidade de vida, a equidade social e a saúde do

planeta. O Papa Francisco defende uma visão mais ampla e abrangente do progresso, que vai além da simples conciliação entre o cuidado da natureza e o ganho financeiro. Ele enfatiza a necessidade de uma transformação dos sistemas econômicos para que sejam ecologicamente sustentáveis, socialmente justos e promotores do bem-estar humano.

Falar em transformação dos sistemas econômicos só é possível mediante o entendimento da essência da política, que segundo Leonardo Boff consiste na “busca comum do bem comum. Um dos efeitos mais avassaladores do capitalismo globalizado e de sua ideologia, o neoliberalismo, é a demolição de bem comum ou de bem-estar social, seja em nível nacional, seja em nível planetário” (BOFF, 2016, p.91). Isso significa dizer, que tanto para o Papa Francisco, como para Leonardo Boff, a transformação dos sistemas econômicos é vista como uma necessidade para resgatar o foco no bem comum e no bem-estar social. Isso envolveria repensar e reformular as estruturas econômicas de maneira a promover a igualdade, a justiça social e a sustentabilidade ambiental.

Contudo, Roger Scruton, defende que

as pessoas à esquerda tendem a definir o seu posicionamento político em termos de uma agenda – uma lista de mudanças que criará uma “nova sociedade”, que substituirá a antiga. Muitos ambientalistas adotaram essa abordagem e fazem pressão para a implantação de uma agenda dominante que remodelará a sociedade segundo o ideal da perfeita retidão ambiental (SCRUTON, 2016, p. 36).

Se Roger Scruton tem razão ou não na sua afirmação, o que se evidencia é que o Papa Francisco assume uma agenda, classificada por Scruton, como própria de “pessoas à esquerda”. Isso coloca o Papa, politicamente, de um lado, “à esquerda”. Como já dito em outro momento, a relação direita-esquerda é carregada de juízo de valor, e a tendência política e religiosa é enxergar a “esquerda” a partir de uma conotação negativa, de modo que “direita” tem sempre uma conotação positiva e “esquerda”, sempre uma conotação negativa. Contudo, como líder religioso, o Papa Francisco busca promover valores e princípios que vão além das divisões políticas convencionais. Sua agenda tem uma base moral e ética, que inclui preocupações com a justiça social, a proteção ambiental e a defesa dos direitos humanos. Por suas posições progressistas, em questões sociais e ambientais, o Papa Francisco tem sido interpretado em seus discursos como uma aproximação com algumas perspectivas associadas à esquerda política. No entanto, sua mensagem transcende as divisões políticas e busca promover uma visão de solidariedade, justiça e cuidado com o próximo, independentemente de rótulos políticos. Mesmo porquer, “direita e esquerda não são palavras que designam conteúdos fixados de uma

vez para sempre. Podem designar diversos conteúdos conforme os tempos e situações” (BOBBIO, 2011, p.107-108).

2.3 Contra o consumismo obsessivo, um novo estilo de vida

Ao tratar da defesa do meio ambiente, o Papa Francisco faz duras críticas ao consumismo e convida a humanidade a se propor a viver um novo estilo de vida, como meio necessário para proteger o Planeta. Para o Pontífice, “o consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma tecno-económico” (LS 203). Posicionar-se contra o “consumismo obsessivo”, é, segundo Roger Scruton, uma posição própria da “esquerda”, que segundo ele, “existe uma arraigada tendência nas esquerdas de confundir os interesses individuais, racionalmente engendrados e propulsores do mercado, com a questão da ganância, que é uma forma de excesso irracional” (SCRUTON, 2016, p. 13). Desse modo, o que se evidencia, é que enquanto o Papa fala da obsessão pelo consumo como reflexo do paradigma tecno-econômico, Roger Scruton diz que o consumo está dentro dos interesses individuais, e que, portanto, não pode ser confundido com “ganância”. Entretanto, para Francisco existe uma ganância desenfreada que isola o ser humano na busca apenas por benefício pessoal (cf. LS 237). Nesse sentido, Roger Scruton coloca que “o contraste entre o individualismo e o igualitário subentende muitas de nossas diferenças políticas, incluindo, é obvio e não menos interessante, as questões ambientais” (SCRUTON, 2016, p. 69).

Dentro dessa perspectiva do individualismo e do igualitário⁶⁰, o discurso do Papa Francisco defende que não se pode “legitimar o modelo distributivo atual, no qual uma minoria se julga com o direito de consumir numa proporção que seria impossível generalizar, porque o planeta não poderia sequer conter os resíduos de tal consumo” (LS 50). Entretanto, segundo Roger Scruton, o que está por trás do igualitarismo, é o que “Nietzsche chamou de *ressentimento*: o juízo de que poder e privilégio afrontam os que não possuem, e que portanto devem ser derrubados de sua eminência para que a igualdade possa ser estabelecida no lugar” (SCRUTON, 2016, p. 71). Ele ainda afirma que “o *ressentimento* é uma das razões pelas quais as pessoas da esquerda rechaçam os mercados, as hierarquias sociais, o mundo das finanças e do *big business*, vendo nessas realidades somente a ganância dos que lucram e a opressão imposta aos que não tem” (SCRUTON, 2016, p. 73). Entretanto, Norberto Bobbio diz que

⁶⁰ A distinção entre igualitário e individualista corresponde, em parte, à divisão entre esquerda e direita – entre “liberal” e “conservadores” (SCRUTON, p. 70).

afirmar que a esquerda é igualitária, e que, portanto, deseja que todos os homens sejam iguais em tudo, não passa de uma visão utópica⁶¹. Em outras palavras, Bobbio diz que “afirmar que a esquerda é igualitária não quer dizer que ela também é igualitarista” (BOBBIO, 2004, p. 116). De modo que, quando o Papa Francisco critica o sistema distributivo atual, em que alguns se julgam no direito de assumir um estilo de vida totalmente voltado para o consumismo, o Papa não evidencia a busca pelo igualitarismo, o que colapsaria o Planeta, mas a necessidade de se repensar os estilos de vida, em vista da proteção da “casa comum”, de modo que, para o Papa, diante dos desafios ambientais existentes, não é possível pensar apenas nos interesses individuais, mas pensar no interesse igualitário, o que não quer dizer igualitarismo.

Diante disso, pode-se dizer que, o que está em jogo é que

contemplando o mundo, damos conta de que este nível de intervenção humana, muitas vezes ao serviço da finança e do consumismo, faz com que esta terra onde vivemos se torne realmente menos rica e bela, cada vez mais limitada e cinzenta, enquanto ao mesmo tempo o desenvolvimento da tecnologia e das ofertas de consumo continua a avançar sem limites. Assim, parece que nos iludimos de poder substituir uma beleza insuprível e irrecuperável por outra criada por nós (LS 34).

Ao criticar o consumismo obsessivo, o Papa Francisco faz uma escolha, que segundo os conservadores, é própria de quem pensa à “esquerda”, principalmente, quando diante do que se observa, propõe a necessidade de se assumir um novo estilo de vida, a fim “salvar” o Planeta. Se para Roger Scruton o consumismo tem que ver com os interesses individuais, para o Papa é necessário superar o individualismo a fim de se desenvolver um estilo de vida alternativo, e relevante para a sociedade (cf. LS 208).

Roger Scruton talvez classificaria os discursos do Papa Francisco como “apocalípticos” ou “imperativos salvacionistas”. Porque segundo ele, “para os salvacionistas, é somente na radical mudança dos modos de vida que se cumprirão os objetivos que envolvem questões tanto de ordem espiritual quanto material” (SCRUTON, 2016, p. 80), que é justamente a proposta do Papa Francisco, mudar o estilo de vida a fim de salvaguardar o Planeta, de modo que, “uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais” (LS 225).

É nesse confronto discursivo, com posicionamentos (con)divergentes que se encontra Francisco, ao assumir o discurso ecológico em defesa do meio ambiente, com visão diferente dos que defendem a livre economia e o consumo pautado no interesse individual. A proposição

⁶¹ Uma coisa é doutrina igualitária ou um movimento nela inspirado, que tendem a reduzir as desigualdades sociais e a tornar menos penosas as desigualdades naturais; outra coisa é o igualitarismo, quando entendido como “igualdade de todos em tudo” (BOBBIO, 2004, p. 116).

discursiva de Francisco tem um direcionamento objetivo, que visa conscientizar a humanidade sobre a necessidade de repensar os estilos de vida, diante de um consumismo obsessivo. Mas, a partir do momento em que as escolhas discursivas de Francisco são associadas à “esquerda”, indicia-se uma polarização ideológica tanto no ambiente eclesial, quanto no social. Isso porque as posições políticas “direita” e “esquerda”, também passaram a fazer parte discussões no ambiente eclesial.

2.4 Crítica às novas formas de poder

Ainda, segundo a visão conservadora, o movimento ambientalista é, na verdade, uma forma de se posicionar contra as estruturas de poder. Se se considera o discurso do Papa Francisco dentro de um “movimento ambientalista”, o Papa, de fato, faz uma enfática crítica ao novo paradigma e às novas formas de poder, que segundo ele derivam hoje da tecnologia. Contudo, para Roger Scruton, apenas “uma pessoa hostil às grandes corporações, ao industrialismo, ao consumismo e ao capitalismo ‘selvagem’ tenderá a achar que essas coisas nos levam à catástrofe, e que o pior será evitado com a radical mudança de nosso estilo de vida” (SCRUTON, 2016, p. 42).

Diante do posicionamento de Scruton, poder-se-ia considerar o Papa Francisco uma pessoa hostil às transformações do mundo, considerando os evidentes impactos dessas transformações na degradação do meio ambiente? Pode-se dizer que não. Pois, embora o Papa faça críticas às novas formas de poder, principalmente às que derivam da tecnologia, não é possível associá-lo diretamente a uma posição de hostilidade. O que se evidencia nos discursos do Papa, a partir da Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, é o desejo de se estabelecer um diálogo com todos sobre a necessidade de encontrar caminhos para proteger o que ele chama de “casa comum”, essa casa em que habita toda a humanidade. Segundo o Papa Francisco,

embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. A isto vem juntar-se o problema de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral (LS 18).

A crítica de Francisco, portanto, não se dá pelo viés da hostilidade, mas sim, pelo entendimento da discrepância entre a velocidade das ações humanas que moldam as estruturas do mundo atual, e o contraste com a cadência natural da evolução biológica. Segundo o Pontífice, as novas formas de poder, centradas principalmente no poder da tecnologia, podem

colocar a humanidade numa grande encruzilhada. O Papa reconhece as benesses advindas do desenvolvimento tecnológico, pois, “a tecnociência, bem orientada, pode produzir coisas realmente valiosas para melhorar a qualidade de vida do ser humano” (LS 103). Entretanto, a crítica de Francisco se dá pelo fato de que esse poder está nas mãos de alguns, que se não souberem fazer uso desse poder poderão destruírem-se a si mesmos e conseqüentemente toda a humanidade. Para Francisco a grande questão é que “‘o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder’, porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência” (LS 205). Isso significa dizer que a crítica de Francisco não é apenas um alerta sobre os perigos da desconexão entre avanço tecnológico e desenvolvimento humano, mas também um apelo à sabedoria e à ética em meio às rápidas transformações que o mundo enfrenta.

Desse modo, Francisco entende que é necessário repensar e “converter” o modelo de desenvolvimento global, a fim de corrigir o que ele chama de disfunção e deturpação da economia. Para o Pontífice, um desenvolvimento econômico e tecnológico que não seja capaz de melhorar o mundo e a qualidade de vida da humanidade, não pode ser considerado progresso (cf. LS 194). Diante desse cenário, em maio de 2019 o Papa convidou jovens economistas empresários e empresárias do mundo inteiro para um evento chamado *A Economia de Francisco*, um evento inspirado na vida de São Francisco, cujo objetivo era estudar e colocar em prática um novo modelo de economia, “que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um ‘pacto’ para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã” (FRANCISCO, 2019). O evento era para ter acontecido de 26 a 28 de março de 2020 em Assis, mas devido a pandemia da COVID 19, só aconteceu três anos depois, de 22 a 24 de setembro de 2022. No discurso de encerramento, o Papa Francisco, falou da necessidade de uma nova economia inspirada em Francisco de Assis, uma economia que seja amiga da terra e da paz. Um novo modelo econômico que transforme a economia que mata numa economia da vida, em todas as suas dimensões.

A crítica de Francisco, portanto, às novas formas de poder, estão relacionadas não necessariamente a uma “ideologia esquerdista”, como sugere Roger Scruton. Entretanto, o que se evidencia nos discursos do Papa é uma crítica a um modelo econômico inconsequente e despreocupado com as questões ambientais e com as populações mais pobres. Assim, o Papa entende que da mesma forma que a economia cresceu abusando do Planeta, hoje é necessário

aprender a fazer sacrifícios nos estilos de vida ainda insustentáveis (cf. FRANCISCO, 2022), ou seja, criar um estilo de vida distinto da dinâmica do consumo obsessivo.

3. Francisco, um Papa à “esquerda”

Dizer que o Papa Francisco é um Papa à “esquerda”, pode soar pejorativo, tendo em vista que o termo “esquerda” sempre foi apresentado como um conceito ou uma “ideologia”, aquém da “direita”, principalmente dentro da Igreja. Contudo, quando se observa as características dos ambientalistas da esquerda, conforme descritas por Roger Scruton, são características que se aproximam evidentemente dos discursos do Papa Francisco. Apesar de ter escrito uma Encíclica em defesa do meio ambiente, não é possível considerar o Papa Francisco categoricamente um ambientalista, o que talvez possibilitasse distanciá-lo das características próprias de quem pensa à esquerda. Entretanto, as evidências discursivas sobre o meio ambiente colocam o Papa Francisco dentro de uma característica própria de quem pensa à “esquerda”, ainda que ele não seja evidentemente um ambientalista.

Segundo Roger Scruton,

os esquerdistas acreditam, como os jacobinos da Revolução Francesa, que os bens deste mundo são injustamente distribuídos e que a culpa não é da natureza humana, mas sim de usurpações praticadas por uma classe dominante. Eles se definem em oposição ao poder estabelecido, defensores de uma nova ordem que retificará o antigo agravo dos oprimidos (SCRUTON, 2018).

Sim, os discursos do Papa Francisco são permeados por uma forte crítica ao modo como os bens desse mundo são distribuídos, e que a má distribuição é determinada por uma certa classe dominante incapaz de sair da zona de conforto para olhar para além dos próprios interesses. Nesse sentido, o Papa se coloca como um defensor dos mais pobres e esquecidos da sociedade e, conseqüentemente, se coloca contra as estruturas de poder, principalmente do poder que hoje emana da tecnociência, que embora seja classificada como evolução tecnológica, ainda não foi capaz de pensar no bem-estar coletivo, mas apenas atender aos interesses da economia neoliberal, que explora inconseqüentemente os recursos naturais, para atender as demandas do que o Papa chama de consumo obsessivo. Todavia, quando se afirma que o Papa se coloca contra as estruturas de poder, principalmente as emanadas da tecnociência, não significa que ele seja um reacionário ao avanço da ciência. Pelo contrário, o Papa reconhece os benefícios que a tecnociência foi capaz de provocar na transformação de muitas realidades.

O que o Papa não concorda é com a lógica do mercado⁶², principalmente, porque segundo o Pontífice,

é verdade que, hoje, alguns sectores económicos exercem mais poder do que os próprios Estados. Mas não se pode justificar uma economia sem política, porque seria incapaz de promover outra lógica para governar os vários aspectos da crise atual. A lógica que não deixa espaço para uma sincera preocupação pelo meio ambiente é a mesma em que não encontra espaço a preocupação por integrar os mais frágeis, porque, no modelo “do êxito” e “individualista” em vigor, parece que não faz sentido investir para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida (LS 196).

Ou seja, para Francisco os atuais setores econômicos não estão preocupados com a crise ambiental, muito menos com a integração dos mais pobres e esquecidos da sociedade. Isso porque muitos setores econômicos detêm um poder significativo e, em alguns casos até superam o poder de muitos Estados. Essa tendência tem sido impulsionada por fatores como a globalização, avanços tecnológicos e a crescente influência das corporações multinacionais que determinam a lógica e a organização da vida em sociedade, mediante o impulsionamento do consumo obsessivo e, conseqüentemente, da deterioração do meio ambiente, sabendo-se que, conforme Francisco, “a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta” (LS 48).

Apesar de tais evidências, afirmar que Francisco é um papa de “esquerda”, é um pouco arriscado, porque aplica-se ao contexto eclesial um conceito ideológico que é próprio da política, e que teoricamente não deveria fazer parte das discussões eclesiais. Mas, o que se observa, entre muitos setores da sociedade, é uma provocação rasa e muitas vezes vazia de associar o Pontífice a uma concepção ideológica de quem pensa à “esquerda”. É claro que normalmente essas associações estão de certa forma ancoradas nas escolhas discursivas do Papa Francisco.

O que se evidencia frequentemente, é a categorização política dentro do ambiente eclesial, como se Igreja e Política estivessem amparadas pelos mesmos princípios

⁶² “A lógica defendida pelo sistema capitalista é sedutora e, no papel, aparentemente inquestionável. O sistema deveria funcionar, pelo menos em tese, gerando e distribuindo riqueza entre todos seus participantes da maneira mais rápida e meritocrática possível. É tão bem estruturada e simples que, em poucas linhas, qualquer um pode entendê-la.

Funciona assim: o objetivo final de toda empresa e pessoa em suas atividades comerciais é o lucro. O lucro, por sua vez, é definido pela diferença entre o preço pago pelos insumos necessários para a confecção de um produto (ou elaboração de um serviço) e o preço pelo qual ele é oferecido e vendido no mercado. Já esse preço pelo qual o produto é vendido no mercado varia em função, principalmente, do quanto as pessoas estão dispostas a pagar por aquilo que o produto pode lhes oferecer. Na teoria econômica, chama-se isto de utilidade marginal. Ou seja, qual é a utilidade adicional que uma pessoa passa a ter ao adquirir aquilo que está sendo oferecido. Quanto maior essa utilidade, maior será sua disposição para trocar uma fatia mais gorda de sua riqueza pelo objeto. Em outras palavras, maior será o preço que aceitará pagar” (MOREIRA, 2020).

metodológicos e ideológicos. Isso porque, quando normalmente se fala de um determinado político, uma das primeiras perguntas possíveis a ser feita, é se tal político é de direita ou de esquerda. Claro que essa pergunta só é possível ser feita e ao mesmo tempo respondida, se houver um mínimo de entendimento do que significa ser de “direta” ou ser de “esquerda”.

Contudo, se tornou comum, principalmente no Brasil, depois de um mandato político da extrema-direita, entre os anos de 2019 e 2022, a utilização dos conceitos “esquerda” e “direita” sem critérios conceituais, aplicados a entendimentos rasos e periféricos, disseminados massivamente pelas redes sociais, atingindo pessoas muitas vezes incapazes de entender e de discutir satisfatoriamente esses conceitos e aplicá-los de modo adequado. Isso porque, “estas duas palavras da linguagem, não só comum, mas popular, são hoje usadas não apenas no discurso político, mas, muitas vezes de maneira até mesmo caricatural, nos mais diversos campos do agir humano” (BOBBIO, 2011, p.28). Claro que essa discussão conceitual não é uma particularidade apenas do Brasil, pois desde 2010 a onda conservadora tem se alastrado por vários países do mundo, e a grande questão por trás dessa onda, é o “combate” à esquerda e sua forma de pensar e de se posicionar no mundo.

Nesse sentido, da mesma forma que na política, os conceitos “direita” e “esquerda” também passaram a ser utilizados para descrever características e estabelecer perfis dos membros da Igreja. Embora essa distinção já fosse presente na Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II, com a definição de “conservadores” de um lado e “progressistas” do outro⁶³. Com a eleição do Papa Francisco, em 13 de março de 2013, as terminologias “conservadores” e “progressistas” foram se transformando e se aproximando cada vez mais das definições político-partidárias. Isso porque, com a ascensão da ala conservadora da extrema-direita no mundo, e as discussões em torno do “combate à esquerda”, essa visão conservadora extremista adentrou efusivamente os espaços eclesiais, atingindo principalmente o Papa Francisco que, por se posicionar de forma progressista em relação à Igreja, foi prontamente classificado segundo categorias políticas como sendo de “esquerda”. Sabendo-se que, na visão dos conservadores, ser de esquerda é, conseqüentemente, ser um “comunista”, um outro conceito difuso e ao mesmo tempo confuso por sua aplicabilidade descontextualizada.

Se “a atual confusão de linguagens no discurso político está agravada pelo fato de que parece não ser mais possível desconsiderar duas palavras-chave nesse discurso – precisamente

⁶³ Os ânimos se dividiram entre os esperançosos e os apreensivos. Enumerava-se razões sérias para ambas as posições. Os temerosos se situavam em duas fronteiras. Os conservadores temiam uma sacudidela na ancestral Igreja romana, abalando-lhe a estabilidade e a firmeza. Os progressistas aprontavam uma série de sinais sombrios no horizonte, alguns até mesmo do próprio pontificado de João XXIII (LIBANIO, 2005, p. 60).

‘direita’ e ‘esquerda’, com frequência e com diversos argumentos renegadas (BOBBIO, 2011, p.47), essa mesma confusão está presente de forma difusa nos discursos eclesiais, que embora não tragam as palavras “direita” e “esquerda”, elas se tornaram parte da linguagem dos que polarizam, por exemplo, com os discursos do Papa Francisco. Isso mostra que a divisão política – direita e esquerda – que adentrou à Igreja, indicia, portanto, a ausência de consenso ideológico no ambiente eclesial, provocando uma luta hermenêutica polarizada entre sentidos (con)divergentes, de modo que os discursos do Papa Francisco são marcados por embates e afrontamentos ideológicos que minam a sua autoridade epistêmica. A polarização discursiva está intimamente ligada à ascensão da extrema-direita no mundo, que também adentrou os espaços da Igreja.

Segundo os professores, Vitor Filgueiras, professor Faculdade de Economia da UFBA, e Sávio Cavalcante, professor do Departamento de Sociologia da UNICAMP,

a estratégia da extrema-direita é centrar a definição de esquerda e direita nos direitos civis e políticos, dificultando sequer tocar na proteção dos mais fragilizados à dinâmica dos mercados. Quando a extrema-direita ataca a união homoafetiva, nega a existência do racismo, da violência de gênero, enfim, posições que os demais espectros ideológicos dizem, sinceros ou não, estar de alguma maneira atentos e preocupados (inclusive a direita racional), e quando atribui tudo isso a uma ameaça comunista, ela tem conseguido negar o que deveria ser o patamar mínimo civilizatório do debate. Assim, direitos sociais têm sido facilmente destruídos e propostas de esquerda (fortalecimento do direito do trabalho, previdência pública, reprodução social desmercadorizada não exclusiva aos arranjos familiares etc.) tendem a sequer serem pautadas (FIGUEIRAS e CAVALCANTE, 2020).

Nesse sentido, considerando que a pauta da defesa e proteção do meio ambiente está mais alinhada com a esquerda, que enfatiza em seus discursos a dimensão da justiça social, da sustentabilidade e da equidade ambiental, justifica o modo nefário de agir da extrema-direita, que tem ultrapassado também as fronteiras do ambiente eclesial, transformando a Igreja em um cenário politizado, como se eclesiologia e política vivessem uma simbiose. Isso se reflete tanto entre os fiéis leigos, como entre o próprio clero da Igreja. Aliás, “a própria categoria da política é representada, em uma bem conhecida teoria, pela díade ‘amigo-inimigo’, que resume em nível da mais alta abstração a ideia da política como espaço do antagonismo, cuja forma extrema é a guerra, que é *naturaliter* dicotômica (*mors tua vita mea*)” (BOBBIO, 2011, p. 82). Essa simbiose, portanto, entre eclesiologia e política, tem desencadeado um processo de dicotomia eclesial, enfatizada pela díade “fiel cristão amigo-inimigo”. Contudo, o Papa Francisco se mantém convicto das suas escolhas, principalmente por perceber que “os recursos da terra estão a ser depredados também por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva” (LS 32).

Considerar, portanto, a comunicação (con)divergente da problemática ecológica nos discursos do Papa Francisco, é compreender a díade antitética dentro do ambiente eclesial, que se instalou após a ascensão da extrema-direita no mundo, e que adentrou com força os espaços da Igreja. De modo que a comunicação (con)divergente tem que ver com a díade “fiel cristão amigo-inimigo”, em posições antagônicas, como se a classificação “cristão de direita” fosse sinônimo de “salvação”, e “cristão de esquerda” fosse sinônimo de “condenação”, fogo, inferno.

4. A polarização discursiva em torno do Papa Francisco

A díade “fiel cristão amigo-inimigo”, em posições antagônicas, tem colocado o Papa Francisco num grande desafio, de levar a diante uma Igreja polarizada, em que grande parte dos seus fiéis e correligionários assumem declaradamente oposição ao Papa e seus discursos, que segundo os conservadores católicos, adeptos da extrema-direita, não são condizentes com os “princípios” da fé cristã católica. Isso porque, os discursos progressistas do Papa fazem, direta ou indiretamente, alusões a uma perspectiva à “esquerda”.

Tais alusões tem levado grupos de pessoas a assumirem uma injúria linguística contra o Papa Francisco, chamando-o principalmente de “comunista”. Segundo Judith Butler “a injúria linguística parece resultar não apenas das palavras utilizadas para se dirigir a alguém, mas também do próprio modo de endereçamento, um modo – uma disposição ou um posicionamento convencional – que interpela e constitui o sujeito” (BUTLER, 2021, p. 12-13). Ainda, segundo Butler, chamar uma pessoa de forma injuriosa, é um modo de menosprezá-la, humilhá-la, porque o chamamento injurioso exerce de alguma forma um poder sobre a quem é dirigido. De modo que “a linguagem pode ter efeitos semelhantes aos da dor física ou de um ferimento... a injúria linguística atua de forma similar à injúria física” (BUTLER, 2021, p. 16). Embora seja uma comparação metafórica, o que está em questão é a complexidade do discurso injurioso, capaz de desencadear o que Butler chama de “dor linguística” pelos diferentes modos de endereçamentos.

O discurso injurioso contra o Papa Francisco é endereçado de vários modos, através de dubia⁶⁴, memorando secreto, *fake news*, ofensas nas redes sociais, negação dos discursos do pontífice, referência a outros papas do passado, como por exemplo João Paulo II e Bento XVI, tidos como defensores da “sã doutrina católica”, por suas posturas mais conservadoras.

⁶⁴ “Dubia” (do latim, “dúvidas”) são questões formais dirigidas ao Papa e à Congregação para a Doutrina da Fé, pedindo uma clarificação acerca de temas particulares relativos à doutrina ou à prática cristã católica.

Em 14 de março de 2016, o Papa foi interpelado por quatro Cardeais, conservadores, Card. Walter Brandmüller; Card. Raymond L. Burke; Card. Carlo Caffarra; Card. Joachim Meisner que se utilizaram das Dúbias para questionar o Papa Francisco a respeito da Exortação Apostólica *Amoris laetitia*. Isso porque segundo a doutrina da Igreja, casais em segunda união não podem participar dos sacramentos, principalmente o sacramento da comunhão. Na Exortação Apostólica *Amoris laetitia* o Papa Francisco abre a possibilidade de que para esses casais não lhes seja negado o sacramento da comunhão. Já em 2019 os cardeais Raymond L. Burke e Walter Brandmüller fizeram duras críticas ao Sínodo da Amazônia, alegando que o documento *Instrumentum laboris* (Instrumento de trabalho) aparentou não apenas estar em dissonância a respeito do autêntico ensino na Igreja, mas sendo até mesmo contrário a ele. Em 2023, os cardeais Walter Brandmüller e Raymond L. Burke voltam à cena, com outras *Dubia*, dessa vez associados a outros cardeais, Robert Sarah, da Guiné, o cardeal mexicano Juan Sandoval Íñiguez e o cardeal chinês Zen Ze-Kiun, pois os cardeais, Carlo Caffarra e Joachim Meisner que escreveram as primeiras dúvidas já faleceram. Com as *dubia*, esses cinco cardeais questionam o Papa Francisco a respeito do Sínodo sobre a Sinodalidade, que aconteceu de 4 a 29 de outubro de 2023, apresentando dúvidas sobre a Revelação Divina, sobre a possibilidade de bênção de casais homoafetivos, a ordenação de mulheres e sobre o sacramento da reconciliação. Em 21 de setembro, o Cardeal chinês Zen Ze-Kiun escreveu aos bispos sinodais uma carta, dizendo que está “perplexo” com o que considera uma reinvenção do conceito bíblico de sinodalidade pelos organizadores do evento, numa tentativa de promover o ensino contrário à fé.

Na quaresma de 2022, circulou um memorando anônimo, com duras críticas ao pontificado do Papa Francisco. Após o falecimento do cardeal australiano George Pell, falecido em janeiro de 2023, confirmou-se que ele era o autor do memorando, em que afirma que a influência política do Papa Francisco e do Vaticano é insignificante. E que é perceptível um declínio intelectualmente nos escritos papais em relação aos níveis dos papas São João Paulo II e Bento XVI⁶⁵. Em 2015, o cardeal Pell, em entrevista ao *Financial Times*⁶⁶, quando questionado sobre a Encíclica *Laudato Si'*, afirmou que a Igreja não possui conhecimentos específicos em ciência e nem recebeu do Senhor um mandato específico para se pronunciar sobre assuntos científicos. Esses são posicionamentos de cardeais, movidos por uma visão de Igreja autorreferencial.

⁶⁵ A íntegra do memorando está disponível em: <http://magister.blogautore.espresso.repubblica.it/2022/03/15/trai-cardinali-circola-un-memorandum-sul-prossimo-conclave-eccolo/>

⁶⁶ Entrevista disponível em: <https://www.ft.com/content/7f429c28-2bc6-11e5-acfb-cbd2e1c81cca>

Todas essas iniciativas visam um direcionamento discursivo, carregadas direta ou indiretamente de uma “injúria linguística”, a fim de atingir o Papa Francisco. Segundo Judith Butler (2021, p. 54), “quem enuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é repetido, por reforçar esse tipo de discurso, por restabelecer contextos de ódio e de injúria”. Nesse sentido, os discursos desses cardeais, são fortemente repetidos por grupos conservadores que se opõem declaradamente ao Papa Francisco. Esses discursos se repetem em forma de *fake News*, discussões em sites conservadores ou injúrias nas redes sociais. Mesmo porque “o discurso está sempre, de alguma forma, fora do nosso controle” (BUTLER, 2021, p.34). Prova disso são as pessoas que interagem com esses discursos publicados em sites conservadores. Eles reforçam a injúria por meio da linguagem, ratificam os discursos desses cardeais e minam a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco.

No dia 4 de outubro de 2023 o Papa Francisco publicou a Exortação Apostólica *Laudato Deum*, o que ele chama de *Laudato Si’ 2*, continuando a discussão sobre a crise climática. Contudo, diante desses posicionamentos conservadores dentro da Igreja, injúrias linguísticas são repetidas contra o Papa por outros grupos, que transformam os discursos do Pontífice em pautas políticas e polarizações ideológicas. Desde quando o Papa anunciou a publicação da *Laudate Deum*, segunda parte da *Laudato Si’*, não é difícil se deparar com comentários do tipo⁶⁷,

“A segunda parte da destruição da Igreja”

@sdalazen

“Quando o meio ambiente se tornou mais importante que a salvação das almas?”

@toni.marvolo

“Que Deus nos proteja de mais um documento escrito por este Papa”

@raqueldelstefanello

“A igreja está tomada de ambientalistas e esvaziadas de homens de Fé. Misericórdia”

⁶⁷ Os discursos injuriosos que seguem são comentários em dois posts específicos, publicados na página do Instagram da agência de notícias ACI Digital. O primeiro post foi publicado em 21 de agosto, apresenta a fala do Papa Francisco, em que afirma, “Estou escrevendo uma segunda *Laudato Si’*”. O segundo post, publicado em 4 de outubro de 2023, traz na chamada, “Papa Francisco publica nova exortação *Laudate Deum* sobre a crise climática”.

@kleinlucine

“Papa que não vai deixar saudades, a última palavra é de Deus e não de um homem de carne”

@vadocruzdedeus

“Quanta confusão dentro da Igreja, meu Deus”

@thiagodesignerv

“Será que realmente ele acredita nessas asneiras ou ele realmente serve a agenda 2030?”

@alan.alencar

“Parece até discurso de um secretário da ONU!”

@obrusantos89

Esses são enunciados que direta ou indiretamente interpelam os discursos do Papa Francisco, mostram as divergências na recepção dos discursos do Pontífice. Por isso o tema dessa pesquisa, a **comunicação (con)divergente da problemática ecológica**, considerando que a polarização discursiva tem como pressuposto a divergência ideológica do discurso, e que “o discurso de ódio não apenas comunica uma ideia ou um conjunto de ideias ofensivas, mas também coloca em ação a própria mensagem que ele comunica: a comunicação é, em si mesma, uma forma de conduta” (BUTLER, 2021, p. 124). Um outro exemplo de comunicação, como forma de conduta, foi quando no dia 14 de outubro de 2021, o deputado estadual do PSL Frederico D’Ávila proferiu ataques na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) contra o arcebispo de Aparecida, Dom Orlando Brandes e o Papa Francisco, chamando-os de vagabundos e safados, um discurso pesado e agressivo⁶⁸. O que prova que “os principais interesses de discurso de ódio são tanto retóricos como políticos” (BUTLER, 2021, p. 34).

Outra forma de compreender o discurso de ódio ao Papa Francisco e a polarização dentro da Igreja, é através da indiferença. Muitos padres e religiosos, adeptos de uma visão conservadora da Igreja, com grande influência no meio conservador e de grupos da extrema-direita, manifestam seu desprezo ao Papa, por meio da indiferença. Ou seja, indiferença aos discursos do Pontífice, aos seus gestos, palavras e ações. Tais atitudes são evidenciadas nos

⁶⁸ Discurso disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGWU6QU23c4>

discursos desses religiosos, e mais do que tudo, em suas páginas nas redes sociais, principalmente no Instagram. Frei Gilson, Pe. Paulo Ricardo, Ir. Kelly Patrícia, fundadora do instituto Hesed, que juntos somam mais de sete milhões de seguidores no Instagram⁶⁹, são exemplos de indiferença ao Papa Francisco, porque embora sejam religiosos e religiosas, e façam parte da Igreja, em momento algum seus perfis no Instagram fazem alusão aos discursos ou a figura do Papa Francisco, pelo contrário, é como se vivessem em uma Igreja paralela, movidos por um projeto de integrismo⁷⁰, baseados em documentos de Papas como Pio IX, Pio X ou Pio XII, “os Papas da defesa da ‘identidade católica’ contra o mundo moderno)” (VENÂNCIO, 2023).

5. *Laudate Deum*

O Papa Francisco continua empenhado em levar a diante sua preocupação sobre a crise climática. Oito anos após a publicação da *Laudato Si'*, - sobre o cuidado da casa comum, o Papa Francisco lançou no dia 4 de outubro de 2023, a *Laudate Deum* (LD) – dirigida a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. A motivação de Francisco para a *Laudate Deum*, é que o mundo está desmoronando e a humanidade continua indiferente à crise climática, aproximando-se do que ele chama de ponto de ruptura. Para o Papa, a crise climática é um “problema social global que está intimamente ligado à dignidade da vida humana... não se trata duma questão secundária ou ideológica, mas dum drama que nos prejudica a todos” (LD 3).

Francisco mais uma vez busca deixar claro que discutir a crise climática não é uma questão ideológica, mas um problema que assola toda a humanidade. Nesse sentido, o Papa chama a atenção para os sinais da mudança climática, afirmando que por mais “que se tente negá-los, escondê-los, dissimulá-los ou relativizá-los” (LD 5), esses sinais se impõe a humanidade de forma cada vez mais evidente. Negar, esconder, dissimular, relativizar, são verbos, quase que sinônimos que o Papa usa para mostrar como o tema da crise climática muitas vezes é tratado, principalmente pelas grandes potências econômicas do mundo, que estão preocupadas apenas em lucrar cada vez mais (cf. LD 13).

Entretanto, Francisco tem consciência de que não há um consenso discursivo quando se trata da discussão climática, as divergências de opinião fazem com que o Pontífice tenha que

⁶⁹ Números contabilizados em 13 de outubro de 2023.

⁷⁰ Disposição de espírito de certos católicos (ditos "da direita") que, pretendendo manter a integridade da doutrina, relutam em se adaptar às condições da sociedade moderna, em aceitar o "progressismo" de outros católicos (ditos "de esquerda").

esmiuçar questões que pareceriam óbvias, para evitar o que o Papa chama de “opiniões ridicularizadoras e pouco racionais que encontro mesmo dentro da Igreja Católica” (LD 14). Prova disso é o que diz Giancarlo Straini em um artigo publicado no site da revista italiana MicroMega:

O interesse de Bergoglio pela crise climática é ‘instrumental’, serve-lhe para reafirmar a supremacia de Deus e da Igreja Católica... [e que] os esquerdistas que aplaudem o Papa verde, progressista e “de esquerda”, isolando frases sugestivas individuais, não percebem que estão assimilando um “pacote” que também contém outra coisa: os princípios que justificam o não ao aborto e à eutanásia (STRANI, 2023).

Ou o que assegura o escritor e jornalista italiano Aldo Maria Valli, ao afirmar que a Igreja vive hoje um projeto revolucionário de confusão e ambiguidade, e que para ser católico é necessário ser contra-revolucionário. Nesse caso, ser contra-revolucionário, é posicionar-se contra o Papa Francisco, que segundo Valli, desde o início do seu pontificado tem trabalhado para desestabilizar e derrubar a Igreja. Valli faz duras críticas à Exortação Apostólica, *Laudate Deum*, afirmando que,

em termos de conteúdo, não chega nem ao nível de uma tese de graduação medíocre. Se um aluno tivesse apresentado, dificilmente teria conseguido a promoção. Mas, novamente, nenhuma surpresa. Até o empobrecimento conceitual e estilístico faz parte do plano revolucionário de quem quer destruir (VALLI, 2023).

Esses são exemplos de vozes divergentes que interpelam o Papa Francisco, manifestando uma ampla insatisfação com os discursos do Pontífice. São Pessoas que desejam o retorno de uma Igreja fechada nela mesma, preocupada única e exclusivamente com a ortodoxia, e indiferente às questões sociais. Assim como Straini e Valli, muitas outras vozes tendem a manifestar-se contra o Papa, que tem insistido nos seus discursos, para levar adiante uma reflexão frente aos desafios da crise climática que assola todo o Planeta. Para muitos, o Papa está mais preocupado em salvar as “árvores” do que as “almas”.

Como se pode observar, a polarização discursiva em torno do Papa Francisco está longe de acabar, porque o Papa lida com percepções e visões diferentes de Igreja e de mundo. A visão progressista de Francisco confronta diretamente visões conservadoras que tendem a negar os discursos do Papa, por considerá-los muitas vezes “heréticos” e rasos em relação à fé, à moral e ao culto. Entretanto, Francisco parece conviver bem com o que ele chama de “opiniões ridicularizadoras e pouco racionais” (LD 14). Para o Papa faz-se necessária uma visão mais ampla da realidade, a fim de compreender os desafios e as implicações das ações humanas na degradação ambiental, principalmente no que o Papa chama de “paradigma tecnocrático”, que segundo o Pontífice, “alimenta-se monstruosamente de si mesmo” (LD 21). A crítica do Papa

é que o paradigma tecnocrático deu grande poder ao homem, o que não significa necessariamente um progresso para a humanidade, principalmente por colocar “em perigo a vida de muitos seres e a nossa própria sobrevivência” (LD 28). Segundo o Papa, o paradigma tecnocrático tende a valorizar a lógica do máximo lucro, sem se preocupar “com a casa comum e qualquer cuidado pela promoção dos descartados da sociedade” (LD 31). O Papa já havia discutido o paradigma da tecnociência na *Laudato Si'*, mas na *Laudate Deum*, Francisco coloca mais peso no discurso, afirmando que o paradigma da tecnociência destruiu a relação harmoniosa entre interação humana com o meio ambiente (cf. LD 27).

Ainda que em meio as críticas e divergências discursivas, o Papa Francisco, com capacidade científica ou não para discutir a crise climática, continua sendo a voz com grande expansão mundial, que insiste em chamar atenção da humanidade para a necessidade de se repensar o modo de ser e de agir em relação à natureza. Com uma visão progressista, muitas vezes, classificado como sendo um Papa que pensa à “esquerda”; com os seus discursos Francisco preenche lacunas na sociedade, principalmente frente aos que estão preocupados apenas com os interesses individuais, movidos pela lógica do máximo lucro, sem se preocupar com os impactos de suas ações para a vida do Planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática ecológica é um dos temas-chaves do pontificado do Papa Francisco. Desde a sua eleição, ele tem se mostrado totalmente preocupado com a crise climática global. Entretanto, os discursos do Sumo Pontífice têm sido causa de dissenso ideológico no ambiente eclesial, provocando uma luta hermenêutica polarizada entre sentidos (con)divergentes. Desse modo, o que se buscou nessa tese foi responder por que a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco leva a uma interpretação (con)divergente da questão ecológica, e por que os discursos do Papa são marcados por polarizações e acusações de desrespeito à doutrina cristã católica.

Para isso, levou-se em consideração as seguintes hipóteses, a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco indicia a polarização do ambiente eclesial. A polarização ecológica decorrente do discurso do Papa é interpretada ideologicamente. Os discursos do Papa levam a uma luta hermenêutica. A luta hermenêutica mina a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco e evidencia a politização do ambiente eclesial. A politização é paralela à dinâmica social no seu conjunto.

Diante do problema da pesquisa e das hipóteses levantadas, comprovou-se que a ausência de consenso no ambiente eclesial não é algo novo, entretanto, no pontificado de Francisco a falta de consenso desencadeou uma luta hermenêutica em sentidos (con)divergentes, marcada pela polarização ideológica em torno dos seus discursos. Isso porque seu pensar ecológico não é isolado, mas permeado por uma dimensão teológica, filosófica, antropológica, social, política e econômica. O Papa parte do pressuposto de que tudo está intimamente relacionado, todas as coisas estão interligadas umas às outras.

Isso significa que para Francisco o meio ambiente não é apenas a parte verde do Planeta, mas a relação entre natureza e a sociedade que a habita. Ou seja, para o Papa não é possível discutir as questões relacionadas ao meio ambiente sem levar em consideração o meio social. Nesse sentido, para Francisco as mudanças climáticas são um problema de ordem global, com graves impactos ambientais, sociais, econômicos, distributivos e políticos, com graves

consequências, principalmente para as populações mais pobres do Planeta. Assim, falar em defesa do meio ambiente em processos comunicacionais (con)divergentes, compreende que os discursos do Papa Francisco fazem parte de um processo comunicacional marcado por entendimentos convergentes e divergentes ao mesmo tempo, desencadeando numa polarização discursiva entre proponente e oponentes.

A polarização em torno dos discursos do Papa Francisco sobre a questão ambiental tem como contexto a acusação de que os seus discursos estão alinhados com a visão política da “esquerda”, como se o Papa estivesse fazendo um protesto em defesa dos pobres e oprimidos, ou lutando contra as grandes corporações, contra o consumismo e as estruturas de poder. Essa acusação mina a inteligibilidade discursiva do Papa Francisco, que vê seus discursos e posicionamentos associados a uma visão ideológica partidária de esquerda.

Uma das grandes questões relacionadas aos discursos do Papa Francisco tem que ver com o fato de o Papa apresentar um olhar voltado para as populações pobres do mundo, resgatando um princípio que foi estabelecido pela Teologia da Libertação, o princípio da opção preferencial da Igreja pelos pobres, mas que se perdeu com o passar do tempo, justamente pela dicotomia existente entre progressistas (esquerda) e conservadores (direita), sabendo-se que a esquerda sempre foi colocada na história como uma posição ideológica inferior à visão conservadora de direita. Isso porque, quando se trata de juízo de valor, a tendência tanto da política como da linguagem religiosa é enxergar a “esquerda” a partir de uma conotação negativa.

No resgate do princípio da Teologia da Libertação, uma teologia que foi duramente criticada e combatida durante o pontificado do Papa João Paulo II, o Papa Francisco se coloca num lugar de acirrada luta hermenêutica, porque conceitos que haviam sido “marxizados” e, conseqüentemente, “abolidos” em pontificados anteriores, são reafirmados pelo Papa Francisco. Com isso, o Papa desperta, nos que defendem uma visão conservadora da Igreja e da sociedade, motivação para criticá-lo e acusá-lo de “comunista”, um, rótulo que acompanha o Papa Francisco desde o início do seu pontificado.

Assim, afirmar que o Papa Francisco é um Papa à “esquerda”, pode soar de forma pejorativa, tendo em vista que o termo “esquerda” sempre foi apresentado como um conceito ou uma “ideologia”, aquém da “direita”, principalmente dentro da Igreja. Além disso, afirmar que Francisco é um papa de “esquerda”, é um pouco arriscado, porque aplica-se ao contexto eclesial um conceito ideológico que é próprio da política, e que teoricamente não deveria fazer parte das discussões eclesiais. Com isso, o que se evidencia frequentemente é a categorização política dentro do ambiente eclesial, como se Igreja e Política estivessem amparadas pelos

mesmos princípios metodológicos e ideológicos. Isso porque, quando normalmente se fala de um determinado político, uma das primeiras perguntas possíveis é se tal político é de direita ou de esquerda, de modo que não é possível fazer a mesma pergunta sobre um papa em específico, porque o ambiente eclesial e o ambiente político são realidades distintas.

Apesar disso, desde 2010, com a ascensão da extrema direita e o avanço de uma onda conservadora no mundo, que além de atuar na política, adentrou com força no ambiente eclesial, os conceitos, “esquerda” e “direita” passaram a ser aplicados a entendimentos rasos e periféricos e disseminados massivamente pelas redes sociais, utilizados para descrever características e estabelecer perfis, inclusive dos membros da Igreja.

Embora essa distinção já fosse presente na Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II, com a definição de “conservadores” de um lado e “progressistas” do outro, com a eleição do Papa Francisco, em 13 de março de 2013, as terminologias “conservadores” e “progressistas” foram se transformando e se aproximando cada vez mais das definições político-partidárias. De modo que, quando o Papa Francisco apresenta nos seus discursos uma visão “progressista” da Igreja, a ala conservadora tende classificá-lo com categorias políticas como sendo de “esquerda”. Sabendo-se que, na visão dos conservadores, ser de esquerda é, conseqüentemente, ser um “comunista”, um outro conceito difuso e ao mesmo tempo confuso por sua aplicabilidade descontextualizada.

A divisão política – direita e esquerda – que adentrou à Igreja, indicia, portanto, a ausência de consenso ideológico no ambiente eclesial, provocando uma luta hermenêutica polarizada entre sentidos (con)divergentes, de modo que os discursos do Papa Francisco são marcados por embates e afrontamentos ideológicos que minam sua autoridade epistêmica. Essa simbiose, portanto, entre eclesiologia e política, tem desencadeado um processo de dicotomia eclesial, enfatizada pela díade “fiel cristão amigo-inimigo”. De modo que a comunicação (con)divergente tem que ver com a díade “fiel cristão amigo-inimigo”, em posições antagônicas, como se a classificação “cristão de direita” fosse sinônimo de “salvação”, e “cristão de esquerda” fosse sinônimo de “condenação”, fogo, inferno.

A díade “fiel cristão amigo-inimigo”, em posições antagônicas, tem colocado Papa Francisco diante de um desafio significativo: conduzir uma Igreja dividida. Uma parte considerável dos católicos, incluindo alguns de seus correligionários mais próximos, posiciona-se abertamente contra o Papa e suas ideias. De acordo com os setores conservadores e católicos de extrema-direita, os pronunciamentos do Papa não refletem os “princípios” da fé católica tradicional. Os discursos do Papa, que frequentemente adotam uma perspectiva de diálogo com os desafios do mundo atual, têm sido interpretados por esses grupos como inclinados

ideologicamente à esquerda. Como resultado, algumas pessoas têm recorrido a ataques verbais contra o Papa Francisco, rotulando-o pejorativamente de "comunista".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- APOSTOLORUM LIMINA*, 1974. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19740523_apostolorum-limina.html Acessado em: 14 de jan. de 2021.
- AUTORIDADE DO MAGISTÉRIO. In: **Lexicon**: dicionário teológico enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BENTO XVI, Papa. **Discurso do papa Bento XVI a seis novos embaixadores acreditados junto da santa sé**, 2011. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20110609_ambassadors.html Acessado em: 27 de jan. de 2021.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma discussão política. São Paulo: Unesp, 2011.
- BOFF, Leonardo. **A terra na palma da mão**. Uma nova visão do planeta e da humanidade. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BOFF, Leonardo. **O Papa da volta à grande disciplina**. In: IHU on-line, ano 5, nº 135, abril de 2005. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao135.pdf> Acessado em: 03 de jun. de 2021.
- BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: paulinas, 2016.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Unesp, 2021.
- CARITAS IN VERITATE*, 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html Acessado em: 25 de jan. de 2021.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHRISTI FIDELES LAICI, 1988. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html Acessado em: 19 de jan. de 2021.

CLAUDEMAR, Alves Fernandes. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2007.

COMBLIN, José. **Cristianismo rumo ao século XXI**: nova caminhada de libertação. São Paulo: Paulus, 1996.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html Acessado em 25 de jan. de 2022.

DANTAS, José Erivaldo. **O Conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 230, 2019.

DOUGLE, Eric. **Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

ENTREVISTA COMPLETA DE GUSTAVO SYLVESTRE CON EL PAPA FRANCISCO EN C5N. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NK86Ptb_p3I Acessado em: 17 de jun. de 2023.

FAGGIOLI, Massimo. **Vaticano II**: a luta pelo sentido. São Paulo: Paulinas, 2013.

FAO NO BRASIL. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/programas-e-projetos/pt/> acessado em: 12 de jan. de 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIGUEIRAS, Vitor e CAVALCANTE, Sávio. A falsa polarização e a definição de esquerda e direita. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/599741-a-falsa-polarizacao-e-a-definicao-de-esquerda-e-direita>, 2020. Acessado em: 26 de ago. de 2023.

FRANCISCO, Papa. **Angelus**, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20171015.html Acessado em 4 de mar. de 2022.

FRANCISCO, Papa. **Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”**, 2019. Disponível em:

- https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html, 2019. Acessado em: 15 de ago. de 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos**, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html Acessado em 4 de mar. de 2022.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Laudate Deum***, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html Acessado em: 4 de outubro de 2023.
- FRANCISCO, Papa. ***Laudato Si'***. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- FRANCISCO, Papa. **Visita a Assis por ocasião do evento “*Economy of Francesco*”**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220924-visita-assisi.html>, 2022. Acessado em: 15 de ago. de 2023.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, Papyrus, 2015.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000.
- J.L. AUSTIN. **Quando dizer é fazer**. Palavra e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Homilia do papa João Paulo II durante a missa campal na praça em frente à Catedral de Uagadugu**, 1980. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800510_ouagadougou-africa.html Acessado em: 18 de jan. de 2021.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Mensagem de sua santidade, João Paulo II para a celebração do XII Dia Mundial da Paz**, 1979. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19781221_xii-world-day-for-peace.html Acessado em: 18 de jan. de 2021.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Visita Pastoral à Diocese de Belluno-feltre**, 1987. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19870712_messa-val-visdende.html Acessado em: 19 de jan. de 2021.
- JOÃO XXIII, Papa. **Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do ss. Concílio**, 1962. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html Acessado em: 01 de mai. De 2021.
- KÜNG, Hans. **A igreja tem salvação?** São Paulo: Paulus, 2012.

- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** – Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividade**. São Paulo: Sesc e n1-edições, 2014.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LE GOFF, Jacques. **Sao Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LECLERC, Eloi. **O cântico das criaturas ou os símbolos da união**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005.
- LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicologia ou mediologia?** A fundamentação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MOREIRA, Eduardo. **Economia do desejo: a farsa da tese neoliberal**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020. *E-book*.
- MORIN, Edgar e KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1995.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília 2000.
- MORIN, Edgar. **Por uma reforma do pensamento**. In PENA-VEGA, Alfredo e ALMEIDA, Elimar P. de. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.
- O SÍNODO DOS BISPOS. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/sinodo-pan-amazonico/o-sinodo-dos-bispos-.html> Acessado em 22 de abr. de 2022.
- OCTOGESIMA ADVENIENS*, 1974. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html Acessado em: 14 de jan. de 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

PALACIO, Carlos. **Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo**. São Paulo, Loyola, 2001.

PASTORES GREGIS, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.html Acessado em: 20 de jan. de 2021.

PAULO VI, Papa. *Apostolica Sollicitudo*, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html Acessado em 4 de mar. de 2022.

PAULO VI, Papa. **Visita do Santo Padre à sede da FAO por ocasião do XXV aniversário da instituição**, 1970. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19701116_xxv-istituzione-fao.html Acessado em: 13 de jan. de 2021.

REDEMPTOR HOMINIS, 1979. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html Acessado em: 18 de jan. de 2021.

RERUM NOVARUM, 1891. Disponível em: http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html Acessado em: 14 de jan. de 2021.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**, 1984. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html Acessado em: 06 de mai. De 2021.

SAUDAÇÃO DO PAPA FRANCISCO. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191007_apertura-sinodo.html Acessado em: 25 de abr. de 2022.

SCRUTON, Roger. **Filosofia verde: como pensar seriamente o Planeta**. São Paulo, É Realizações, 2016.

SCRUTON, Roger. **Tolos, fraudes e militantes: pensadores da nova esquerda**. Rio de Janeiro: Record, 2018. *E-book*.

SÍNODO DOS BISPOS. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sinodo/sinodo_documentazione-generale_po.html Acessado em 4 de mar. de 2022.

SOLLICITUDO REI SOCIALIS, 1987. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html Acessado em: 19 de jan. de 2021.

STRAINI, Giancarlo. Louve o Deum e reze pelo clima: o falso ambientalismo da Igreja. Disponível em: <https://www.micromega.net/il-finto-ambientalismo-della-chiesa-laudate-deum-e-pregate-per-il-clima/>, 2023, Acessado em 14 de outubro de 2023.

TEIXEIRA, Celso Márcio (org). **Escritos de São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação social. Petrópolis: Vozes, 2018.

VALLI, Aldo Maria. **Não é apenas uma crise, é uma revolução**. É por isso que para ser católico você precisa ser contra-revolucionário, 2023. Disponível em: <https://www.aldomariavalli.it/2023/10/10/non-e-solo-una-crisi-e-una-rivoluzione-ecco-perche-per-essere-cattolici-occorre-essere-controrivoluzionari/amp/> Acessado em: 15 de outubro de 2023.

VENÂNCIO, Romero. **Sobre um integrismo católico brasileiro de plantão**, 2023. Disponível em: <http://revista.olutador.org.br/noticia/sobre-um-integrismo-catolico-brasileiro-de-plantao-03102023-150425> Acessado em : 14 de outubro de 2023.